



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO - PPG
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC/CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
- PPGEDUC

O USO DO BLOG NO CURSO DE ENFERMAGEM:
um estudo na disciplina Saúde do Adulto

Salvador
2013

SUIANE COSTA FERREIRA

O USO DO BLOG NO CURSO DE ENFERMAGEM:
um estudo na disciplina Saúde do Adulto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa IV, Formação do Educador, Currículo e Tecnologias Intelectuais, para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Olívia de Matos Oliveira

Salvador
2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

"O USO DO BLOG NO CURSO DE ENFERMAGEM: UM ESTUDO NA DISCIPLINA SAÚDE DO ADULTO"

SUIANE COSTA FERREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 04 de março de 2013, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Profa. Dra. Maria Olívia de Matos Oliveira
Universidade do Estado da Bahia – Uneb
Doutorado em Calidad y Procesos de Innovación Educativa
Universidad Autónoma de Barcelona, U.A.B., Espanha.



Prof. Dr. Marco Antônio da Silva
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Doutorado em Educação
Universidade de São Paulo, USP, Brasil



Profa. Dra. Rosana Freitas Azevedo
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Enfermagem
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil.



Profa. Dra. Maria de Lourdes Soares Ornellas Farias
Universidade do Estado da Bahia – Uneb
Doutorado em Psicologia da Educação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Biblioteca da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

F383

Ferreira, Suiane Costa

O USO DO BLOG NO CURSO DE ENFERMAGEM: um estudo na disciplina Saúde do Adulto/ Suiane Costa Ferreira, Salvador.2013. 135 f.: il.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Olívia de Matos Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade.

1. Educação em Enfermagem 2. Blog 3. Ensino- Aprendizagem

CDD 610.0711

Dedico este trabalho à minha amada família que
constitui-se em meu verdadeiro alicerce na caminhada da
vida

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus por tudo que conquistei até hoje e por ter me dado forças e discernimento para findar mais esta etapa na minha vida.

Em seguida, aos meus pais (Tânia e Mário) que foram meus primeiros professores, do certo e do errado, do amor e respeito ao próximo, da dignidade e da ética. Obrigada, pois sem vocês eu nada seria.

Um muito obrigada à minha família. As minhas irmãs (Nanda e Mai) que me ajudaram a ser quem eu sou, nas trocas, nas partilhas, nas diferenças. Aos meus tios (Eli, Antônio, Beto, Lídia, Rogério) que assumem brilhantemente o papel de pais substitutos, em especial a minha Tia Nadja que mesmo com o tempo tão apertado dedicou-se a me ajudar nesta longa caminhada. Aos meus primos (Ricardo, Macela, Juli, Maria, Ana) que se somam para promover a minha alegria e de toda a família Costa. Aos meus cunhados que me fizeram gargalhar nos vários momentos tensos dos últimos meses, em especial ao Rapha que me salvou nas correções do inglês e português.

Aos meus amigos que, cada um a seu modo, acabaram contribuindo para a realização deste trabalho e me motivando a continuar, em especial a Mary Gomes pelas conversas enriquecedoras e ao Marcelo Paixão por ter me presenteado com meu primeiro livro sobre a interatividade (Sala de aula interativa) e por sempre acreditar que eu daria conta de todas as minhas tarefas extenuantes (muito mais do que eu mesma).

Vilma, minha companheira de mestrado, obrigada por tomar conta de mim nesses dois anos como se fosse sua filha.

Agradeço à banca examinadora que me auxiliou na construção desse trabalho. Muito obrigada à Professora Doutora Rosana Azevedo pela dedicação e pelo exemplo de enfermeira que é. Muito obrigada ao Professor Doutor Marco Silva que foi uma inspiração no estudo da interatividade no blog dentro da minha pesquisa. Muito obrigada à Professora Doutora Lourdes Ornellas pelo olhar carinhoso e sincero sobre minha investigação.

Obrigada à Professora Doutora Maria Olívia Matos Oliveira, minha orientadora, que acreditou no meu desejo de pesquisa, nas minhas ideias, e me ajudou a trilhar esse caminho, fazendo apaixonar-me cada dia mais pelos processos de formação online.

Finalizo agradecendo ao meu noivo Leonardo, que é o meu parceiro incondicional, meu incentivador. Obrigada por torcer sempre por mim e comemorar as minhas conquistas como se fossem as suas.

Dizer que os homens são pessoas e, como
pessoas, são livres, e nada concretamente fazer
para que esta afirmação se objective, é uma farsa

PAULO FREIRE (2005)

RESUMO

O ensino da enfermagem brasileira nasceu atrelado ao modelo biomédico/hospitalar, com característica mecanicista, fragmentado, pautado na transmissão de conteúdos, formando enfermeiros acríticos e descontextualizados. Modificar essa transmissão unidirecional e vertical do saber se faz premente e requer a existência de novas relações, criadas a partir das trocas interativas no sentido todos-todos, em que não há saberes hierarquizados, mas uma construção coletiva. Esse caminho pode ser potencializado pelo uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizado, tanto na sala de aula como no apoio a disciplinas presenciais. Nesse contexto, a interface blog surge para ajudar a ampliar o espaço da sala de aula e oportunizar o confronto de ideias/saberes, contribuindo para uma leitura do mundo que é o primeiro passo para o desvelamento crítico-reflexivo dos sujeitos. Diante disso, este estudo possui como objetivo geral analisar o blog como estratégia pedagógica no apoio à disciplina presencial “Saúde do Adulto” de um curso de graduação em enfermagem, e suas potencialidades para construção de uma aprendizagem apoiada no diálogo e na interatividade. A pesquisa constituiu-se em uma pesquisa-formação com abordagem qualitativa. O blog foi construído pela professora e utilizado durante todo o semestre no apoio à disciplina. Para coletar os dados foram utilizados: questionário estruturado para traçar o perfil da turma, acompanhamento do uso da interface blog e um questionário aberto para apreender as opiniões dos alunos sobre a experiência. Através da Análise da Conversação foi possível perceber que, embora tenha havido elevada visitação e baixa publicação de comentários, muitas das características básicas constitutivas da conversação face a face estiveram presentes na conversação mediada pelo computador, sendo possível instituir-se uma rede online de aprendizagem. A partir da Análise do Conteúdo verificou-se que os alunos, embora possuíssem concepções distintas sobre o blog, apontaram possibilidades e dificuldades no seu uso. Com relação às possibilidades, destacou-se o apoio efetivo à disciplina presencial ancorada no uso de uma linguagem mais dinâmica e hipertextual, na desterritorialização e na oportunidade de aquisição de informações assim como a exposição de saberes/reflexões. Os desafios apontados têm forte relação com a falta de tempo para utilizar o blog e com a educação transmissiva tão presente na formação do enfermeiro, além da dificuldade dos alunos em abandonar a posição passiva e de desvalorização dos seus saberes para trilhar caminhos mais ativos, porém mais incertos. Esta pesquisa não desejou encontrar critérios de verdade absoluta sobre o ensino de enfermagem apoiada no uso de tecnologias digitais, pois o blog não é a solução para resolver todos os problemas nos cursos de enfermagem. Contudo, esta interface demonstrou ser uma estratégia pedagógica importante a ser considerada dentro do processo de formação dos enfermeiros, pois o seu uso, apoiado numa educação dialógica e problematizadora, consegue expandir os momentos de interação e troca, construir redes de aprendizagem e possibilitar a produção de um conhecimento coletivo e significativo. Como consequência, conseguirá formar enfermeiros mais autônomos, habilidosos, competentes, críticos e empáticos, que compreendam a vulnerabilidade do sujeito a ser cuidado e o reconheçam como portador de um saber, garantindo uma assistência ética e reflexiva.

Palavras-chave: Educação; Enfermagem; Blog; Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The Brazilian nursing education was born linked to biomedical / hospital, with characteristic mechanistic, fragmented, based on the transmission of content, forming nurses without critical conditions and totally out of the context. Modify this unidirectional and vertical transmission of knowledge is becoming urgent and requires the creation of new relationships created from interactive exchanges, in a perspective that everyone can speak with everyone and that there is no hierarchical knowledge, but a collective construction. This path can be enhanced by using digital technologies and the teaching-learning, both in the classroom and supporting presential disciplines. In this context, the blog appears as an interface to help in expand the space of the classroom and giving the opportunity of confrontation ideas / knowledge. This way the blog helps to understand the environment around, which is the first step to create critical and reflective subjects. Thus, the main objective of this study is exploring the blog as a pedagogical strategy in supporting the classroom discipline called "Adult Health" taught in an undergraduate degree in nursing, and its potential for building a learning based on dialogue and interactivity. The research consisted in a research-training with a qualitative approach. The blog was built and used by a teacher throughout the semester to support the discipline. To collect the data were used: a structured questionnaire to identify the class profile, monitoring the use of the blog interface and an open questionnaire to capture the student's opinions about the experience. Through Conversational Analysis was possible to see that, although there were high visitation and low publication of comments, many of the basic features of constitutive conversation face to face were present in computer-mediated conversation, and you can set up a network of e-learning. The Content Analysis found that students, though having distinct views on the blog, pointed possibilities and difficulties in its use. Regarding possibilities, stood out the effective support to the presential classroom discipline anchored in the use of a more dynamic language and hypertextual, on "leaving the territory", in creating opportunities of the acquisition of informations as well as exposure of knowledge / thoughts. The challenges mentioned have strong relation with the lack of time to use the blog and with the passive education in nursing teaching. In addition, students have huge difficulty in abandoning passive positions and devaluation of their knowledge to follow more active ways, but more uncertain. It is important to say that this research did not desired to find criteria considered absolute truths about nursing education supported by the use of digital technologies, because using blog is not the solution to solve all problems of nursing courses. However, this interface proved to be an important pedagogical strategy to be considered within the process of training nurses, because its use, supported by a dialogical and problem-posing education, can expand the moments of interaction and exchange, build learning networks and enable the production of a significant and collective knowledge. As a result, will be possible to form more autonomous nurses, skilled, competent, critical and empathetic, to understand the vulnerability of the subject to be careful and will be able to recognize as having a knowledge, ensuring an ethical and thoughtful assistance.

Keywords: Education; Nursing; Blog; Teaching-learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Blog da disciplina Saúde do Adulto.....70

Gráfico 1- Municípios de residência dos estudantes do curso de77
enfermagem 2012.2

Figura 2- Lista de seguidores do blog da disciplina Saúde do Adulto.....78

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 13 |
| 1.1 OBJETIVO GERAL | 21 |
| 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 21 |
| 2. SOCIEDADE, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO..... | 24 |
| 3. BLOG: INTERFACE COMUNICACIONAL E PEDAGÓGICA..... | 33 |
| 4. EDUCAÇÃO DIALÓGICA E A FORMAÇÃO DOS ENFERMEIROS. | 48 |
| 5. PERCURSOS METODOLÓGICOS | 62 |
| 5.1 NATUREZA DA PESQUISA | 62 |
| 5.2 UNIVERSO DA PESQUISA | 65 |
| 5.3 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS | 66 |
| 5.4 ANÁLISE DOS DADOS | 72 |
| 5.5 ASPECTOS ÉTICOS | 74 |
| 6. REFLEXÕES SOBRE O USO DA INTERFACE BLOG | 76 |
| 6.1 CONCEPÇÃO DE BLOG | 95 |
| 6.2 POTENCIALIDADES DO BLOG | 99 |
| 6.3 DESAFIOS NO USO DO BLOG | 110 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 115 |
| REFERÊNCIAS | 122 |
| APÊNDICES | 132 |
| APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 133 |
| APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS | 136 |
| APÊNDICE C- QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DO BLOG | 137 |
| ANEXO | 138 |
| ANEXO A | 139 |

1 INTRODUÇÃO

O ensino da saúde no Brasil, surgido no século XX, baseava-se no modelo flexneriano, norte-americano, com característica mecanicista, individualista, especialista e curativista¹. Nesse modelo de atenção à saúde, a doença é vista como um processo natural, biológico, e o social, o coletivo e a comunidade não são considerados dentro do processo de saúde-doença.

A enfermagem brasileira também nasceu atrelada a este modelo biomédico/hospitalar, e por consequência, acabou entendendo o corpo humano como uma máquina complexa, separando corpo e mente, fragmentando o conhecimento em disciplinas, priorizando a formação de especialistas, a compartimentalização do conhecimento para buscar maior eficácia, reafirmando a racionalidade técnica.

Como resultado desse contexto histórico inicial, temos ainda hoje muitos cursos de graduação em enfermagem pautados num currículo formal, rígido, organizado por disciplinas, conformando uma organização curricular que aborda conteúdos do ciclo básico e do ciclo técnico em dois blocos separados e descontextualizados, de elevada carga horária, que devem ser esgotados por professores em prazos previamente estabelecidos, gerando um grau de ansiedade tanto nos docentes quanto discentes.

Nessa lógica, a educação em sala de aula no ensino de enfermagem limitou-se à transmissão dos conhecimentos validados, “imprescindíveis” a formação profissional, oriundos de livros ou pesquisas científicas. Destaca-se assim, a predominância de uma concepção bancária da educação, onde o enfermeiro educador é o que sabe, o que pensa, o que narra, que escolhe o conteúdo a ser discutido, constituindo-se no sujeito do processo. E o estudante passa a ser o que

¹ O setor de saúde brasileiro foi configurado a partir de um modelo dicotômico, entre curativo e preventivo, individual e coletivo, por meio de práticas assistenciais fortemente centradas em hospitais, restritas aos contribuintes previdenciários. Esta concepção de modelo de atenção à saúde seguia, em parte, a herança do pensamento médico ocidental do século XVIII, fundado no desenvolvimento da clínica e no surgimento do hospital, como forma de compreender a doença a partir da disfunção de seus elementos orgânicos. De outra parte, as influências da Escola Norte-Americana, via modelo flexneriano, fundamentado na especialização da medicina orientada ao indivíduo, tiveram profundas repercussões não só na formação médica, mas, sobretudo na estrutura organizacional e funcional do sistema público de saúde (SCHERER;MARINO;RAMOS, 2005, p. 54).

não sabe, o que escuta, o que é conduzido, um simples objeto passivo.

Uma diversidade de conteúdos é apresentada em sala de aula, mas essa pluralidade acaba por não ser suficiente para estimular a troca, a colaboração, a cooperação durante as aulas presenciais, pois, as disciplinas distanciadas uma das outras, e da própria realidade, fazem emergir um conhecimento limitado, constituído de conteúdos paralelos e desconexos e, segundo Ferreira (2003), por vezes até antagônicos, um verdadeiro mosaico de informações nos quais os alunos não se reconhecem e não se identificam com as temáticas discutidas.

Essa prática pedagógica, mecânica e fragmentada, acabou por conduzir a um processo de ensino-aprendizagem reprodutivista baseado no escute, leia, decore e repita.

Freire (2005) afirma que nessa visão bancária da educação, o “saber” constitui-se como uma doação daqueles que se julgam sábios aos que julgam nada saber, mantendo o aluno e o professor distantes, em posições hierarquicamente determinadas. Essa rigidez de posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca e reafirma a educação como mero arquivamento do que se deposita.

Essa condição passiva dos estudantes, paulatinamente, acaba por anular a sua criatividade, estimular a dependência e a ingenuidade. Como consequência desse processo, formam-se enfermeiros que atuam, por vezes, com eficiência técnica, porém com menos autonomia e criticidade.

Esta visão austera da educação, para Behrens e Oliari (2007), conduz a desumanização dos alunos e professores, pois, ambos passam a ser vistos como máquinas ou como partes de uma engrenagem. E, nesta caminhada histórica, reducionista e linear, a enfermagem acabou perdendo em termos de sensibilidade, estética, sentimentos e valores, especialmente em função da supervalorização da técnica.

Contraditoriamente a esta formação fragmentada, tecnicista e especializada, que impede o reconhecimento do ser humano como um ser indiviso, a enfermagem assume, como profissão, o cuidado como seu âmago.

Este cuidado pressupõe resgatar a integralidade da condição humana fragmentada pela razão científica moderna e por isso Schoeller, Leopardi e Ramos (2011) afirmam que o cuidado deveria ser mais plástico, mais arte, ao lado da técnica. A plasticidade requer o conhecimento do outro, o saber sobre o outro e sobre nossas possibilidades como ser cuidador.

O cuidado compõe a linguagem da enfermagem e ao visualizá-lo como um modo de ser, relacional e contextual, caracteriza-se por ser a única ação verdadeiramente independente da enfermagem (WALDOW, 2006, p.3).

Como o ser humano é um ser complexo e singular, é importante que a educação voltada para esse cuidar comungue com esta visão. Portanto, faz-se urgente propiciar aos estudantes de enfermagem um ensino para além do cuidado técnico, criando uma ambiência² de reflexão para aprimorar o ensino do cuidar pautado na atenção diferenciada a cada ser humano visando sua autonomia e seu bem estar (SILVA;FREITAS, 2010).

(...) exercer enfermagem não é uma ideia ou algo apenas imaginado, em que o outro não é sentido, sua natureza não é percebida e suas vivências não são consideradas; é cuidar do outro, cuidar do eu, é perceber, se preocupar, estar com o outro, estar para ouvir, ver, experimentar e conhecer, é postura ética e estética em relação ao mundo (WALDOW, 2001, p.129).

A desarticulação que ainda persiste entre os conteúdos/procedimentos ministrados nos cursos de enfermagem e o cotidiano/realidade social no qual os alunos estão inseridos, dificulta que os estudantes entendam os princípios do cuidado e a função transformadora dos conhecimentos adquiridos, já que esses são transmitidos para serem apenas absorvidos, memorizados e reproduzidos.

Para Freire (2005), a construção do conhecimento não pode ser uma questão de transferência de saberes, pois, no processo de aprendizagem só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, desenvolvendo sua consciência crítica e possibilitando a sua inserção no mundo como sujeito.

² Ambiência aqui “vai além da composição técnica, simples e formal dos ambientes, passando a considerar as situações que são construídas. Essas situações são construídas em determinados espaços e num determinado tempo, e vivenciadas por uma grupalidade, um grupo de pessoas com seus valores culturais e relações sociais” (BRASIL, 2006, p.5).

Guariente e Berbel (2000) afirmam que o ensino na área de enfermagem tem apresentado dificuldades para transpor a maneira tradicional e técnica de produzir conhecimento para alcançar um ensino mais crítico e emancipatório, já que os educandos são reduzidos ao papel de copiadores e reprodutores da verdade absoluta dos educadores, não intervindo em nenhum momento no processo educacional, constituindo-se em sujeitos acríticos.

Na prática docente, no curso de graduação em enfermagem, vive-se as angústias da responsabilidade de transpor essa metodologia baseada exclusivamente na transmissão de conteúdos prontos (embora importantes para a prática profissional), na homogeneização dos alunos e na verticalização do saber para uma metodologia que propicie a conscientização, emancipação dos sujeitos e formação de profissionais autônomos.

Os professores em sala de aula, embora estimulem os alunos a participarem, a interagirem, a questionarem, acabam por perpetuar uma prática repetitiva, fragmentada e desinteressante, sempre correndo contra o relógio para dar conta de todo o conteúdo programático, reafirmando uma educação instrucionista, com uma enorme variedade e quantidade de noções, conceitos e informações que em nada estimulam o pensamento reflexivo e a interação, mas por outro lado, acabam sim, por conduzir ao adestramento³ dos alunos ao mundo.

Ferreira (2003) aponta que a educação do enfermeiro requer o saber biológico e da técnica, mas é preciso saber conviver, partilhar e cooperar para a construção de sociedades mais democráticas e solidárias e, para alcançar essa proposta, o conhecimento de si e a ética são elementos fundamentais para o alcance de uma educação voltada para o cuidado.

O adestramento dos educandos enfraquece a percepção do todo e não estimula o desenvolvimento de uma consciência crítica de si e do mundo o que pode levar, de acordo com Morin (2010), ao enfraquecimento do senso de

³ O processo de adestramento envolve uma relação estabelecida pela autoridade entre professor e aluno, onde a aprendizagem é fortemente marcada por uma prática autoritária e instrucionista, que acaba por conduzir os alunos ao conhecimento e obediência às regras além da perda da autonomia e pensamento crítico.

responsabilidade, onde cada um tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada, bem como ao enfraquecimento da solidariedade tornando os indivíduos seres competitivos, individualistas, desconectados do seu próprio eu e dos seus semelhantes.

Essa educação baseada em um saber dividido em áreas, na busca por um saber global, gera especialidades disciplinares cada vez mais estanques, com profissionais enfermeiros cada vez mais preocupados em manter “sua identidade e independência”, distanciando-se do cuidado pautado numa visão holística e transdisciplinar, e isso faz com que “ilhas epistemológicas, dogmáticas, e acriticamente ensinadas, sem portas nem janelas, sejam mantidas pelas instituições, ainda às voltas com o problema da distribuição de suas ‘fatias’ do saber” (JAPIASSU *apud* TEIXEIRA, 2007, p.80), contribuindo para formar profissionais hiperespecialistas desconectados da realidade onde serão inseridos.

O impacto na enfermagem desse ser humano desconectado e desconectado é muito negativo, pois conduz os profissionais a uma visão fragmentada do outro, reduzindo-o ao seu órgão doente, desconsiderando sua cultura e seus conceitos de vida e saúde, reproduzindo uma relação de opressor-oprimido durante o ato do cuidado.

Os conteúdos apresentados em sala de aula precisam ser reconstruídos e ressignificados pelos alunos, para que a partir disso, construam novas representações próprias daqueles assuntos. E, muitas vezes, isso não consegue ser alcançado durante os breves encontros presenciais das disciplinas.

A superação desse papel de ouvinte, dessa relação vertical entre professor-aluno que atrofia as possibilidades de compreensão e reflexão do mundo, pode ser alcançada através do diálogo, do encontro dos sujeitos, que não se reduz a simples troca de ideias nem ao seu depósito de um sujeito no outro.

Dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais (FREIRE, 2005, p.78).

A efetivação de uma relação dialógica, que deve ser vivenciada no processo de ensino-aprendizagem, depende substancialmente de mudanças de postura dos

sujeitos envolvidos, onde o professor não será mais o centro emissor de informações nem o aluno será um mero receptor, aliando a uma construção de um ambiente democrático.

É preciso oferecer aos educandos experiências que lhes permitam ir à busca do conhecimento. É preciso mergulhar o aluno no contexto da realidade, para que ele, ao confrontar-se com o mundo real, possa ir além das aparências e buscar um entendimento mais profundo (...) Esta maneira de buscar o conhecimento possibilita ao aluno de enfermagem observar, descrever, interpretar a realidade e re-agir transformando-a (FERREIRA, 2003, p.3).

Os professores precisam ser promotores da efervescência do conhecimento, facilitadores do processo, com vistas a formar profissionais capazes de resolverem os problemas inusitados que surgem no cotidiano do seu fazer. Lamentavelmente, na graduação em enfermagem, as aulas ainda se restringem a momentos de exposição de conteúdos infundáveis ou oportunidade de “tira-dúvidas”, desconsiderando a educação como um ato comunicativo e mantendo os papéis de aluno e professor distintos e distantes, perpetuando o significado de formação como puro treino dos graduandos para o desempenho de técnicas e equipando-os para a concorrência do mercado de trabalho.

Freire (2005) afirma que a comunicação transforma seres humanos em sujeitos na medida em que a educação é vista como um processo da comunicação, uma construção partilhada do conhecimento mediada por relações dialógicas entre os homens e o mundo. Schöninger (2010) complementa esta ideia ao afirmar que esta abordagem de comunicação implica numa reciprocidade que não pode ser rompida e seu conteúdo não pode ser apenas comunicado de um sujeito a outro, mas sim ter um significado significante para ambos.

Modificar radicalmente a transmissão linear, unidirecional e vertical do saber na sala de aula requer “a criação de novas relações, criadas a partir das trocas interativas no sentido todos-todos, em que não há saberes hierarquizados, mas uma construção coletiva” (FERREIRA; BIANCHETTI, 2004, p. 254).

Nessa conjuntura, Silva (2010) afirma que a escola deve entrar em sintonia com uma nova modalidade comunicacional baseada na interatividade, onde comunicar não se resume a transmitir, pois quando há apenas a transmissão-

assimilação do conhecimento perde-se a percepção do significado do conteúdo narrado, não havendo desenvolvimento da criatividade, criticidade nem autenticidade. E, nesta sociedade contemporânea, esse diálogo todos-todos pode ser potencializado pelo uso das tecnologias digitais.

A plasticidade do digital possibilita a formação de redes que permitem aos sujeitos estarem simultaneamente em vários espaços, partilhando sentidos, expressando suas singularidades, sendo criadores ou co-criadores de mensagens (SANTOS, 2010), possibilitando desse modo, processos colaborativos de construção do conhecimento e autorizando uma aprendizagem onde o aluno trilha seus próprios caminhos com base nos seus desejos e necessidades, concomitantemente, também realizando trocas com seus pares.

A fim de que o uso das tecnologias digitais na sala de aula contribua para a efetivação de processos comunicativos não coercitivos, horizontais, não lineares e colaborativos, Silva alerta para que

(...) no lugar da memorização e da transmissão centradas no falar-ditar, o professor proponha a aprendizagem aos estudantes modelando os domínios do conhecimento como espaços abertos à navegação, manipulação, colaboração e criação, assim como o conhecimento sob a forma de teias de ligações e de interações, permitindo que os alunos construam seus próprios mapas e conduzam suas explorações (SILVA, 2002, p.5).

Nesse contexto, ao repensar a minha prática docente, como responsável por uma disciplina profissionalizante em um curso de graduação em enfermagem, atrelado ao elevado índice de reprovação e ao sentimento de desmotivação que os alunos possuem em relação a essa disciplina, que consideram cansativa devido a sua imensa carga horária teórica, passei a inquietar-me com essa prática reprodutivista e conteudista presente nas aulas expositivas, apoiada em apresentações de vídeos e textos no *power-point*.

Durante os encontros presenciais, a fim de cumprir as exigências curriculares e o conteúdo programático num curto encontro semanal, uma relação dialógica não consegue ser efetivada. Mas, apoiando-me no pensamento de Coutinho e Bottentuit Júnior (2008) que afirmam ser os espaços da aprendizagem a sala de aula, mas também qualquer outro lugar, comecei a pensar nas tecnologias

digitais como estratégias pedagógicas no ensino de enfermagem, já que propiciam o aumento do espaço de interação entre aluno e professor, extrapolando o limite de espaço-tempo da sala de aula, possibilitando/potencializando a interatividade, a participação colaborativa e o diálogo, pois criam conexões.

As tecnologias digitais possibilitam configurar espaços de aprendizagem, nos quais o conhecimento é construído conjuntamente, porque permitem interatividade. Não há como pensar em educação sem troca, sem co-criação (SILVA;CLARO, 2007, p.84).

Existem inúmeras tecnologias digitais que fazem parte de um conjunto de possíveis facilitadores e motivadores do processo de ensino-aprendizado e entre elas há a interface⁴ blog, que segundo Amorim (2008) e Coutinho e Bottentuit Júnior (2008), abriu a possibilidade de autoria⁵ e de construção social do conhecimento em qualquer espaço, para além do espaço físico da sala de aula, ao oportunizar o confronto de ideias/reflexões, contribuindo para uma leitura do mundo que é o primeiro passo para o desvelamento crítico-reflexivo dos sujeitos.

Ao surgir um questionamento em sala de aula, espera-se que apenas o professor o elucide, já que o mesmo configura-se como o detentor do conhecimento e os alunos não se ouvem, não validam seus iguais. Nesse contexto, o blog pode ser a forma de empoderar o coletivo e possibilitar uma construção coletiva.

O blog configura-se como um ambiente, um espaço de encontro e instrumento de comunicação, e por isso, favorece a integração, sentimento de pertença, trocas, crítica e autocrítica, discussões temáticas, elaboração, colaboração, exploração, experimentação, descoberta. É ainda um ambiente de fácil uso, que não requer exigência de grandes conhecimentos técnicos para sua manipulação, que pode ser acessado de qualquer computador conectado à Internet e com a possibilidade de uma escrita coletiva, não linear.

A educação descontextualizada vivenciada nos cursos de enfermagem, limitada ao espaço-tempo da sala de aula, dificulta a formação de um sujeito crítico-

⁴ Interface, segundo Silva (2009), é entendida como um termo que ganha o sentido de dispositivo para encontro de duas ou mais faces em atitude comunicacional, dialógica, polifônica.

⁵ Autoria aqui entendida como expressão de qualquer tipo de criatividade humana.

reflexivo. Em face das considerações feitas até o momento, definimos como objeto de estudo o uso do blog como estratégia pedagógica no ensino de enfermagem, estabelecendo a seguinte problemática: o uso da interface comunicacional blog seria capaz de contribuir para a inserção do aluno em processos interativos de construção do conhecimento voltados para o cuidado e para a formação de enfermeiros autônomos⁶?

Dentro dessa temática pesquisada, concebemos o blog a partir do conceito de rede⁷, onde se privilegia as interações e a dinâmica das relações e se possibilita a participação-intervenção, almejando conduzir os alunos do acesso à informação para uma construção do conhecimento compartilhada.

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar o blog como estratégia pedagógica no apoio à disciplina presencial “Saúde do Adulto” de um curso de graduação em enfermagem, e suas potencialidades para construção de uma aprendizagem apoiada no diálogo e na interatividade.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Potencializar a relação dialógica e interativa entre professora e estudantes no ambiente do blog;
- b) Conhecer as opiniões dos estudantes sobre esse ambiente no apoio a disciplina presencial;

⁶ Entende-se por enfermeiro autônomo aquele sujeito crítico, reflexivo, capaz de buscar sua emancipação pessoal, social e política, e de tomar decisões conscientes diante dos problemas vivenciados no cotidiano da profissão.

⁷Castells (2003) define rede como um conjunto de nós interconetados.

- c) Verificar a ocorrência da interatividade e conversação no ambiente do blog;
- d) Descrever as possibilidades e as limitações da utilização do blog como espaço de formação dos estudantes de enfermagem;
- e) Refletir sobre o uso de novas tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizado em enfermagem.

O alcance desses objetivos constituirá uma forma de contribuir para a melhor inserção das tecnologias digitais no ensino da enfermagem, utilizando as suas potencialidades para a construção de ambientes comunicacionais que possibilitem/potencializem a relação dialógica e interativa entre todos os sujeitos do processo de ensino-aprendizado, podendo ter como consequência a formação de profissionais enfermeiros críticos, conscientes do seu papel de sujeitos, transformadores de si e da realidade na qual estão inseridos.

Ao propor esta pesquisa, não desejamos encontrar critérios de verdade absoluta sobre o ensino de enfermagem apoiado no uso de tecnologias digitais, pois o objetivo deste estudo assenta-se na possibilidade de professores e alunos, juntos, construir diálogos verdadeiros, buscando alternativas para uma aprendizagem coletiva. Assim, nosso interesse baseia-se em, a partir de uma experiência prática, entender como o processo de ensino-aprendizagem na graduação em enfermagem pode ser favorecido pelo uso do blog.

Para uma melhor compreensão da discussão gerada nessa dissertação, dividimos esse trabalho em capítulos: no capítulo **Sociedade, tecnologia e educação**, apresentamos uma discussão sobre o avanço da tecnologia e as suas repercussões na sociedade; em **Blog: interface comunicacional e estratégia pedagógica**, trazemos a interface blog, sua origem, conceito, aplicações e seu uso no processo de ensino-aprendizado; o capítulo **Educação dialógica e a formação de enfermeiros** aborda a teoria dialógica apoiada nas ideias de Paulo Freire e sua relação com a formação dos enfermeiros especialmente nesta sociedade tecnológica; no capítulo **Percursos metodológicos** descrevemos as etapas

metodológicas percorridas para alcançar os objetivos desta pesquisa; no capítulo **Reflexões sobre o uso da interface blog**, trazemos as concepções dos alunos sobre o uso da interface blog no apoio à disciplina presencial e os desafios inerentes ao seu uso. Para finalizar, no capítulo **Considerações Finais**, discorremos sobre os pontos mais relevantes desta pesquisa e as recomendações que acreditamos contribuir para o processo de ensino-aprendizado na formação dos enfermeiros.

2 SOCIEDADE, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

O nascimento da sociedade industrial foi marcado pelas mudanças nos modelos de organização do tempo e das atividades diárias devido à presença das máquinas, dos trabalhadores especializados e da produção em série sempre voltada para a produção de bens materiais. Essa nova sociedade se desenvolveu a partir do movimento da Revolução Industrial, iniciado no século XVIII na Inglaterra, e marcou o período dos tempos modernos.

O momento da Revolução Industrial faz parte de um período de grande onda revolucionária conhecido como modernidade. Segundo Berman (1986), a história da modernidade é muito vasta podendo ser dividida em três momentos: o primeiro começa no século XVI e vai até o fim do século XVIII e é marcado pela transição, onde as pessoas começam a experimentar a vida moderna. A segunda fase começa com a Revolução Francesa, uma era revolucionária que desencadeia mudanças em todas as dimensões da vida em sociedade (pessoal, social e política). E no século XX, começa a terceira fase onde o processo de modernização se expande globalmente, mas acarreta uma enorme ausência e vazio de valores em meio a uma desconcertante gama de possibilidades.

Essa sociedade de produção em massa foi fortemente influenciada pelos pressupostos do paradigma cartesiano, pautando-se numa visão de mundo mecanicista e reducionista (BEHRENS, 2005).

Esse processo de racionalização imposto pela modernidade impactou a escola, que passou a assumir a função principal de preparar os indivíduos para a inserção na sociedade industrial, entendida como mercado de trabalho. E para atender à “necessidade de corpos domesticados para longos períodos de trabalho em locais fechados, em modalidades lineares e repetitivas” (BISOL, 2010, p.23), a escola moderna se estruturou a partir de salas retangulares, classes dispostas em fila reta para evitar a dispersão dos olhares que deveriam estar direcionados unicamente para o mestre, sinetas e os horários utilizados para internalizar a norma (SILVA, 2008) e na transmissão de conhecimentos úteis ao processo de inserção no arranjo social moderno, adestrando os indivíduos para passivamente obedecerem e

cumprirem a ordem social estabelecida.

Freire (2005) denomina essa concepção pedagógica de “bancária”, onde o professor é um ser superior que ensina a ignorantes, depositando neles todo o seu saber, contribuindo diretamente para o seu ajustamento, acomodação, massificação e coisificação.

A partir dessa visão, a educação acabou por se constituir em um processo de ensinamento fragmentado e desconexo, produzindo “uma sociedade dos desencontros humanos, pois os indivíduos desencontram-se de seu próprio eu e dos seus semelhantes” (NASCIMENTO; HETKOWSKI, 2009, p.139), vivendo num mundo organizado, racionalizado e homogeneizador.

Com o contínuo avanço da indústria, do desenvolvimento tecnológico, da difusão da escolarização e da mídia, a sociedade entrou numa nova era denominada Sociedade pós-industrial (ou pós-moderna), caracterizando-se como um tipo de sociedade já não baseada nem na produção agrícola nem na indústria, mas na produção de informação e serviços.

Carvalho e Kaniski (2000) trazem que neste período pós-industrial predominaram os esforços científicos, tecnológicos e políticos no sentido de informatizar a sociedade, emergindo um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de informação e comunicação, que por sua vez envolvem a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos.

Essa tecnologia passou a ser utilizada pelas pessoas em seus contextos criando uma nova sociedade, a Sociedade da Informação.

A expressão Sociedade da Informação surgiu nesse contexto e passou a ser utilizada como substituto para o conceito complexo de Sociedade pós-industrial, como forma de transmitir o conteúdo específico do novo paradigma tecnológico (WERTHEIN, 2000), que expressa a essência da transformação tecnológica e suas relações com a economia e a sociedade.

Todos procuram observar aspectos da sociedade não mais vinculada à mecanização industrial, mas envolvida agora com um “novo modo

de produção” baseado no fluxo de informações via computador. O computador é o ponto culminante do processo de gestação desta sociedade que vem desde o telefone, rádio, cinema e televisão. Seu progresso técnico vai permitindo que ele englobe todos os meios de informação e comunicação anteriores, tornando-se o centro processador da informação (SILVA, 2010, p. 36).

Para Negroponte (1995), esse paradigma tecnológico configurou-se na passagem de átomos para os bits⁸, onde a eletrônica gerou a desmaterialização da informação, que anteriormente estava presa a um suporte físico (papiro, pedra, livro, disco, etc), a fim de facilitar a sua circulação por conta do processo de digitalização.

Castells (1999) descreve como características basilares desse contexto tecnológico possuir a informação como matéria-prima onde as tecnologias se desenvolvem para permitir o homem atuar sobre a informação propriamente dita, predomínio da lógica em rede, penetrabilidade dos efeitos das tecnologias, pois todos os processos da sociedade são diretamente moldados por elas, flexibilidade já que a tecnologia favorece processos reversíveis e a crescente convergência de tecnologias.

Esse momento de intensa evolução técnico-científica, com implicações significativas na sociedade, caracterizou-se como a terceira revolução tecnológica.

No século XVIII, a primeira revolução substituiu as ferramentas manuais pelas máquinas, aumentando a produtividade e dando origem a uma economia baseada na manufatura. Com o advento da eletricidade, surgiu a segunda revolução que consolidou a divisão do trabalho na indústria e a produção em massa. E com o nascimento da informática na década de 1940, disseminação dos computadores, convergência dos sistemas de comunicação e o advento da Internet comercial, a terceira revolução tecnológica se afirmou e com ela as “tecnologias intelectuais”⁹ se tornaram o principal fator de geração de riquezas (MELLO, 2010).

Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a

⁸ É a simplificação para dígito binário (*Binary digiT*) sendo a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida. Para Negroponte (1995), é o menor elemento atômico no DNA da informação.

⁹ Lima Junior (2007) entende por tecnologia intelectual uma nova forma de organização artificial da informação que imita a mente humana

uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana (...) a Internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede (CASTELLS, 2003, p. 7).

Em 1958, a Internet surgiu com o objetivo de alcançar superioridade militar dos Estados Unidos da América em relação à União Soviética, por ocasião da Guerra Fria. Mas o que permitiu a sua real expansão, abarcando todo o mundo, foi o desenvolvimento de documentos interligados por meio de hiperligações da World Wide Web (WWW), configurando-se como um meio de comunicação de muitos com muitos, em escala global.

Embora a Internet tenha brotado na mente dos cientistas da computação no início da década de 1960, somente em 1995 ela se fez presente na vida da sociedade em geral, acarretando mudanças significativas no seu cotidiano (CASTELLS, 2003) e, conjuntamente com as tecnologias de informação e comunicação, reconfigurou a ordem cultural e possibilitou a construção de uma nova linguagem, engendrando uma proliferação de imagens e um excessivo bombardeio de informação, em uma velocidade avassaladora, além de mediar as relações pessoais e sociais, conformando uma nova sociedade que Castells (1999) denominou “Sociedade em rede”.

Essas relações sociais, ou interações sociais, foram afetadas diretamente pelo avanço tecnológico. Inicialmente, a Internet alienava e isolava, mas na visão de Castells, a Internet “é um instrumento que desenvolve, mas que não muda os comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da Internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são” (CASTELLS, 2003, p. 272).

Ramal (2003) e Thompson (2011) comentam que essas tecnologias digitais modificaram a percepção de simultaneidade do tempo e dos acontecimentos, contribuindo para a descoberta da simultaneidade não espacial, onde “tornou-se possível experimentar eventos simultâneos apesar de acontecerem em lugares completamente distintos” (THOMPSON, 2011, p.59). Firmaram ainda a

desterritorialização¹⁰ no sentido de que navegamos por diferentes lugares, apagando-se as fronteiras geográficas, assim como mudaram o suporte de comunicação onde “o que temos não é nem oral, nem escrito, assim como não é impresso nem gravado: é algo novo produzido numa outra materialidade – digital, fluida, plástica, indefinida” (RAMAL, 2003, p.251), gerando uma velocidade nunca imaginada na produção e circulação de informações. De acordo com Castells (2003),

A era da internet foi aclamada como o fim da geografia. De fato, a internet tem uma geografia própria, uma geografia feita de redes e nós que processam o fluxo de informação gerados e administrados a partir de lugares. Como a unidade é a rede, a arquitetura e a dinâmica de múltiplas redes são as fontes de significados e função para cada lugar (*id. ibidem*, p.170).

Lévy também comenta sobre essa desterritorialização presente nas redes digitais, que faz emergir um texto “sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível” (LÉVY, 1996, p.48) conduzindo ao processo de descentralização do saber.

Essa desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território e oportuniza a criação de novos territórios mais abertos e acessíveis. Desta forma, os saberes presentes nas redes digitais tendem a ser desvinculados de um ponto central, tornando a hierarquia de saberes móvel e relativizável, bem característica da sociedade pós-moderna, marcada pelas conexões em rede, pela mobilidade, pelos fluxos e pelo desenraizamento (BRETHERRICK, 2010).

A todo o momento na rede estamos participando de múltiplos acontecimentos, temos acesso a diversas culturas e a diversas informações que não necessariamente fazem parte do nosso cotidiano. A partir dessas desterritorializações e reterritorializações surge uma trama dinâmica de comunidades organizadas em redes, a partir de interesses e afinidades comuns, onde o indivíduo tem o poder de determinar o momento e a forma de comunicação, substituindo a lógica centralizadora da comunicação de massa por um modelo

¹⁰ A desterritorialização é a saída de um suposto território, que pressupõe uma reterritorialização, o movimento da construção de um novo território (DELEUZE;GUATTARI, 1997). E o território, nesse contexto, é definido por Lemos (2009) como um território informacional, onde o usuário controla o que entra e sai na sua fronteira informacional. Trata-se de um território invisível, constituído na intersecção do espaço físico com o eletrônico.

descentralizado e democrático (MELLO, 2010). Fica claro que a evolução tecnológica e o crescimento da Internet não se resumem a uma simples integração funcional entre máquinas e bancos de dados, mas trata-se de uma reconfiguração social e humana, a partir das pessoas conectadas em rede.

Do ponto de vista de Schaff (1995), essa sociedade da informação também traz em seu bojo contradições muito profundas: o isolamento do indivíduo, apesar da facilidade de intercâmbio; o individualismo e a competição; crescente desemprego estrutural por consequência da automação da produção; controle de um vasto número de informações, através do aparelho estatal, manipulando os indivíduos.

As mudanças, positivas e negativas, advindas dos avanços científicos e tecnológicos transformaram, num ritmo veloz, o mundo numa grande aldeia global e acabaram impondo o surgimento de novos relacionamentos sociais e exigindo o desenvolvimento de capacidades humanas para enfrentar novos desafios. Desta forma, o homem teve que abandonar seus valores duráveis, hábitos imutáveis e conhecimentos adquiridos que serviam para solucionar qualquer problema pelo resto da vida, por uma postura de mutabilidade constante, flexibilidade estrutural, organizacional e relacional, capacidade para “criar, inovar, mudar, buscar soluções para resolver problemas inusitados, agir proativamente, tomar iniciativas em vez de receber ordens e obedecer rigidamente” (REHEM, 2005).

Durante a modernidade, havia a crença em verdades absolutas, conseguidas através do método científico da prova e contraprova, e na razão como a única fonte de produção dos saberes, fundamentando não só o conhecimento científico mais também as relações sociais, as relações de trabalho, a ética e a moral (GATTI, 2011).

Esse mundo de respostas prontas, previsível, rotinizado, podia ser enfrentado através de uma educação baseada em treinamentos, na transmissão de conhecimento e na memorização. Para Rehem (2005), esses mecanismos ofereciam respostas satisfatórias para que o indivíduo enfrentasse o mundo sempre sobre a decisão, determinação e controle de outros sujeitos. Mas, na sociedade pós-industrial (ou em rede), o momento dos computadores, da informática, da Internet, acabou por mudar as relações humanas, exigindo um sujeito adaptável, flexível,

(...) com autonomia intelectual e moral, que desenvolva esquemas e operações mentais facilitadoras da mobilização de conhecimentos, de habilidades, valores, emoções e atitudes que os tornem capazes de assumir responsabilidade plena por sua carreira, por suas relações, por suas ações. Atributos que contribuam, decisivamente, para levar o ser humano a estar em permanente processo de educação, pois nada do que se adquire é mais para o resto da vida: há que se aprender a aprender, a desaprender e a reaprender, indefinidamente (REHEM, 2005, p.4).

Esse contexto propiciou a quebra da crença em verdades científicas universais e exatas, entrando no jogo as probabilidades, o imponderável e a heterogeneidade humana.

A passagem de uma Sociedade industrial para uma Sociedade da informação, de uma sociedade segura para uma sociedade plural e instável, gerou muitas crises (GATTI, 2011) e acabou por exigir conexões, trabalho conjunto e parcerias, no sentido de vencer a fragmentação do conhecimento e alcançar uma nova conformação social, chamada de Sociedade do conhecimento.

A Sociedade da informação, de acordo com Burch (2005), é a pedra angular da Sociedade do conhecimento. Segundo a autora, a definição para a Sociedade da informação está relacionada à ideia da inovação tecnológica, enquanto que a Sociedade do conhecimento inclui uma dimensão de transformação social, cultural, econômica, política e institucional, assim como uma perspectiva mais pluralista e de desenvolvimento.

A simples existência do fluxo de informação não garante a construção do conhecimento, portanto, não garante a instauração da Sociedade do conhecimento. Isso traz reflexo direto sobre o processo educacional, pois para ajudar o aluno a lidar com um nevoeiro de informação presente na rede e estimulá-lo a buscar a construção do próprio conhecimento de forma cooperativa e colaborativa, com vistas a formar um cidadão flexível, com imaginação criativa e autonomia, os educadores precisam investir na horizontalidade das relações, possibilitar diálogos efetivos e ampliar os espaços de aprendizagem para além das salas de aula.

Nesse processo, Behrens (2005, p.75) aponta que o “papel reservado para a educação é a formação da cidadania, que leve em consideração a oferta de

requisitos básicos para viver em uma sociedade em transformação e prepare um cidadão responsável e ético para enfrentar os novos impactos tecnológicos”. Essa nova postura da educação é apontada por Freire (2005) como educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, não mais restringindo a educação ao ato de depositar.

A inserção das tecnologias da informação e comunicação na educação é defendida por Lucena (2003) como fundamental para alcançar a formação desse novo sujeito autônomo uma vez que os alunos já exploram no seu cotidiano as inúmeras possibilidades disponibilizadas pelas tecnologias. E a escola precisa estar participando dessa nova conjuntura, que acaba por forçá-la a abandonar a posição de única fonte de conhecimento para passar a ocupar o papel de mediadora do processo de interpretação e compreensão do grande fluxo de informações existente na rede.

Desse modo, essa Sociedade do conhecimento assume por base o capital humano, deixando de privilegiar a mera transmissão de informações para incentivar a construção de conhecimento enquanto produto da compreensão dessa informação.

Vivemos num contexto dinâmico, onde muitos conhecimentos se tornam obsoletos numa velocidade jamais vista, e o que se aprende hoje pode não mais ser válido amanhã, portanto se faz premente que essa sociedade

(...) aprenda a aprender, num tipo de educação permanente, continuada e em suas mais diversas formas, seja formal, não formal ou informal (...) promovendo o desenvolvimento de cidadãos críticos, autônomos, criativos, que solucionem problemas em contextos imprevistos, que questionem e transformem sua própria sociedade, ou seja, sujeitos de sua própria educação (TIJIBOY, 2008, p.52).

Mercado (2002) contribui para esta discussão e reafirma o papel da educação na formação desse profissional e aponta que, para isso, deve-se substituir a exclusiva instrução que o professor transmite ao aluno, por uma construção do conhecimento pelo aluno com o desenvolvimento de algumas competências como a “capacidade de inovar, criar o novo a partir do conhecido, adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia e comunicação” (MERCADO, 2002, p.13).

Com as tecnologias da informação e da comunicação, novas ambiências de comunicação e de construção do conhecimento foram criadas e a sala de aula deixou de ser um ambiente controlado, transformando-se num ambiente promotor da construção do conhecimento e da necessidade de aprender de uma forma constante e permanente (COUTINHO;BOTTENTUIT JUNIOR, 2008). No entanto, as tecnologias digitais na educação não podem restringir-se ao uso de um meio eletrônico apenas para ilustrar as aulas expositivas, deixando-as mais divertidas e atrativas, pois, desse modo continuam expondo apenas os saberes do docente.

Faz-se importante que os professores e alunos se apropriem dessa nova linguagem tecnológica para que melhor explorem suas possibilidades. Por isso, não se pode acreditar que todas as mudanças necessárias para uma nova dinâmica dentro do processo de ensino-aprendizagem só poderá ser efetivada com a presença das tecnologias digitais na sala de aula. Precisa haver mudança de pensamento, de postura.

Pretto (2008) e Silva (2011) afirmam ser possível engendrar o aprendizado com processos dinâmicos, interativos, dialógicos mesmo sem essas tecnologias, pois pode-se investir em multiplicidades de nós e conexões através dos textos, figuras, músicas, filmes e outros, disponibilizando roteiros em rede e oferecendo possibilidade de exploração e trocas. Contudo, a presença das tecnologias na sala de aula ou no auxílio às aulas presenciais facilita essas múltiplas interconexões, potencializando as trocas entre aluno-aluno e aluno-professor, extrapolando o tempo-espaço da sala de aula, efetivando o diálogo e a interatividade.

3 BLOG: INTERFACE COMUNICACIONAL E PEDAGÓGICA

Em 1991, Tim Berners Lee criou o weblog (Web - rede da Internet; Log - registro, arquivo), ou simplesmente blog, que inicialmente tinha como única função elencar todos os novos sites que surgiam na Internet, sempre baseando-se em links.

Esse período configurou a primeira geração da web, chamada web 1.0, que além de onerosa para os utilizadores, era bastante restrita, pois podia ser manipulada apenas por aqueles que detinham conhecimento da linguagem HTML¹¹. Além disso, limitava a ação do usuário já que o restringia a ser apenas leitor desses blogs, numa postura passiva de acesso à informação.

Em 1999, foram criados os primeiros softwares para blog, como o Blogger, gratuitos ou de baixo custo, que dispensavam conhecimento especializado, facilitando a popularização da interface. Nesse mesmo ano, haviam registrados apenas 23 blogs na rede. Em 2002, já contabilizava-se meio milhão de blogs no mundo, e cinco anos depois, em 2007, já se alcançava a marca de 170 milhões. E destes, 5,9 milhões eram blogs brasileiros (ARAÚJO, 2009; ROSA; ISLAS, 2009).

Recentemente, o site Adnews (2012) publicou uma análise da audiência dos blogs brasileiros e, verificou que, 80 milhões de brasileiros acessam sites de blog diariamente. Dentre esses, 43% possuem ensino superior, 52% moram nas regiões Sul e Sudeste, 50% estão na faixa etária entre 18 a 24 anos, 69% são homens. Com relação às categorias de blogs mais visitados, temos os blogs com temas de entretenimento e esportes (79%), já os de menor audiência possuem temas sobre cultura e educação (1%).

Amaral, Recuero e Montardo (2009) apontam o surgimento das ferramentas de publicação como o divisor de águas para o aprimoramento e popularização dos blogs, visto que permitiu a participação ativa dos usuários. Marcava-se assim a passagem da web 1.0 para a web 2.0, onde o usuário abandonou o papel de mero espectador da ação que transcorria no site que visitava ou de consumidor de

¹¹ HTML- Hypertext Markup Language, linguagem na qual baseia-se grande parte da programação de websites para a Internet.

conteúdo, para assumir um papel ativo, produzindo e publicando informações na web, de forma fácil e rápida, independente de software específico, grandes conhecimentos de programação ou custos adicionais (COUTINHO;BOTTENTUIT JUNIOR, 2008; DALSOQUIO;HAGUENAUER, 2011).

A web 2.0 é a mudança para uma Internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva (O'REILY, 2005 *apud* COUTINHO;BOTTENTUIT JUNIOR, 2008, p.1862).

Assim, torna-se explícito o principal objetivo da web 2.0, o de tornar a web um ambiente social e acessível a todos (por isso é também chamada de web social), um espaço onde cada um seleciona e controla a informação segundo seus próprios interesses, publica informações na rede com maior grau de participação, pois esse sistema propiciou a liberação do pólo emissor (LEMOS, 2009), e, a partir disso, todos podem (com mínimos recursos) produzir e circular informação sem pedir autorização a quem quer que seja. Além disso, surgiu também a possibilidade de poder modificar o conteúdo de terceiros, misturando indiferenciadamente elementos de diversos autores, épocas, estilos e culturas (MELLO, 2010).

Primo (2008) ressalta que a web 2.0 deve ser compreendida não apenas como uma combinação de técnicas informáticas que oferecem interfaces antes disponíveis apenas em programas instalados no computador, mas também por uma intrínseca arquitetura de participação através dos seus recursos de interconexão e compartilhamento.

A fim de caracterizar a interface blog, Recuero (2003) aponta dois principais aspectos: o microconteúdo, pois pequenas porções de textos (*posts*) são publicados de cada vez, e a atualização frequente, quase sempre diária, onde a mais recente publicação sempre estará visível no topo da página, explicitando data e hora da postagem¹².

A facilidade com que se pode fazer registros para a sua atualização, torna-o muito mais dinâmico do que os sites, pois sua manutenção,

¹² Registro realizado no blog.

além de mais simples, é apoiada pela organização automática das mensagens ou *posts*, pelo sistema, que permite que novos textos sejam inseridos sem a dificuldade de atualização de um site tradicional. Seus registros aparecem em ordem cronológica inversa (o último lançamento aparece sempre em primeiro lugar) e utiliza programas simples que praticamente exigem apenas conhecimentos elementares de informática por parte do usuário (MERCADO; NASCIMENTO; SILVA, 2008, p.4).

As páginas textuais dos blogs podem ser acompanhadas por imagens, sons, vídeos entre outros, inseridos de maneira fácil.

Os blogs possuem ainda uma série de recursos que possibilitam/facilitam a conversação¹³ nesse ambiente dinâmico, como os comentários, *permalink*, *trackback* e *blogroll*.

A ferramenta de comentários é um dos recursos mais importantes para a discussão, troca de ideias e desenvolvimento da conversação no blog, pois podem ser lidos e escritos por qualquer pessoa.

Normalmente, abaixo de cada post é exibido um link que abre a janela de comentários. Esse link apresenta o número de comentários já publicados até o momento, o que facilita o acompanhamento da conversação. Na janela que se abre, os comentários são apresentados em ordem cronológica, acompanhados da hora de publicação e de seu autor. Na janela de comentários, o debate prossegue como em um fórum (PRIMO; SMANIOTTO, 2006a, p.5).

Por ser um espaço de livre acesso e publicação, vários assuntos podem ser discutidos sem nenhuma relação com o post original, num processo dinâmico, autônomo, onde todos podem interagir com todos, criando diálogos, trocando informações, potencializando a construção do conhecimento.

Amaral, Recuero e Montardo (2009) apontam os comentários como elementos significativos da cultura dos blogs, que são muito importantes como elementos de motivação para os blogueiros, pois proporcionam dinamismo ao site, e fundamentais como ferramentas de interação social¹⁴ visto que proporcionam aos leitores

¹³ A conversação aqui é entendida como o gênero mais básico da interação humana, a prática social mais comum no dia a dia do ser humano (PRIMO; SMANIOTTO, 2006; RECUERO, 2012).

¹⁴ A interação social, para Primo (2006), é caracterizada não apenas pelas mensagens trocadas e pelos interagentes que se encontram em um dado contexto (geográfico, social, político, temporal), mas também pelo

interajam com o autor, construir um diálogo com ele assim como com os demais leitores daquele blog.

Como os blogs permitem uma ilimitada publicação de *posts* e uma gama de comentários dos internautas, concordando ou discordando da ideia apresentada, expondo seus posicionamentos num fluxo de informação, acaba por se construir um hipertexto¹⁵ cooperativo. “Todos os envolvidos compartilham a invenção do texto comum, à medida que exercem e recebem impacto do grupo, do relacionamento que constroem e do próprio produto criativo em andamento” (PRIMO;SMANIOTTO, 2006b, p.3), e assim o texto do blog não se reduz ao que o blogueiro escreve, mas também engloba os comentários escritos por outros sujeitos e os links inseridos que criam espaços de negociação.

Os papéis de escritor e leitor tornam-se difíceis de serem bem definidos nesse contexto hipertextual, já que o hipertexto é construído parcialmente pelos escritores que criam as ligações, e parcialmente pelos leitores que decidem os caminhos a seguir. Assim, a partir do hipertexto, “toda leitura tornou-se um ato de escrita” (LÉVY, 1996, p. 46).

Diferentemente do texto escrito, que em geral pré-determina a sequência da leitura através da paginação, Ramal (2000) entende que o cursor do mouse está permanentemente presente no texto do monitor, como um sinal concreto de que no momento em que desejar, o leitor pode invadí-lo, reescrevendo seus caminhos, optando por outras vias. Subverte-se assim a noção de autoria.

As opiniões e comentários deixados no blog criam trilhas hipertextuais dentro da própria Internet “que são constantemente modificadas e trabalhadas pelos autores que lerão o texto em seguida. Cada internauta pode, portanto, observar as associações dos outros leitores e colocar também as suas. Trata-se, deste modo, de uma construção coletiva” (PRIMO;RECUERO, 2003, p.13), onde, mais do que traçar

relacionamento que existe entre eles.

¹⁵ Marcuschi (1999, p.1) define hipertexto como “um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado”, que permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real.

percursos pré-construídos, vai-se construindo conteúdo, onde abrem-se espaços de negociação e reflexão.

Em um blog, portanto, é possível ao internauta concordar ou discordar dos *posts*, expor seu posicionamento e criar novos nós para a rede hipertextual, seja através de um comentário, seja através de um link para seu próprio blog, criando espaços de negociação – embora estes espaços (janelas de comentários) destinados ao debate sejam menos visíveis, laterais ao grande espaço dos textos do blogueiro. Mais do que seguir links e trilhas pré-estabelecidos nos websites, o blog permite ao blogueiro e aos internautas criar novas trilhas, criar novos nós e links. A ação do internauta aqui, portanto, não se restringe a percorrer trilhas entre os links na Web, a simplesmente navegar. Ela é construída de forma conjunta, modificando a estrutura da própria Web. Trata-se de uma ação coletiva e construída de complexificação e transformação da rede hipertextual pela ação de blogueiros e leitores, que terminam por participar também como autores (PRIMO, 2003, p.4).

Através do recurso *permalink*, cada *post* possui seu próprio link, que é apresentado no topo da página do blog. E, através desse endereço individual, o blogueiro que referencia um *post* de outro blog, ou do próprio, acaba por indicar ao leitor de onde emerge as ideias descritas ali, como um novo caminho que pode ser seguido se assim o leitor desejar.

O *trackback* permite que um alerta seja enviado para o blogueiro¹⁶ responsável pelo *post* inicial quando surgem comentários a respeito desse *post* em outros blogs e assim ele passa a conhecer a repercussão daquele *post* em outros lugares (PRIMO;RECUERO, 2003; DALSOQUIO;HAGUENAUER, 2011). Primo e Smaniotto afirmam que este mecanismo “serve como um rastro, um aviso de que um blog de terceiros está comentando aquele post, e oferece um link direto para lá” (PRIMO;SMANIOTTO, 2006a, p.6), e essa visita ao endereço de onde procedeu o comentário pode induzir a novos intercâmbios, novas relações.

O *blogroll* é uma relação de links para outros blogs, servindo como uma lista de favoritos, facilitando a visita a tais páginas. Normalmente fica disposto no menu lateral ao lado das postagens. Desse modo, os blogs são linkados uns com os outros e formam um anel de interatividade, através da leitura e do comentário dos *posts* entre os vários indivíduos.

¹⁶ Pessoa que mantém/administra um blog.

Todos esses recursos disponíveis no blog acabam por reafirmar a característica hipertextual dessa interface na medida em que ao abrir uma página, o indivíduo se depara com um espaço híbrido de múltiplas imagens, múltiplas vozes, múltiplos textos, múltiplos links, e estas “janelas móveis permitem o adentramento e diálogo com seus conteúdos igualmente móveis” (SILVA, 2010, p.17). Por isso, o internauta/leitor liberta-se do compromisso de seguir uma sequência com começo, meio e fim, previamente estabelecida, podendo traçar a sua própria ordem, “navegando” através de textos interligados. Lévy explica que “navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira” (LÉVY,1993, p.33).

Considerando que o hipertexto oferece uma multiplicidade de caminhos a seguir, podendo ainda o leitor incorporar seus caminhos e suas decisões como novos caminhos, inserindo informações novas, o mesmo passa a ter um papel mais ativo. Dificilmente dois leitores de hipertextos farão os mesmos caminhos e tomarão as mesmas decisões (MARCUSCHI,1999).

Com o hipertexto, muda a noção de autor e de leitor, dando a impressão de uma autoria coletiva ou de uma espécie de co-autoria. A leitura se torna simultaneamente uma escritura, já que o autor não controla mais o fluxo da informação. O leitor determina não só a ordem da leitura, mas o conteúdo a ser lido. Embora o leitor usuário do hipertexto (...) não escreva o texto no sentido tradicional do termo, ele determina o formato da versão final de seu texto, que pode ser muito diverso daquele proposto pelo autor. É isto que sugere a ideia bastante forte da não-possibilidade de dois hipertextos idênticos (MARCUSCHI, 1999, p.34).

Primo e Recuero (2003) deixam claro que a ação do sujeito no blog não se restringe à simples navegação entre os links na web. “Trata-se de uma ação coletiva e construída de complexificação e transformação da rede hipertextual pela ação de blogueiros e leitores, que terminam por participar também como autores” (PRIMO;RECUERO, 2003, p.12).

Essa mobilidade e a facilidade de manipulação possibilitou que os blogs constituíssem-se em espaços de conversação em rede, ambiências de trocas e de construção de redes sociais¹⁷, pois

no lugar dos monólogos, no novo ambiente digital fluido e em constante reconfiguração da rede temos múltiplos discursos e trocas comunicacionais que se tecem e retecem continuamente pela interação de um número cada vez maior de pessoas. Em vez de apenas mensagens e comunicação, estabelecem-se conversações e relacionamentos (MELLO, 2010, p. 120).

Embora a maioria das tecnologias não tenham sido criadas para simular conversações, Recuero (2012) afirma que as mesmas acabaram por serem utilizadas para esse fim, construindo ambientes conversacionais, onde as conversações em rede possuem elementos típicos da conversação oral, estabelecendo-se uma escrita oralizada, com efeitos semelhantes nas interações sociais e na constituição dos grupos.

A autora supracitada destaca ainda que essa conversação presente nos blogs ocorre de maneira assíncrona, que se estende no tempo já que as interações não acontecem em “tempo real”. Isso permite que os indivíduos que visitem o ambiente em momentos diferentes possam dar continuidade à conversação.

A web 2.0, ao introduzir essas mídias pessoais e sociais, acabou metamorfoseando o modo das pessoas se relacionarem, interagirem, contudo Mello (2010) e Recuero (2012) alertam para o fato de que essas transformações não podem ser analisadas exclusivamente pelo viés da evolução tecnológica, pois parecem estar mais atreladas à apropriação dos grupos sociais do sistema técnico e das ferramentas com potencial comunicativo, “para dar vazão, por meios inéditos, e mais potentes do que todos os anteriores, à natureza intrinsecamente comunicativa e gregária do ser humano” (MELLO, 2010, p.122), criando redes participativas que acabam por reconfigurar as relações sociais, econômicas e políticas.

Não se trata de uma era de máquinas inteligentes, mas de seres humanos que, através de redes, pode combinar a sua inteligência, conhecimento e criatividade para conseguir grandes avanços na criação de riqueza e desenvolvimento social (MELLO, 2010, p.123)

¹⁷ Segundo Recuero (2012), as redes sociais são as estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem os grupos sociais.

Como vivemos em um mundo cheio de pessoas em todas as partes e em cada uma delas se concentra algum tipo de saber, Lévy (1996) afirma que essa combinação de saberes, conhecimento e criatividade resulta numa inteligência coletiva.

Esse espaço de inter-relações criado a partir da web 2.0 possibilita a interligação desterritorializada de um para com cada um, de um para com todos e de todos para com todos, a fim de que haja a soma do saber de cada um dos indivíduos na rede, constituindo um corpus de conhecimento, pois “antes de mais nada, jamais pensamos sozinhos, mas sempre na corrente de um diálogo ou de um multidialogo” (LÉVY, 1996, p. 97).

Os blogs também possibilitam essa construção da inteligência coletiva como aponta Mota (2009).

Os blogs mobilizam essa inteligência coletiva como uma espécie de filtro; através destes dispositivos de publicação e de comunicação, assistimos a um fluxo ininterrupto de informação que circula na rede, de pessoas para pessoas, de qualidade desigual, mas que, dada a dimensão do fenômeno e dos números envolvidos resulta num ganho de conhecimento disponível e partilhável por todos (MOTA, 2009, p.19).

Por ser uma interface interativa, conversacional, hipertextual, com possibilidade de construção coletiva, o blog apresenta características técnicas que podem ser consideradas pedagógicas, embora não tenham sido criadas para fins educacionais, e a partir disso, possibilita criar um ambiente alternativo para a aprendizagem.

A partir disso surgiram os edublogs, blogs que vinculam conteúdos educativos, criados com objetivo de apoiar o processo de ensino-aprendizagem em um contexto educativo.

Pimentel (2009) assegura que os edublogs podem seguir duas concepções diferenciadas: ser um blog aberto, onde os alunos participam da construção da interface, inclusive escrevendo *posts*, ou ser um blog fechado onde o professor tende a utilizar a interface numa lógica sequencial, seguindo o programa da disciplina, e os alunos participam por meio de comentários das postagens.

Num pensamento semelhante, Gomes (2005) descreve o uso dos edublogs enquanto recurso pedagógico, constituindo-se em um espaço de disponibilização de informação especializada por parte do educador, onde o aluno assume uma posição relativamente passiva, limitando-se a leitura dos *posts* e eventualmente escrevendo algum comentário, ou como uma estratégia pedagógica, onde o papel do aluno na criação e dinamização do blog se torna central e a interface pode ser utilizada como portfólio digital, espaço de intercâmbio e colaboração de ideias e informações, espaços de debate e de integração.

A partir dessa conceituação de Gomes (2005), percebemos que incorporar simplesmente o uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem, sem superar a lógica da transmissão de conteúdos, ocasionará pouca ou nenhuma mudança qualitativa na educação.

Como convivemos com uma geração de estudantes que é exposta às tecnologias digitais em praticamente todas as facetas da sua vida, podemos utilizar essa natural familiaridade e levar a Internet e as tecnologias da informação e comunicação para dentro dos processos educacionais, aumentando a motivação dos alunos, já que “ninguém ensina a quem não quer aprender” (NÓVOA, 2008, p.229), forçando uma maior aproximação entre professor-aluno e aluno-aluno, e alargando o tempo em que as aprendizagens podem ocorrer, não mais restringindo-se ao tempo da hora-aula, ultrapassando as paredes da sala de aula e os muros da escola.

Mercado, Nascimento e Silva (2008) complementam ao afirmarem que a possibilidade dos alunos se expressarem no blog dinamiza naturalmente o espaço, onde o estímulo à escrita eletrônica pode ampliar a motivação e o diálogo, fazendo com que alunos e professores sintam-se aliados no processo de ensino-aprendizagem sejam eles presenciais ou online.

O blog é um espaço aberto que permite não só a leitura como também a interferência através dos comentários dos leitores, o que possibilita criar novas discussões ou dar continuidade àquelas iniciadas em sala de aula, de uma forma coletiva, trocando experiências, interagindo. Nesse sentido, Primo (2003) comenta que essas discussões promovem o choque de ideias dos diversos sujeitos, retirando

do professor a centralidade do processo, e a reflexão sobre as próprias ideias, almejando a conscientização¹⁸. Por isso, o uso dos blogs como ambientes de ensino encontra respaldo em muitas ideias defendidas por educadores como Freire (2005) e Vygotsky (1998), que entendiam a aprendizagem como uma condição não individual, mas socialmente construída. Sobre as potencialidades interativas dessa ferramenta, Mantovani (2006) afirma

No ambiente dinâmico do blog, o aluno passa a ser um sujeito ativo que se auto-produz e se reproduz em sua ação e interação. Passa a ser o protagonista da própria aprendizagem, pois na medida em que modifica o ambiente, ele mesmo se modifica, se auto-constrói. Assim, a interação produz modificações no próprio sistema, uma vez que a sua estrutura é variável. Encontra-se aqui o potencial pedagógico da tecnologia dos blogs. Esta possibilidade de alteração do próprio ambiente, tanto em conteúdo como em estrutura, é o grande diferencial de outros ambientes virtuais e websites (MANTOVANI, 2006, p.335).

Os recursos da interface blog favorecem o exercício da argumentação e a exposição do ponto de vista, quando muitas vezes a sala de aula presencial não oferece oportunidade para isso, pois neste ambiente todo o conteúdo programático precisa ser vencido pelo professor, que corre contra o relógio, e numa narrativa sem fim acaba por anestesiá-lo, adormecendo a sua capacidade de participação e de crítica.

Fica claro, portanto, que o blog pode criar uma ambiência pedagógica que auxilie as aulas presenciais, tendo em vista sua disposição e formato de conteúdo, acessibilidade, intensa troca de mensagens escritas, que favorece a comunicação e a produção real de significados. E, com relação a essa troca de informações e experiências, Pimentel (2010) afirma que o conhecimento passa a significar mais para o aluno, pois ele não está escrevendo mais um trabalho, mas se comunicando com alguém, sendo provocado ao diálogo e à crítica.

O ambiente online não promove a aprendizagem baseando-se num clique do mouse, mas concentra-se na formação de ambiências onde ideias são discutidas com liberdade e autonomia, e o aprendizado constitui-se em um preparo para uma atuação consciente e cidadã.

¹⁸ A conscientização é entendida como “consciência de e ação sobre” a realidade e não como “tomada de consciência”. A conscientização realiza-se na práxis e não na teoria (GADOTTI, 1996, p.39).

Para Freire (1996), essa autonomia a ser despertada no aluno, enquanto amadurecimento do ser para si, constitui-se em um processo, é um vir a ser, sempre ancorando-se nas interações com o outro.

Romão e Matos Oliveira (2010) destacam que pensar sobre a autonomia do aluno implica em aliar autonomia com dialogia. “Se somente por meio do diálogo ocorre a comunicação, somente a partir desta comunicação o aluno é provocado para a crítica, para a autonomia intelectual” (ROMÃO; MATOS OLIVEIRA, 2010, p.65). As autoras concordam com Freire (1996) sobre o fato de que “para aprender a pensar por si e agir com autonomia se faz necessário pensar com o outro e deixar emergir sua condição de ser dialogal e, por isso, potencialmente humano” (ROMÃO;MATOS OLIVEIRA, 2010, p.65). Contudo, explicitam que a construção dessa autonomia não é tão simples porque a experiência compartilhada e a partir do diálogo não é uma prática habitual, seja na aula presencial ou online.

Percebemos assim que a autonomia dentro da educação não pode ser vista exclusivamente como uma atitude individualista onde o aluno aprende os conteúdos disponibilizados pelo professor a partir de iniciativas próprias. Mas, deve ser pensada enquanto meio para que ocorra a construção do conhecimento numa perspectiva de autoria, diante das várias decisões que vão sendo tomadas dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Ao identificarmos o blog como um espaço de encontro entre sujeitos, acabamos por caracterizá-lo como uma interface que potencializa a construção de novos saberes por meio da construção partilhada, do diálogo, da comunicação. E, portanto, passível de constituir-se em uma ambiência onde se realiza a educação, pois na visão de Freire (2005) a educação é um processo de comunicação, uma permanente troca entre aquele que ensina e aquele que aprende, um diálogo constante e produtor de significados, promovendo relações horizontais.

O diálogo como essência da educação, tão defendido por Freire, não pode aqui ser reduzido à interação face a face, pois, desse modo, incorreríamos no equívoco de acreditar ser o blog uma ferramenta que inviabilizaria o diálogo. Bakhtin comenta sobre o uso da escrita como veículo de discussão.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, de interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra diálogo num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (...). Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc (BAKHTIN¹⁹, 2004, p.123).

Bierwagen (2011) complementa ao dizer que o aluno tem a possibilidade de escrever um comentário a respeito do texto lido, realizando assim, o diálogo com o autor do blog. E é nessa perspectiva dialógica que o leitor do blog se constitui como co-autor do texto que se constrói coletivamente.

Se para Freire (1983) a comunicação deve proporcionar um diálogo verdadeiro entre os sujeitos, para Marco Silva (2010), a interatividade contribui para a libertação da comunicação da lógica da transmissão, unidirecional, opressora.

O conceito de interatividade tem sido objeto de muitas discussões e significações. Desde sua origem, o termo vem se prestando à polissemia e à banalização. Silva, em seu livro *Sala de Aula Interativa* (2010), reflete sobre a emergência do termo, as circunstâncias sócio-históricas e culturais em que surgiu, seu significado na sociedade e na educação, e afirma ser a emergência da interatividade um novo paradigma da comunicação.

A interatividade pode ser empregada para significar a comunicação entre interlocutores humanos, entre humanos e máquinas e entre usuários e serviço (SILVA, 2010). No entanto, para que a mesma se efetive, é preciso garantir duas disposições: a dialógica, que associa emissão e recepção como pólos antagônicos e complementares na cocriação da comunicação; e a intervenção, que trata da participação²⁰ do usuário no conteúdo da mensagem, efetivando a sua passagem da condição de espectador passivo para a de sujeito operativo.

¹⁹ Freire e Bakhtin possuem aproximações e distanciamentos em suas obras. Nesta pesquisa, trazemos Bakhtin para a discussão, pois o mesmo também situa socialmente os sujeitos envolvidos na comunicação, da mesma forma que Freire argumenta em sua educação dialógica.

²⁰ A participação deve aqui ser entendida como interferência/modificação, não limitando-se à escolha de uma opção em detrimento de outra.

A partir disso, a interatividade não pode ser apenas vista como um ato de troca, nem limitada a operacionalização do digital, mas significa “a abertura para mais e mais comunicação, mais e mais trocas, mais e mais participação” (PRETTO, 2008, p.69).

A interatividade que se faz presente na interface blog é aqui entendida, apoiando-nos em Silva (2008; 2010), como a comunicação que se faz entre emissão e recepção, uma atitude intencional no ato de se comunicar com o outro, caracterizada por participação/intervenção que rompe com um caráter reativo da informação e implica na possibilidade de intervenção do sujeito, modificando o curso da mensagem como cocriação; bidirecionalidade/hibridação criticando a comunicação unidirecional, reafirmando que a comunicação é produção conjunta da emissão e da recepção; e permutabilidade/potencialidade que consiste na oferta de múltiplas alternativas de aprendizagem para que os sujeitos construam articulações e significados.

Assim, percebendo a interatividade como modalidade comunicacional nessa sociedade contemporânea e o papel dos blogs, nessa cultura digital, que vem engendrando um novo espectador menos passivo e mais participativo, devemos enxergar a educação como comunicação, diálogo, “na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p.46).

Mesmo sendo as tecnologias digitais potencializadoras da interatividade, é preciso ter clareza que nem todas as comunicações realizadas por meio dessas tecnologias oferecem a perspectiva de participação-intervenção dos agentes, pois muitas informações são transmitidas ainda seguindo o modelo linear das mídias de massa (FERREIRA; BIANCHETTI, 2004), excluindo o sujeito do processo de co-autoria.

É necessário ainda frisar que a mera criação do blog não garante a comunicação, o diálogo e a participação. O blog que encontra-se protegido por senha e, portanto, sem acesso livre para os internautas, não passa de mais um site na web. Para Consoni (2010), somente a partir do momento em que o blog possui conexões entre si, interconexões surgindo e trocas ocorrendo, um princípio de

mutualidade, cooperação e coletividade aparece.

Os espaços de comentários no blog permitem comentar uma ideia, discutir, criticar, expor sugestões, opiniões, reler o que já foi escrito, ampliando as possibilidades de colaboração/cooperação e reciprocidade, contribuindo para romper com uma cultura do silêncio presente na escola e dar “voz”, por meio da escrita, aos alunos.

Esse processo contínuo, colaborativo, dialogado, que pode ser construído nos comentários do blog, possibilita a construção de relacionamentos sociais em ambientes virtuais e o fortalecimento da sensação de pertencimento ao grupo, o que pode permitir maior “entrega” durante as conversas e um aprendizado mais significativo. Dentro deste contexto, o aprendizado não se resume a simples introjeção de mensagens, mas surge da soma do diálogo, da interatividade, da colaboração (co-laborar; trabalhar em comum) e cooperação (co-operar; operar em conjunto), numa dinâmica horizontalizada.

Primo (2003) lembra que o caráter assíncrono do blog permite ao educando ingressar nas discussões a qualquer momento, refletir sobre o que está publicado e manifestar seu posicionamento quando desejar, fazendo com que a comunicação não seja tão linear, pois ela vai acontecendo nos comentários de um post, no próximo post, nos comentários aos blogs vizinhos, etc. Firma-se assim uma pedagogia centrada no estímulo a decisão e a responsabilidade do aluno, o que para Freire define-se como Pedagogia da autonomia onde “ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas” (FREIRE, 1996, p.121).

Mas, existe uma armadilha no uso dessa interface como estratégia pedagógica, que de acordo com Consoni (2010), surge do fato de que o simples comentário em uma postagem, sem o retorno e a continuidade de comentários do autor ou de outros comentaristas, não garante o estabelecimento da interatividade. O autor continua afirmando que só existirá diálogo se todos se relacionarem entre si, caso contrário não existirá mais do que opiniões soltas e desconexas frente a um determinado assunto, como coloca, com propriedade, Morin (2010).

É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento complexo, no sentido originário do termo 'complexus': o que é tecido junto (MORIN, 2010, p.18).

Devemos superar o olhar fragmentado, simplificado, reducionista e individualista, que separa objeto, ambiente e sujeito, por algo feito a partir do coletivo.

A educação na perspectiva de Morin (1999; 2010) não deve fornecer respostas absolutas e completas em si, mas abrir o diálogo entre sujeitos possibilitando a interatividade, pois o homem deve estar sempre em processo contínuo de construções e reconstruções entre as rupturas e permanências dos conhecimentos historicamente produzidos, articulando saberes, pois “a constituição de um objeto ao mesmo tempo interdisciplinar, polidisciplinar e transdisciplinar, permite, muito bem, criar a troca, a cooperação e a policompetência” (MORIN, 1999, p.73).

Através do blog educacional deseja-se estabelecer esta articulação de saberes, num tipo de comunicação todos-todos, que surge nas interações onde o autor e/ou comentaristas se engajam num processo interativo com trocas efetivas, alcançando metas que não se poderia alcançar individualmente. Desse modo, se faz possível utilizar o blog como ambiente pedagógico respaldando-o em muitas ideias defendidas por Paulo Freire, no sentido de entender a aprendizagem como condução não individual, mas socialmente construída, pautada em relações dialógicas.

4 EDUCAÇÃO DIALÓGICA E A FORMAÇÃO DOS ENFERMEIROS

A enfermagem nasceu como um serviço organizado, nos primórdios do cristianismo, através da instituição do diaconato. Passou, desde então, a coexistir com a prática doméstica, exercida nos lares pelas mulheres, em atendimento às necessidades de saúde-doença dos membros das famílias (WALDOW, 2008).

Nos primeiros séculos da Idade Média, com a ascendência do clero e da Igreja sobre a sociedade, a imagem do enfermo associava-se à do santo. O trabalho de enfermagem era reconhecido como um trabalho de Deus, sendo exercido, também, por pessoas da nobreza e convertendo-se em exercício de penitência para alcançar a purificação e a expiação dos pecados (LUNARDI, 1998, p.27).

O surgimento da enfermagem está intrinsecamente ligado à função biológica de cuidar para manter a vida e com a caridade exercida através da religião.

A partir do século V, o saber acumulado, especialmente pelas mulheres, em aprender a zelar, “fruto do cuidado com a vida, da experiência e da transferência de saber através de gerações, visto como um saber não científico, foi submetido ao silêncio, primeiramente pela Igreja e depois pela medicina” (LUNARDI, 1998, p.29). Nesse período, os cuidados caritativos eram prestados em locais apropriados, que posteriormente ficaram conhecidos como hospitais, e não buscavam a cura física, mas a salvação da alma dos assistidos e daqueles que os assistiam.

Com o Renascimento, período caracterizado pelo questionamento, do dogma cedendo lugar à observação e à experimentação (SILVA,1989), houve uma diminuição do espírito cristão e o aumento do interesse pela área médica.

A medicina saía dos mosteiros e concretizava o seu afastamento da enfermagem, que por sua vez mantinha-se como uma arte religiosa, afastada do domínio intelectual, onde o progresso científico era tido como desnecessário.

Entre os séculos XVII e XVIII, viveu-se uma época de importantes conquistas no campo da filosofia e da ciência, conhecida como “Revolução Intelectual”, apoiada na premissa de que a razão era a única fonte de conhecimento, com representantes como Descartes, Newton e Locke (SILVA, 1989).

A partir do século XVIII, a evolução das ciências biológicas, o desenvolvimento do saber médico com um conhecimento cada vez maior sobre o corpo humano, e o nascimento da clínica, acabaram por deslocar o trabalho médico para dentro dos hospitais, que por sua vez deixou de ser um *locus religiosus* e templo de morte, para consolidar-se como local de cura, templo das ciências biológicas e de tecnologia (SILVA, 1989).

Com o advento do capitalismo, o corpo tornou-se fonte de lucro, pois, passou a ser considerado força de trabalho, e o processo curativo então confirmou-se como grande instrumento para recuperar/manter a saúde dos indivíduos e manter a produtividade nas indústrias, no processo de acumulação de capital.

A medicina deixava o tratamento no domicílio para solidificar-se como medicina hospitalar, norteadas pela racionalidade científica, mecanicista e fragmentária, que anulava a subjetividade. O indivíduo doente deixou de ser dominante no relacionamento médico-paciente, passando a exercer um papel secundário no qual os principais protagonistas passaram a ser os profissionais médicos e as patologias. “O objeto dos cuidados tornou-se isolado, parcelizado, fissurado, separando suas dimensões sociais e coletivas” (COLLIÈRE, 1989, p.32), definindo o cuidado como sinônimo de tratar a doença.

Por sua vez, no que diz respeito à enfermagem, a transição para o capitalismo correspondeu a um período obscuro. Desde a Reforma Protestante, no século XVI, muitos mosteiros foram fechados, a atenção caritativa foi negligenciada, sendo necessário recrutar pessoas leigas para atuarem nos hospitais, em troca de baixas remunerações e carga horária extenuante (LUNARDI, 1998). Com a Contra-Reforma, a Igreja Católica passou a estimular a renovação e o surgimento de grupos religiosos dedicados à enfermagem, ainda sem caráter técnico-científico.

Somente a partir da segunda metade do século XIX, a enfermagem surge como profissão na Inglaterra, a partir do trabalho desenvolvido por Florence Nightingale que apoiava sua prática de cuidado em conhecimentos sobre higiene, boa nutrição, preocupação com o ambiente, a privacidade e o lazer, sempre baseando-se numa disciplina militar, onde

durante o curso, as estudantes viviam em regime de internato, submetidas a uma disciplina rigorosa, com a finalidade de desenvolver nelas os traços de caráter considerados desejáveis a uma boa enfermeira, tais como sobriedade, honestidade, lealdade, pontualidade, serenidade, espírito de organização, correção e elegância (SILVA, 1989, p.53).

No Brasil, a formação de enfermeiros teve seu início em 1923, quando Carlos Chagas criou a escola de enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, com o objetivo de melhorar as condições sanitárias e de saúde pública no Brasil (CAETANO DE SOUZA *et al*, 2006).

A partir do desenvolvimento das disciplinas médicas, da criação de enfermarias com o objetivo de separar os doentes por doenças específicas, e do surgimento de inúmeros instrumentos e aparelhos, foi exigido um maior preparo específico do pessoal paramédico (pessoal de enfermagem). E, a partir desse contexto de idolatria pela perfeição técnica e a aproximação com o modelo biomédico-hospitalocêntrico, dissociando a doença do ser doente, a enfermagem tornou-se bastante eficiente, porém menos humana, pois, colocou em segundo plano os cuidados de manutenção da vida (COLLIÉRE, 1989).

Decorre desse período o maior afastamento da equipe de enfermagem do processo cuidativo²¹, restringindo-se cada vez mais à manipulação de aparatos tecnológicos e realização de técnicas prescritas pela equipe médica.

Ao longo dos séculos XIX e XX, o mundo viveu sob a influência do paradigma da ciência moderna, que embora tenha conduzido a um significativo avanço científico e tecnológico, acabou por difundir uma visão fragmentada do homem e da natureza, dividindo o conhecimento em campos distintos, almejando garantir a objetividade e a neutralidade científicas.

Caetano de Souza *et al* (2006) afirmam que até em torno de 1940, o foco da enfermagem mantinha-se centrado nas tarefas e procedimentos, sem levar em

²¹O cuidado é aqui entendido como a essência da profissão de enfermagem, e envolve ações, comportamentos e atitudes. Segundo Waldow (2006) o momento de cuidar se concretiza de forma plena quando se estabelece um laço de confiança do ser cuidado para o ser que cuida e que, em princípio, para despertar essa confiança, deverá demonstrar responsabilidade, competência, respeito e sensibilidade. O cuidar é um processo interativo e envolve relação não de sujeito-objeto, mas sim de sujeito-sujeito. O curar finda-se com o término da doença, enquanto que o cuidar permanece como um processo contínuo, para manter o bem-estar do indivíduo, acompanhando o ser humano do nascimento até a morte.

consideração a construção intelectual. Em 1949, a lei 775/49 uniformizou o ensino de enfermagem no Brasil e, nesse período, tínhamos as escolas para formação de enfermeiras dirigidas por médicos, que conduziam o processo de ensino para que atendessem às demandas médicas na execução de tarefas reforçando a postura dócil e servil.

Influenciada por essa ciência moderna, pela visão de mundo fragmentada, pelo modelo biomédico, pela educação instrucionista que buscava a eficiência técnica e pela Revolução Industrial que ansiava por mão de obra eficiente e disciplinada, a enfermagem alcançou uma crescente especialização que fracionou excessivamente o ato de assistir ao sujeito enfermo, quase sempre com prejuízo para o mesmo que deixou de ser analisado na sua integralidade. De fato, “a hiperespecialização impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui)” (MORIN, 2010, p.13).

Fica claro, portanto, que o paradigma mecanicista influenciou fortemente a formação desses profissionais da saúde, assim como a organização das atividades nos ambientes de assistência a saúde, excluindo a possibilidade de perceber o ser humano doente como um agente complexo, integrado em um meio sociocultural, portador de saberes, cultura e desejos.

Esta ideia também é compartilhada por Queiroz (1986) quando diz que

Tal situação está associada ao próprio desenvolvimento do capitalismo moderno no setor saúde, em que ocorre uma ruptura entre saúde e medicina, corpo e mente, eu e o outro, pessoa e contexto, relações econômicas e comunitárias, em um processo de intensa burocratização e desencanto, reflexo da hegemonia do paradigma mecanicista/cartesiano/positivista (QUEIROZ, 1986, p. 312).

A formação dos enfermeiros neste contexto tecnicista, fragmentado, foi baseada na transmissão do conhecimento sempre centrado em aulas expositivas, onde era permitida pouca ou nenhuma possibilidade de participação aos alunos, onde o enfermeiro-docente “ensina” tudo que será necessário saber para a prática da profissão, não levando em consideração os saberes e/ou realidades dos alunos, e muito raramente, a dos outros docentes.

Essa educação, como um ato de depositar, é denominada por Freire (2005)

como educação bancária e a ação do educando neste processo de ensino-aprendizagem se limita a simples recepção das informações, dos retalhos desconectados da realidade, e seu posterior arquivamento.

Freire (1983, p.78-79) nos faz colocações acerca dessa concepção bancária da educação, ressaltando que a “educação padece da doença da narração. O professor fala da realidade como se esta fosse sem movimento, estática, separada em compartimentos e previsível”. Assim, o professor dá comunicados que os discentes pacientemente, aprendem e reproduzem. É uma forma unidirecional e acumulativa de educar e, essencialmente, contrária a comunicação, ao diálogo.

Freire (2005) elenca uma série de características dessa educação:

- a) o professor ensina, os alunos são ensinados;
- b) o professor sabe tudo, os alunos nada sabem;
- c) o professor pensa para si e para os estudantes;
- d) o professor fala e os alunos escutam;
- e) o professor estabelece a disciplina e os alunos são disciplinados;
- f) o professor escolhe, impõe sua opção, os alunos submetem-se;
- g) o professor atua e os alunos têm a ilusão de atuar graças à ação do professor;
- h) o professor escolhe o conteúdo do programa e os alunos – que não foram consultados – adaptam-se;
- i) o professor confunde a autoridade do conhecimento com sua própria autoridade profissional, que ele opõe à liberdade dos alunos;
- j) o professor é sujeito do processo de formação enquanto que os alunos são simples objetos dele (FREIRE, 2005, p.68).

Esta postura anula o poder criador dos educandos e garante menos possibilidades de desenvolver a consciência crítica que resultaria na inserção dos alunos no mundo, como sujeitos ativos e transformadores. Como disse Freire (2005, p.68), “quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos”.

Essa educação bancária, adestradora, aliada à “supervalorização do

conhecimento técnico e puramente pragmático, como nos casos da priorização tão somente do desenvolvimento de habilidades técnicas” (MORETTI-PIRES, 2008, p.49) nos cursos de enfermagem, torna-se uma prática desumanizadora “que reduz a prática educativa ao treinamento técnico-científico dos educandos. Ao treinamento e não à formação” (FREIRE, 2000, p. 56), e não garante o vislumbre do paciente como um todo, inserido em um contexto social, modulador e modulado pela sociedade em que e com a qual está vivendo (MORETTI-PIRES, 2008, p.16).

Como consequência desse contexto, houve uma progressiva perda da autonomia dos enfermeiros na medida em que o cuidado, não mais entendido como interesse e carinho pelo outro, passou a constituir-se enquanto tarefas a serem executadas dentro do suporte para o trabalho médico e para o tratamento da doença. A enfermagem enquanto assistente do trabalho médico perdeu o espírito crítico e de julgamento além da capacidade de desenvolver atividades fora das ordens médicas (ROSSI, 1991).

Bueno e Queiroz (2006, p.46) também discorrem sobre essa desvalorização do cuidado e dizem que “insere-se em um processo de alienação e perda de autonomia, uma vez que o cuidado constitui, historicamente, a essência da prática de enfermagem”.

A partir da significativa evolução tecnológica e do intenso fluxo de informação que estamos vivenciando nesta sociedade informacional, surgiram “realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários” (MORIN, 2010, p. 13), que por sua vez não podem ser superados através de saberes fragmentados e desconexos. Assim, essa sociedade contemporânea passou a questionar a sociedade moderna, seus valores, suas regras, e com ela a educação, baseada no saber transmitido, linear, vertical, disciplinado e controlado, pois passou a perceber o mundo como uma teia dinâmica onde tudo se relaciona.

No bojo dessa nova conjuntura, a fragmentação do saber e do trabalho da enfermagem conduzindo ao distanciamento do todo, o cuidado, para se fixar nas partes, as tarefas desconexas (BELLATO;PASTI;TAKEDA, 1997), também entrou em discussão na medida em que os enfermeiros passaram a se incomodar com a perda

da autonomia, da capacidade de assistir e de cuidar, e com o distanciamento do ser cuidado.

Para Morin (2010), vivenciamos um novo espírito científico onde,

A segunda revolução científica do século XX pode contribuir, atualmente, para formar uma cabeça bem-feita. Essa revolução, iniciada em várias frentes nos anos 60, gera grandes desdobramentos que levam a ligar, contextualizar e globalizar os saberes até então fragmentados e compartimentados, e que, daí em diante, permitem articular as disciplinas, uma às outras, de modo mais fecundo (MORIN, 2010, p.26).

A expressão cabeça bem-feita não quer dizer uma cabeça repleta de informações, mas uma cabeça que consegue articular o pensamento, criticar as informações, gerar opiniões, enfim, construir conhecimento para participar de forma efetiva da sociedade como cidadão que pensa e faz.

Na área da saúde, soma-se a esse sentimento de mudança paradigmática, a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), nas décadas de 80 e 90, como mais um propulsor para as discussões sobre novas formas de abordar o processo saúde-doença, dentro de um contexto sócio-histórico-político-econômico que, por sua vez, promoveu amplo debate em relação ao processo de formação dos profissionais de saúde, incluindo os enfermeiros, que atuavam nessa nova sociedade informacional.

A educação bancária, transmissionista, passou a ser criticada por não atender às necessidades do sujeito, nem da sociedade na qual está inserido. Freire critica a prática reprodutivista dessa educação baseada em monólogos e afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção” (FREIRE, 1996, p.25).

Ao contrário da educação bancária, Freire propõe uma educação problematizadora do homem em suas relações com o mundo.

Essa educação problematizadora faz uso do diálogo e da comunicação nivelada e “funda-se justamente na relação dialógico-dialética entre educador e educando; ambos aprendem juntos” (GADOTTI, 1996, p.86), pois, o educador não será mais o que apenas transmite, educa, mas o que, “enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se

tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que argumentos de autoridades já não valem” (FREIRE, 2005, p.79).

Na educação bancária e antidialógica não se constrói conhecimento, já que os alunos não são convocados a conhecer, mas a memorizar todo o conteúdo dissertado pelo professor. Ao contrário, a prática libertadora, problematizadora, reforça a mudança e possibilita ao aluno refletir, se rever, trocar, compartilhar, criticar, criar.

Nesse sentido, problematizar não é criar problemas por criar. Gadotti (1996, p.727), afirma que “a problematização é a ação de refletir continuamente sobre o que se disse, buscando o porquê das coisas, o para quê delas”. Assim, através do diálogo, o educador deve problematizar levantando questionamentos sobre situações problemáticas no intuito de fazer pensar, analisar a si e sua posição no mundo, refletir acerca das questões ligadas a sua realidade e ao contexto social em que vive.

Então, a partir da problematização, o homem vai desenvolvendo sua consciência crítica, ou seja, na relação dialética com o mundo, o homem se descobre como pessoa inserida e integrada neste mundo. Essa progressiva tomada de consciência, gerada pelo conhecimento crítico da realidade, leva à conscientização (SILVEIRA *et al*, 2005,p.159).

Para Freire (1983, p.25), “conscientização é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade” e que dá-se na práxis, ação-reflexão-ação, na relação teoria-prática, mais uma vez destacando a importância do diálogo pois essa tomada de conscientização decorre do ato de pensar juntos, de trocar ideias, dialogando, criticando, sendo criticado.

Torna-se clara a concepção de que o diálogo na sala de aula não pode ser sinônimo de catequizar, de intercambiar ideias, é constituir uma conversa que gere uma reflexão coletiva visando criar ou aprimorar ações emancipadoras dos alunos.

Como educação é comunicação, é diálogo, deve-se atentar para que durante o encontro dos sujeitos se busque a significação dos significados, a compreensão dos objetos discutidos, através de uma linguagem pertencente ao universo comum a

todos. A presença de múltiplas vozes no diálogo em sala de aula estabelecerá a compreensão em torno da significação do signo, do quadro significativo comum ao outro sujeito do diálogo, e, conseqüentemente, se chegará à aprendizagem coletiva (BAKHTIN, 2004). Não se trata, portanto, de uma conversa qualquer, descompromissada, mas de uma construção dialógica que parte da realidade dos educandos e vai além dela, rumo à construção do conhecimento que será apreendido.

Educar constitui-se assim, em muito mais do que treinar para o desempenho de destrezas, é contribuir na formação de um ser inconcluso, que é o ser humano, sendo, neste contexto, papel do educador criar possibilidades para produção e construção do conhecimento (FREIRE, 1996). Educar envolve relação, pois quem educa, educa alguém, portanto, envolve respeito, ética, reconhecimento do outro e de si mesmo, buscando autonomia ancorada no diálogo, pois se “respeita-se a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando” (FREIRE, 1996, p.33).

Ainda sobre o diálogo, Freire diz que “é uma necessidade existencial. É o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo, onde a reflexão e a ação orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar. É necessário amor, humildade, fé no homem, criatividade, criticidade e esperança” (FREIRE, 2005, p. 77). O diálogo é, portanto, uma condição básica para o conhecimento.

Silva e Freitas (2010) apontam ser necessário repensar a formação do enfermeiro nesta perspectiva problematizadora e dialógica para propiciar, além do ensino do cuidado tecnicista, uma ambiência de reflexão para aprimorar o ensino do cuidar, assumindo que

(...) as respostas necessárias para alcançar a saúde não se restringem aos tipos de pergunta que podem ser formuladas na linguagem da ciência, então a ação em saúde não pode se restringir à aplicação de tecnologias. Nossa intervenção técnica tem que se articular com outros aspectos não tecnológicos. Não podemos limitar a arte de assistir apenas à criação e manipulação de “objetos” (AYRES, 2004a, p. 84).

Na área da saúde, o diálogo deve estar voltado para além dos conteúdos técnicos profissionalizantes, pois deseja-se formar não só profissionais, mas cidadãos. Os conteúdos devem ser abordados de maneira não reducionista, ressignificando o indivíduo em sua singularidade e subjetividade, seja ele o ser cuidado ou o cuidador, capacitando-o a viver/agir em sociedade, e atuar diante das contradições e problemas que surjam no seu cotidiano. “É no e pelo diálogo que a articulação de saberes e as práticas de cuidado, como verdadeiros espaços de encontro entre subjetivos, tornam-se possíveis” (AYRES, 2004a, p.86).

Na perspectiva de educação dialógica nos cursos de enfermagem, a superação da relação tradicional de aprendizagem, onde o aluno é um passivo receptor e o professor o detentor do saber, é imperioso, já que ela conduz a desumanização do professor, do aluno e posteriormente do sujeito doente. Dessa forma, há que se considerar a questão da humanização na relação horizontal entre professor e aluno, visando a sua formação e “posteriores consequências na postura profissional, implicando na necessidade premente de implementação do modelo de humanização em consonância com abordagem crítico-social e reflexiva, humanizada e dialógica” (MORETTI-PIRES, 2008, p.17).

Esse sujeito humanizado, desejado a partir dessa prática educativa libertadora, é um cidadão, que se vê com poder de atuar em sociedade, refletindo sobre si, sobre seus semelhantes e sobre as contradições e os problemas da sociedade em que vive (FREIRE, 2005; MORETTI-PIRES, 2008). E o papel da universidade na formação do enfermeiro deve comungar desta visão, encarando o processo de ensino-aprendizagem não apenas como construção técnica do profissional, mas como uma reorientação para sua formação crítica, capacitando-o com habilidades reflexivas e interativas para cuidar cientificamente das pessoas de forma contextualizada, valorizando dimensões objetivas e subjetivas.

Em relação à humanização, o que é importante é justamente “a permeabilidade do técnico ao não técnico, o diálogo entre essas dimensões interligadas” (AYRES, 2004b, p.22), pois

(...) mais que tratar de um objeto, a intervenção técnica se articula verdadeiramente com um Cuidar quando o sentido da intervenção passa a ser não apenas o alcance de um estado de saúde visado de antemão, nem somente a aplicação mecânica das tecnologias

disponíveis para alcançar este estado, mas o exame da relação entre finalidades e meios, e seu sentido prático para o paciente, conforme um diálogo o mais simétrico possível entre profissional e paciente (AYRES, 2004b, p.86).

O ensino da enfermagem vem enfrentando desafios cruciais para atender a esta necessidade de formação de enfermeiros competentes tecnicamente, mas também críticos, criativos, humanizados, éticos, pois, ainda prevalece o paradigma reducionista e os discursos contraditórios na formação, que embora propaguem a centralidade no paciente, a ênfase na subjetividade e na humanização da saúde, evidenciam posturas fragmentárias, onde a tecnologia acentua a redução do doente em objeto de lucro e manipulação, anulando sua subjetividade.

(...) ao aluno se oferece um conceito de ser humano integral, único, holístico e multidimensional. Esse conhecimento complexo, entretanto, é transmitido através de métodos de ensino tradicional, rígidos e mecânicos; não sendo oportunizado ao aluno condições de estabelecer relação com o ambiente que está inserido, impossibilitando o desenvolvimento do senso crítico e analítico (SILVA *et al*, 2010, p.177).

A própria universidade favorece essa realidade ao fragmentar o saber, perpetuando a construção do conhecimento a partir de disciplinas organizadas ainda dentro do modelo biomédico-biológico, reproduzindo o modelo saber-fazer, sem processo de reflexão e articulação entre os conteúdos (KLETEMBERG; MANTOVANI; LACERDA, 2004), e ao graduar-se, o aluno torna-se um especialista, detentor dos conhecimentos necessários e imprescindíveis para cuidar, e vê no sujeito doente um ser que não tem aporte intelectual suficiente para agir e manter a saúde. Reproduzindo, infelizmente, uma relação opressor-oprimido vivenciada na sua formação.

Uma vez libertos do sistema opressor, não podemos ser egoístas, e assim, devemos evitar reproduzir a relação de opressão quando estivermos em posição de “supremacia e liberdade”. Tal atitude implica em uma coerência entre o dizer e o fazer, coerência esta que se faz necessária ainda na situação de oprimido (FREIRE, 1983, p.59).

Nesta lógica, o educador possui o dever de ter coerência na sua prática, de forma que, para possibilitar a formação de cidadãos e ensinar o acadêmico a respeitar a voz e a vida do sujeito doente no ato de um encontro terapêutico²², não poderá, em momento algum, não dar voz e vida ao estudante durante todo o processo de ensino-aprendizado, pois estará reproduzindo a relação opressor-oprimido. “Em não ser apreendido de modo democrático, não se poderá exercer democraticamente as ações em saúde ou em quaisquer outros campos de atuação” (MORETTI-PIRES, 2008, p. 161).

O educador deve promover situações que possibilitem a participação ativa e crítica dos estudantes na construção do conhecimento, a partir do diálogo, desejando um cuidado que atue, não no, mas com o sujeito enfermo, almejando que este também torne-se co-partícipe do cuidado. Pois, o processo de cuidar deve abranger,

Além de procedimentos e atividades técnicas, ações e comportamentos que privilegiem não só estar com, mas o ser com. Melhor dito, acredita-se que procedimentos, intervenções e técnicas realizadas com o paciente só se caracterizam como sendo cuidado no momento em que comportamentos de cuidar sejam exigidos tais como: respeito, consideração, gentileza, atenção, carinho, solidariedade, interesse, compaixão, etc. O cuidar é um processo interativo, só ocorre em relação ao outro. O modo de ser do cuidado envolve relação não de sujeito-objeto, mas sim de sujeito-sujeito (WALDOW; BORGES, 2008, p.3).

Nesse modelo de educação que valoriza o sujeito, tanto o professor, quanto o aluno ou o sujeito doente, não se pode pensar pelos outros, nem para os outros, nem sem os outros (FREIRE, 2005). A postura do educador deve ser, portanto, repensada e dirigida para o trabalho em parceria com o estudante, orientada no diálogo.

Silva (2010) afirma que essa mudança da postura do professor requer uma transição da lógica de distribuição para a lógica da comunicação, de forma a se alcançar uma sala de aula interativa baseada na vivência coletiva e nas múltiplas

²² O encontro terapêutico diz respeito a um momento de encontro entre profissional e sujeito doente, onde deve surgir uma relação de cuidado, desde uma perspectiva que busque ativamente o aspecto técnico, aos aspectos humanistas da atenção à saúde (AYRES, 2004, p.21)

expressões e recriações, provocando a comunicação entendida como participação-intervenção, bidirecionalidade-hibridação e na permutabilidade-potencialidade, rompendo com a prevalência da transmissão bancária e posicionando-se como formulador de problemas, provocador de interrogações, sistematizador de experiências.

O diálogo verdadeiro, interativo, proposto por Freire (2005) e Silva (2010) acontece no encontro face a face dos sujeitos, mas ancorando-se nas novas interfaces tecnológicas, pode também se realizar nos ambientes virtuais, mantendo-se toda a sua potencialidade. Contudo, Matos Oliveira (2007) frisa que o que deve estar no centro da questão é a aprendizagem, onde a qualidade da comunicação entre alunos e professores, é um dos mais importantes aspectos a serem observados, tendo as tecnologias digitais como potencializadoras de novas formas interativas na produção de conhecimento e do espírito crítico. Para isso, Freire (1996) e Tardif (2011) discorrem sobre os saberes docentes que devem estar presentes na prática educativa.

Freire (1996) ressalta três saberes importantes: não há docência sem discência; ensinar não é transferir conhecimento; e ensinar é uma especificidade humana que refere-se ao “[...] saber da impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética do educando” (FREIRE, 1996, p.106).

Tardif (2011) classifica os saberes em: Saberes da formação profissional, que se referem aos conhecimentos ligados as ciências da educação, destinados à formação dos professores desde teorias a métodos pedagógicos; saberes disciplinares, que emergem da tradição cultural e dos grupos que produzem os saberes de cada área e correspondem aos diversos campos de conhecimento; saberes curriculares, que correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos e apresentam-se concretamente em forma de programas escolares; e, saberes experienciais, que correspondem a saberes que os professores desenvolvem baseados em seus trabalhos cotidianos e no conhecimento do seu meio.

Contudo, nesta sociedade contemporânea, complexa, desterritorializada e tecnológica, Rodrigues (2010) afirma que, a esses saberes descritos por Freire e Tardif, devem ser acrescentados de outros saberes típicos desse novo século.

O primeiro é o saber tecnológico, que se refere ao conhecimento que o professor deve ter acerca dos ambientes virtuais, seus recursos e interfaces, mas não apenas relacionados à utilização das tecnologias de comunicação e informação como instrumento, uma vez que estas, por si só, não garantem uma educação interativa e de qualidade, mas numa perspectiva estruturante do pensamento, que contemple processos de produção do conhecimento, de criação e cocriação possibilitadas pelas tecnologias digitais. E, o saber da mediação, que são ações do professor que colaboram para a dinamização da aprendizagem dos alunos, no sentido de romper com práticas pautadas na transmissão e centradas no isolamento do aluno e vislumbrar uma prática pedagógica pautada na interatividade constante.

Essa mediação ocorre em variadas interfaces dos ambientes virtuais de aprendizagem, incluindo os blogs, necessitando de estratégias específicas para cada uma delas.

Seja em ambiências presenciais ou virtuais, Freire (1996) declara que a reflexão e ação dos homens sobre o mundo é a maneira de superar essas contradições da formação ainda fragmentada do enfermeiro, e a consequente alienação do sujeito. Gadotti (1996, p.84) complementa que para “passar da consciência ingênua a consciência crítica, é necessário um longo percurso, no qual o educando rejeita a hospedagem do opressor dentro de si, que faz com que ele se considere ignorante e incapaz. É o caminho de sua auto-afirmação enquanto sujeito”. E é o diálogo a essência dessa dinâmica na educação. Um diálogo visto por Freire como o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo.

5 PERCURSOS METODOLÓGICOS

5.1 NATUREZA DA PESQUISA

Considerando o percurso das ações necessárias para alcançar os objetivos estabelecidos, optou-se pela metodologia da pesquisa-formação (ou etnopesquisa-formação), com abordagem qualitativa.

O método da pesquisa-formação, adotada neste estudo, está inspirado nos conceitos de formação abordados nos trabalhos de Freire (1996; 2005) e Macedo (2004, 2009, 2012), e contempla a possibilidade de mudança das práticas bem como dos sujeitos em formação.

Macedo (2009, p.117) define a pesquisa-formação como um tipo de “etnopesquisa-ação educacional interessada em construir conhecimento via processos formativos ou fazer pesquisa tendo a formação como um processo/dispositivo heurístico, ético e político”.

Sobre o conceito de formação, Macedo (2012) assume a perspectiva de que a formação “é experiencial, começa e acaba na experiência do sujeito e que, portanto, só pode ser alcançada em termos compreensivos a partir do ponto de vista e das atualizações de quem se forma e seus etnométodos²³ (MACEDO, 2012, p.93).

A busca pela formação de enfermeiros autônomos e éticos não pode ser estudada como um fenômeno linear, fechado, reduzido a práticas simplistas e fragmentadas. Santos (2005) aponta que esse fenômeno exige do pesquisador “escuta sensível, olhar atento a seus movimentos e desdobramentos, uma aprendizagem formada na ação e pela ação, no devir com os sujeitos culturais, compreendendo e interagindo com seus etnométodos” (SANTOS, 2005, p.142). E é nestes termos que a etnopesquisa produz sua singularidade na medida em que passa “a implicar-se na compreensão transformadora a partir e com os sentidos das

²³ Entendido aqui como as estratégias utilizadas pelos sujeitos para aprender e construir conhecimento. Segundo Macedo (2012), os etnométodos são metodologias constitutivas e relacionadas às culturas dos atores sociais utilizadas por eles para fins práticos com objetivos de compreender e resolver os problemas cotidianos.

ações dos atores sociais concretos” (MACEDO, 2012, p. 177).

Para melhor desenvolver este estudo, optamos por uma concepção de pesquisa implicada onde todos os sujeitos conjuntamente estão envolvidos na construção do conhecimento e no próprio método. E, a partir dessa visão, todos os sujeitos participantes desta pesquisa constituíram-se em pesquisadores, onde o professor-pesquisador deixa de ser o único conhecedor da verdade, que manipula os sujeitos e determina os objetivos, e, os pesquisadores-alunos não se restringem ao papel de objeto estudado.

Desse modo, contraria-se a noção clássica de pesquisa, pois o pesquisador não é sujeito neutro, não implicado, que vê os outros sujeitos como objetos a serem pesquisados. Nesta investigação, “todos são sujeitos, todos são potencialmente pesquisadores, ninguém é objeto. O objeto é a relação entre os autores” (SANTOS, 2005, p.154).

Guariente e Berbel (2000) destacam como ponto central a preocupação com o processo em si e não com o produto, tornando essencial a interação entre todos os sujeitos pesquisadores, proporcionando espaço, onde as pessoas falem por si mesmas, desvelando sua realidade, interagindo e ensinando-se mutuamente. O que garante, segundo Brandão (1981), a titulação de co-autores da pesquisa, negando a neutralidade ou o distanciamento entre sujeito e objeto de pesquisa.

Os homens e as mulheres fazem a sociedade da mesma maneira que são feitos por ela. Somos atores e protagonistas de nossa história da mesma maneira que somos definidos e condicionados por ela. Dentro dessa relação de interação, não há mais lugar para um pesquisador separado de seu objeto de pesquisa (BRANDÃO, 1981, p.24).

A pesquisa qualitativa propicia um campo livre ao rico potencial das percepções e subjetividades dos seres humanos, pois de acordo com Flick (2009), ela parte do estudo de relações complexas ao invés de tentar explicá-las por meio do isolamento de variáveis. O citado autor declara que a pesquisa qualitativa parte da ideia de que os métodos e a teoria devem ser adequados àquilo que se estuda. Assim, o modelo de pesquisa-formação proposto neste estudo comportou quatro fases descritas abaixo:

Primeira fase (julho/2012): Discussão da proposta de implantação da interface

blog no auxílio à disciplina presencial com o grupo de estudantes; negociação do cronograma de operações a serem realizadas.

Segunda fase (julho/2012): Investigação do universo vivido pelos estudantes-participantes e a coleta de dados socioeconômicos e tecnológicos para construção de um diagnóstico da turma.

Terceira fase (julho/2012): Apresentação do blog para a turma e início do seu uso no apoio as aulas presenciais.

Quarta fase (agosto a dezembro/2012): Utilização da interface onde a professora-pesquisadora procurou promover, através de questionamentos e das conversas virtuais e presenciais, momentos de reflexão onde os alunos pudessem se posicionar e se expressar. Houve ainda um momento para a retroalimentação, com discussão de todo o processo, incluindo as impressões, possibilidades e limitações do uso do blog no processo de formação.

Embora o processo de investigação qualitativa tenha sido escolhido para possibilitar o diálogo entre todos os sujeitos nesta pesquisa, procedimentos quantitativos foram aplicados a fim de caracterizar o grupo de alunos participantes, com relação aos aspectos socioeconômicos e o uso de tecnologias digitais no seu cotidiano, contribuindo para uma melhor compreensão do perfil dos estudantes.

A metodologia aplicada nesta pesquisa possuiu como propósito incentivar o estabelecimento do diálogo e da interatividade entre alunos-alunos e alunos-professora por intermédio do uso do blog, transpondo o ambiente físico da sala de aula, de modo a possibilitar a construção de uma aprendizagem significativa e participativa com vistas a formar enfermeiros não apenas técnicos, mas sujeitos críticos e autônomos.

Ressaltamos que neste estudo não se objetivou encontrar resultados que se possam generalizar, criando assim modelos a serem seguidos no ensino de enfermagem. Ao contrário, apoiando-se em Triviños (2001), pretendeu-se obter ideias predominantes, tendências que apareceram mais definidas entre as pessoas que participaram do estudo, buscando mais a compreensão e o significado do que a explicação dos fenômenos estudados.

5.2. UNIVERSO DA PESQUISA

Marconi e Lakatos (2010) descrevem o universo da pesquisa como o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum e que detém algum grau de informação sobre o tema explorado.

Neste estudo, o universo foi composto por todos os alunos matriculados na disciplina Saúde do Adulto, do curso de Bacharelado em Enfermagem de uma Instituição privada, no período de 2012.2, turno noturno, totalizando 54 alunos.

Todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam.

Todos os participantes foram informados quanto aos objetivos do estudo e suas particularidades, com posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A).

O campo de trabalho desta pesquisa foi uma Faculdade privada, localizada no Recôncavo Baiano, onde a disciplina Saúde do Adulto é oferecida no quinto semestre do curso de bacharelado em enfermagem.

O Recôncavo Baiano é uma região geográfica localizada em torno da Baía de Todos os Santos, abrangendo não só o litoral, mas também toda a região do interior circundante à Baía.

As cidades que compõem o Recôncavo Baiano são Conceição do Almeida, Sapeaçu, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Salinas da Margarida, Muniz Ferreira, Nazaré, São Felipe, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Muritiba, Cachoeira, São Félix, Maragojipe, Santo Amaro, Saubara, Conceição do Jacuípe, Terra Nova, Amélia Rodrigues, Laje, Teodoro Sampaio, Candeias, Simões Filho, Salvador, São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé. E, a referida faculdade onde ocorreu a pesquisa situa-se no município de Governador Mangabeira.

A escolha por essa instituição privada de ensino superior baseou-se no fato da pesquisadora compor seu quadro docente, lecionando há três anos na referida instituição, vivenciando as dificuldades do processo de ensino-aprendizado na disciplina Saúde do Adulto.

Na matriz curricular do curso, essa disciplina responde pela maior carga teórica correspondendo a 160h/aula (somando-se ainda outras 40h de prática em campo hospitalar), distribuídas em dois encontros semanais de 5h/aula cada. A mesma possui como ementa “Estudar o cuidado de enfermagem sistematizado a clientes adultos internados em unidades de clínica médica, cirúrgica e unidade de terapia intensiva, considerando o perfil epidemiológico regional, abrangendo clientes com afecções agudas e crônicas transmissíveis e não transmissíveis assim como afecções agudas e crônicas críticas”.

A partir das discussões das principais patologias que acometem o indivíduo adulto, os graduandos de enfermagem adquirem conhecimentos importantes para a atuação frente aos indivíduos enfermos, na tentativa de contribuir para o restabelecimento dos padrões hemodinâmicos, auxiliando no seu processo curativo e/ou curativo.

Os encontros presenciais semanais acontecem em salas de aula convencionais com suporte tecnológico como computador com data show, televisão com aparelho de DVD e retroprojektor.

5.3 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Macedo (2009) descreve alguns aspectos que definem a etnopesquisa-formação: postura de se fazer pesquisa onde o trabalho de campo é uma fonte essencial e direta de coleta de dados; contato prolongado do pesquisador com o ambiente de estudo; e o olhar voltado para a compreensão de como os atores sociais constroem os significados e os conhecimentos sobre a realidade.

Como a etnopesquisa valoriza os estudos de campo, Macedo (2004) afirma

que o trabalho de campo significa observar pessoas *in situ*, ou seja, “descobrir onde estão, permanecer com elas em uma situação que, sendo por elas aceitável, permite tanto a observação íntima de certos aspectos do seu comportamento, como descrevê-lo de forma útil para a ciência social, sem prejuízo para as pessoas observadas” (MACEDO, 2004, p.145). Mas, ao invés de ir a campo apenas coletar dados e julgar o real a partir do referencial teórico, Santos (2005) afirma ser preciso vivenciar o contexto cultural, interagir com os sujeitos e seus objetos técnicos, suas produções culturais, seus etnométodos.

Ver, trabalhar *in situ*, em ato, em *train de se faire*, falar com os atores sociais, esforçando-se em captar o processo mesmo de instituição das realidades socioculturais, sabendo que a linguagem institui realidades e habita o *Ser* em existência relacional, o etnopesquisador caminha fundamentalmente entre as compreensões dos atores sociais, ouvindo e tentando compreender suas compreensões (MACEDO, 2012, p.89).

A pesquisa-formação, assim como outras modalidades de pesquisa qualitativa, é concretizada na coleta e análise de dados primários empíricos e ancora-se na interatividade entre os sujeitos-pesquisadores, e dessa relação é que depende a captação dos dados.

Peruzzo (2006) assinala que

Por não valer de instrumentos mensuráveis, ela implica menos controle por parte do pesquisador. Na verdade, vai depender basicamente da capacidade do investigador em captar, compreender, interpretar e analisar o fenômeno (PERUZZO, 2006, p.144).

Para Macedo (2004), a realização de um estudo em etnopesquisa dos meios educacionais “necessita do acesso minucioso e denso no meio social escolar e seus atores, assim como do acesso à cotidianidade natural das situações onde se dá a prática pedagógica”. Nesta pesquisa, foi assegurado a presença constante do pesquisador no ambiente investigado e o compartilhamento das atividades do grupo, pois a pesquisadora é a docente responsável pela disciplina estudada, o que propiciou uma melhor apreensão da realidade e uma melhor compreensão da mesma.

A justificativa para que o pesquisador mantenha um contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente é a de que estes são muito influenciados pelo seu contexto. Sendo assim, as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que se possa entendê-lo. Da mesma maneira as pessoas, os gestos, as palavras estudadas devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.134).

Essa aproximação e envolvimento entre a professora-pesquisadora e os alunos foi de fundamental importância para a realização dessa pesquisa-formação. Contudo, Macedo (2012) alerta para o cuidado do pesquisador em não envolver-se demais com a pesquisa e distanciar-se das críticas, das ambiguidades, dos conflitos e contradições que fazem parte do processo.

A descrição da realidade com rigor científico e vigilância epistemológica é uma constante para o pesquisador desta área, que não deve perder de vista essa aproximação e o distanciamento de seu objeto de estudo para compreendê-lo de forma crítica (MACEDO, 2012, p.34).

Esta aproximação e distanciamento, esse ir e vir, proposto por Macedo (2012) constituiu-se em um dos desafios para a realização deste estudo, pois concordamos com Sampaio (1997) ao afirmar ser tarefa impossível dissociar o que se observa do observador já que a subjetividade está entranhada em todo o processo. “Nunca observamos simplesmente, no sentido que essa palavra supõe uma exterioridade impossível de alcançar, mas sempre partilhamos o que nos é dado viver, pesquisar” (SAMPAIO, 1997, p.36). Assim, sabendo que esta forte implicação da professora no campo trazia em seu bojo o risco da naturalização dos fenômenos ocorridos, momentos de reflexão profunda foram sendo realizados durante todo o semestre letivo, aliado aos diálogos estabelecidos com os alunos, com os autores consultados e com a professora orientadora desta pesquisa.

Nesta investigação, os instrumentos utilizados para coletar dados foram: um questionário estruturado para traçar o perfil dos alunos, acompanhamento dos comentários no blog através da observação participante e um questionário aberto para apreensão do uso da interface ao longo do semestre.

No primeiro dia de aula, foi realizada uma explanação sobre o cronograma/conteúdo da disciplina e as estratégias de ensino que vinham sendo

utilizadas até aquele semestre, trazendo neste momento, a proposta de implementação do uso do blog como um ambiente virtual de apoio à disciplina Saúde do Adulto.

Foram exibidos ainda vários blogs educacionais existentes na rede para que os alunos visualizassem como os mesmos já vêm sendo utilizados para ampliar os momentos de discussão nas escolas, criando ambientes de diálogo, interação e aprendizado.

Embora a proposta de investigação desta pesquisa tenha sido definida previamente pela pesquisadora, esse diálogo estabelecido com os alunos teve grande importância na busca pela motivação para colaboração/participação dos mesmos em todo o processo, assim como coletar sugestões.

Na segunda aula foi aplicado o questionário estruturado (apêndice B), envolvendo itens como idade, sexo, estado civil, uso de computadores, frequência de acesso à Internet, entre outros, a fim de coletar dados que conduzissem a caracterização dos discentes participantes da pesquisa. Neste momento, contamos com a participação de 94,4% (51) dos alunos.

O questionário é um instrumento de coleta de dados que deve ser respondido por escrito e sem a presença do pesquisador. Esse instrumento possui a vantagem de atingir um grande número de pessoas simultaneamente, obtém respostas mais rápidas e mais precisas e uma maior liberdade nas respostas em função do anonimato, contudo há a impossibilidade de ajuda ao informante nas questões mal compreendidas ou um grande número de perguntas sem respostas (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Antes da aplicação desse questionário, o mesmo foi lido pela professora-pesquisadora para dirimir dúvidas, e, em seguida, realizou-se o mesmo procedimento com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ao final da aula, os alunos devolveram o questionário e o Termo de Consentimento, devidamente preenchidos, sendo respeitado o anonimato dos mesmos.

Num terceiro momento, foi ministrada uma aula teórico-prática direcionada para o uso do blog, no laboratório de informática da faculdade, para que os alunos

pudessem manipular e se familiarizar com os diversos recursos da interface. Foram repassadas ainda outras informações como o endereço eletrônico do blog da disciplina - www.saudedoadultoenfermagem.blogspot.com.br (conforme figura abaixo)-, previamente elaborado pela professora, assim como as etapas para publicação de comentários, responder as enquetes, anexar documentos e links, visando sempre uma maior habilidade no manuseio da interface.



Figura 1- Blog da disciplina Saúde do Adulto
Fonte: Blog/ Internet

Num quarto momento, iniciamos uma conversa acerca das atividades que seriam postadas no blog e, logo em seguida, foi distribuído um artigo científico que abordava o papel do paciente dentro do processo terapêutico. A partir disso, a professora-pesquisadora encetou uma discussão sobre essa temática na sala de aula, estimulando os alunos a se posicionarem. Posteriormente, a discussão foi levada para o ambiente virtual, com a inserção de comentários pelos alunos.

Esta tarefa inicial possuiu como objetivo familiarizar os estudantes com o blog, identificar possíveis dificuldades no manuseio da interface e propiciar uma aproximação entre todos.

A professora ressaltou inúmeras vezes que o espaço de comentários do blog poderia ser utilizado a qualquer momento e de qualquer lugar extraclasse, incluindo o período de ausência de aula presencial devido os estágios hospitalares.

A cada nova discussão iniciada na sala de aula, com questões fisiopatológicas ou questões relacionadas à formação cidadã, o blog era utilizado como local de publicação de comentários, sugestões, reflexões. Em alguns momentos, houveram atividades postadas no blog, de cunho avaliativo.

Ao longo do semestre, a pesquisadora-professora acompanhou o comportamento dos alunos em relação ao blog, seus diálogos e postagens, apoiando-se em uma observação participante completa a partir do pertencimento original, que Macedo (2004) define como uma observação onde o pesquisador “emerge dos próprios quadros da instituição e dos segmentos da comunidade, recebendo destes a autorização para realizar estudos em que a realidade comum é o próprio objeto de pesquisa” (MACEDO, 2004, p. 157).

Ao final do semestre letivo, foi distribuído um outro questionário para os alunos, dessa vez composto por seis questões abertas (apêndice C) para conhecer os sentimentos/opiniões acerca do uso do blog em apoio à disciplina presencial. Inicialmente, uma entrevista individual semi-estruturada havia sido pensada enquanto instrumento para apreender os significados dos alunos no uso do blog. Contudo, com o final do semestre e a dispersão dos alunos para a realização dos estágios inviabilizou-se a realização da entrevista, sendo optado pela aplicação de um questionário aberto.

O questionário aberto é, normalmente, um recurso de pesquisa vinculado às pesquisas quantitativas. Entretanto, Macedo (2004) declara que as questões abertas no questionário, indexalizadas ao contexto do estudo, fazem com que o questionário possa ser útil à etnopesquisa.

O autor supracitado recomenda que as perguntas dos questionários abertos sejam em pequeno número, pois os respondentes precisam argumentar suas respostas, muitas vezes justificá-las, contextualizá-las e explicitá-las.

Marconi e Lakatos (2010) destacam a limitação do uso desse questionário para coleta de dados, pois os mesmos são declarados e não observados. Além disso, pode não corresponder àquilo em que o participante acredita e sim no que ele acredita ser socialmente aceito. No caso desta pesquisa, o aluno pode ter respondido de acordo com o que imaginava ser mais aceito pela professora-pesquisadora, mas tentou-se minimizar esse fato utilizando-se diversos instrumentos para coleta de dados e diferentes metodologias para análise dos mesmos.

5.4 ANÁLISE DOS DADOS

No universo das pesquisas qualitativas, a escolha de método para a análise dos dados deve, segundo Campos (2004), proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados recolhidos no período de coleta, devido à pluralidade de significados atribuídos ao produtor de tais dados.

Neste estudo, os dados coletados através do questionário estruturado, com o objetivo de traçar o perfil dos alunos, receberam tratamento quantitativo através do método de Estatística Descritiva, com determinação de médias, frequências absolutas e relativas, representadas na forma de gráfico.

Na análise dos comentários postados, utilizou-se a técnica da Análise da Conversação que é o método que se ocupa das conversas nas interações sociais. Marcuschi (2006) aponta que essa análise deve

Preocupar-se sobretudo com a especificação dos conhecimentos linguísticos, para linguísticos e socioculturais que devem ser partilhados para que a interação seja bem-sucedida. Esta perspectiva ultrapassa a análise de estrutura e atinge os processos cooperativos presentes na atividade conversacional: o problema passa da organização para a interpretação (MARCUSCHI, 2006, p.6).

Flick (2009) esclarece afirmando ser uma análise com menor interesse pela interpretação do conteúdo da conversa, enfatizando os procedimentos formais por meio dos quais estes são comunicados e determinadas situações são originadas.

Segundo Marcuschi (2006), a conversação pode ser entendida como um evento comunicativo, coletivo, essencialmente verbal, em que os envolvidos na ação comunicativa devem compartilhar de conhecimentos comuns. O autor cita ainda cinco características práticas, constitutivas da organização de uma conversação oral: interação entre pelo menos dois falantes; ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; presença de uma sequência de ações coordenadas; execução em uma identidade temporal; e envolvimento numa interação centrada (MARCUSCHI, 2006, p.15).

Recuero (2012) aponta que a interação entre os falantes e a ocorrência da

troca de posição entre os dois focam a característica dialógica da fala. E, os outros três elementos apontam a construção de um contexto conversacional. Contudo, essas características não são imediatamente evidentes no ambiente virtual.

A conversação mediada pelo computador apresenta alguns elementos diferenciais como: realizada à distância; há persistência, pois persistem no tempo e podem ser acessadas em momentos temporais diferentes daquele em que foram emitidas; e privilegia especialmente o texto, mais do que o som e o vídeo (RECUERO, 2009a). A autora afirma ainda que, embora não seja constituída de “fala” na maioria das vezes, a conversação no ambiente virtual é constituída de interações próximas desta, que simulam a organização conversacional oral e que têm efeitos semelhantes nas interações sociais e na constituição dos grupos.

Neste estudo, foi utilizada a Análise da Conversação para conhecer as características da conversação explicitadas através dos comentários e identificar as transformações presentes nesta interação mediada pelo computador, pois a organização da conversa ocorre de forma diferenciada visto que os falantes encontram-se em tempos e espaços diferentes. Assim, é possível perceber se os sujeitos que utilizam o blog conversam ou apenas constroem monólogos.

Para analisar o questionário aberto, foi empregado o método da Análise de conteúdo, compreendida por Bardin (2009) como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A autora supracitada acrescenta ainda que na análise do conteúdo há um esforço constante de interpretação, o que a mantém oscilando entre dois pólos do rigor da objetividade e da subjetividade.

Com abordagem semelhante, Flick (2009) afirma que a Análise de conteúdo é um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando qual a origem desse material.

As etapas da Análise de conteúdo, segundo Bardin (2009) consistem em:

a) Pré-análise: fase onde se realizaram as leituras flutuantes de todo o material coletado a partir do questionário, a fim de conhecer o contexto e deixar-se invadir por impressões e orientações, tentando apreender de uma forma global as ideias

principais e os seus significados gerais.

b) Exploração do material: nesta etapa, o *corpus* da pesquisa foi mais bem aprofundado. Para o tratamento dos dados foi utilizado a técnica de codificação e posterior categorização temática.

A codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto, através do recorte, agregação e enumeração, permitindo descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação e atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão (BARDIN, 2009).

Após a codificação, segue-se a categorização que consiste no reagrupamento em frases ou parágrafos enquanto unidades de análise, segundo critérios previamente definidos. Essas categorias são classes que reúnem um grupo de elementos com caracteres comuns sob um título genérico (BARDIN, 2009).

Ressalta-se que neste estudo, foi utilizada a categorização não apriorística, que é definida por Campos (2004) como emergente totalmente do contexto das respostas dos sujeitos da pesquisa, o que inicialmente exige do pesquisador um intenso ir e vir ao material analisado, além de não perder de vista o atendimento aos objetivos da pesquisa.

c) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação: é a fase da análise propriamente dita, onde o pesquisador deve tentar aprofundar a análise e desvendar o conteúdo latente, revelando ideologias e tendências das características dos fenômenos analisados.

Flick (2009) destaca que a interpretação de dados é a essência da pesquisa qualitativa, e no contexto da análise do conteúdo, ocorre uma redução da complexidade de uma numerosa coleção de textos, possibilitando uma melhor compreensão da realidade pesquisada.

5.5 ASPECTOS ÉTICOS

Por se tratar de um estudo com seres humanos dentro de um processo de ensino-aprendizado na formação de enfermeiros, este trabalho foi submetido à análise de um Comitê de Ética em Pesquisa, recebendo a autorização sob o protocolo nº 080/2012 (Anexo A)

Durante todo o período de realização da pesquisa foram obedecidos todos os princípios éticos da Resolução nº 196/96, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde.

O sigilo e o anonimato dos nomes dos alunos participantes foram mantidos.

6 REFLEXÕES SOBRE O USO DA INTERFACE BLOG

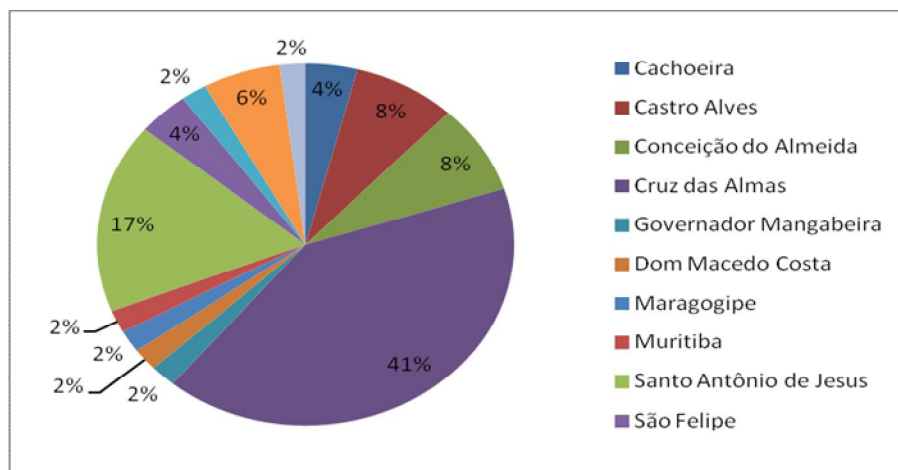
A turma 2012.2 matriculada para cursar a disciplina “Saúde do Adulto” era composta, em quase sua totalidade, por mulheres (52 mulheres e 2 homens), sendo que no dia da aplicação do questionário para traçar o perfil da turma tínhamos 100% (51) de presença feminina na sala de aula.

Este quantitativo significativo de mulheres está intrinsecamente relacionado às características da profissão já que a enfermagem nasceu atrelada ao cuidado feminino no lar ou nas instituições de caridade e, ao longo de toda a sua história, consolidou-se como profissão feminina. Nos últimos anos, têm-se percebido o aumento gradual de homens buscando essa formação, o que aparenta mostrar que as concepções sobre a enfermagem estão passando por transformações, deixando para trás a de profissão exclusivamente feminina, embora ainda predominante. Aliado a isso, Lopes e Leal (2005) afirmam que esse aumento de homens na profissão se deve, sobretudo, à segurança, estabilidade e garantias de postos de trabalho.

Com relação à faixa etária do grupo investigado, a média de idade foi de 28 anos, variando entre 19 e 54 anos. 61% (31) dos alunos são solteiros, 65% (33) não possuem filhos.

A instituição de ensino onde ocorreu a pesquisa situa-se na região do Recôncavo Baiano que é composto por diversas cidades. Por isso, todo o quadro discente da faculdade é bastante heterogêneo com relação à cidade onde residem os alunos. Nesta turma, encontrou-se que a maioria dos alunos residia em Cruz das Almas 41% (21) e em Santo Antônio de Jesus 17% (9), conforme gráfico abaixo.

Gráfico 1- Municípios de residência dos estudantes do curso de enfermagem 2012.2



Fonte: dados da pesquisa (2012)

Essas distâncias geográficas acabam por interferir na dinâmica da sala de aula, pois muitos alunos percorrem longos quilômetros para chegar à faculdade, a maioria após trabalhar diurnamente, e o cansaço físico acaba por limitar as discussões presenciais.

Com relação ao uso do computador, os dados revelam que os alunos o utilizam com bastante frequência, onde 55% (28) fazem uso diariamente e 27% (14) entre duas a três vezes por semana. Com relação ao local de acesso ao computador, 67% (40) informaram ser o domicílio, mas o ambiente de trabalho (10%) e a faculdade (10%) também possuem significativa importância nesse acesso. 92% (47) dos alunos afirmam ter fácil acesso à Internet; 60% (44) dos alunos utilizam o computador para assuntos estudantis, seguida de 23% (17) para o lazer e 12% (9) para assuntos profissionais.

Percebemos que esses estudantes já utilizavam o computador e a Internet para resolver questões relacionadas à sua formação acadêmica, o que constitui-se em um facilitador para o uso do blog no auxílio ao processo de ensino-aprendizagem.

Com relação à visitação de blogs na Internet, 63% (32) afirmaram não possuir esse hábito e 100% (51) do grupo declarou-se não ser blogueira, ou seja, não possuir nem administrar nenhum blog.

Essa pouca familiaridade com a interface blog foi percebida durante a aula teórico-prática ministrada na sala de informática da faculdade. A turma foi dividida em dois grupos para que a professora pudesse acompanhar de perto essa aproximação entre os alunos e a interface, esclarecendo dúvidas e principalmente ensinando a postar comentários.

Foi um momento bastante produtivo onde todos participaram ativamente, inclusive cadastrando-se espontaneamente como seguidores²⁴ do blog.

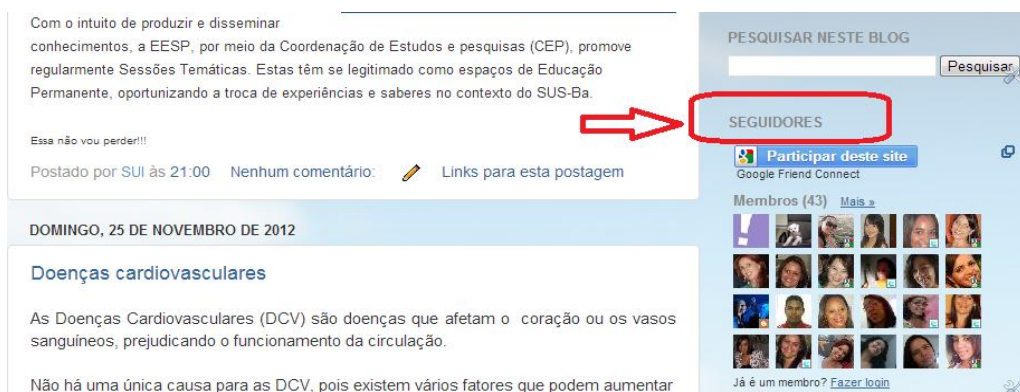


Figura 2- Lista de seguidores do blog da disciplina Saúde do Adulto
Fonte: Blog/Internet

É importante frisar que, neste momento de apresentação do blog à turma, o mesmo já estava online há três semanas e já possuía 17 postagens. Ele foi criado pela professora baseando-se nas suas experiências anteriores como docente dessa disciplina e nas inquietações dos alunos ao longo dos vários semestres. Contudo, nesse momento de aprender a utilizar os recursos da interface, foi esclarecido junto aos alunos que as sugestões que surgissem para mudança do layout da página ou sobre qualquer outro assunto seriam negociadas no coletivo.

Uma discussão sobre o sujeito doente no processo terapêutico foi iniciada em sala de aula, suscitando os alunos a se posicionarem com relação à assistência de enfermagem em uma dimensão dialógica e cuidadora. Em seguida, a professora fez uma postagem com esta mesma temática a fim de que o diálogo tivesse

²⁴ Seguidor é aquele indivíduo cadastrado em um determinado blog e que faz parte, publicamente, da lista de membros.

continuidade no ambiente online, incluindo *link* para um filme e um artigo científico para enriquecer o debate. A partir disso, foi percebido que alguns alunos ainda possuíam dificuldades relacionadas à inserção de comentários, as quais foram sanadas na aula presencial seguinte.

Ao longo da semana, os alunos foram orientados pela professora a utilizar o blog, a qualquer momento e de qualquer computador, assim como a escreverem seus nomes no final dos comentários caso os alunos não tivessem se cadastrados como seguidores do blog, pois se não o fizessem, o comentário seria publicado como anônimo.

Durante todo o semestre, as postagens foram frequentes, totalizando 89 publicações entre julho e dezembro de 2012, com temáticas diversas: divulgação de cursos ou atividades científicas, estudos de caso, novidades sobre as patologias pertencentes ao conteúdo programático da disciplina, eventos comemorativos na área da saúde além de questões acerca da profissão, do papel do enfermeiro na sociedade e das relações estabelecidas com o sujeito doente e com os outros profissionais da saúde.

Dentre essas postagens, três surgiram a partir da iniciativa dos alunos abordando temas diversos como divulgação de congressos científicos e vídeos sobre patologias cardíacas.

Esses *posts* foram pessoalmente construídos pelos alunos e, posteriormente, enviados para a professora via e-mail, já que apenas esta possuía autorização para publicação. Esta responsabilização da publicação das postagens pela professora pode ter se constituído em um fator que contribuiu para a não motivação dos alunos para criarem mais postagens. Entretanto, essa postura foi adotada pela professora diante do elevado número de alunos cursando a disciplina e o receio de que, por motivos diversos, a interface acabasse sendo utilizada para outros fins não pedagógicos. Arelado a isso, o fato dos encontros presenciais e as interações no blog serem conduzidas pela mesma professora pode produzir, segundo Bisol (2010), um efeito de maior proximidade e, para o aluno, isso pode se percebido como um “acompanhamento mais individualizado” e uma maior confiança no docente.

Este sentimento de maior proximidade entre aluno e professora foi percebido

ao longo do semestre, facilitando o diálogo e a parceria, mas será discutido em outro tópico adiante.

Almejando estimular o trabalho coletivo, cooperativo e colaborativo, a professora subdividiu a turma em dez grupos e desenvolveu uma atividade de ensino com pesquisa a partir do conteúdo programático.

Paoli (*apud* SOARES;ALMEIDA;BERALDO, 2010, p.38), entende que o ensino com pesquisa, visa o desenvolvimento de habilidades intelectuais fundamentais como “[...] decompor e recompor argumentos, estabelecer relações e elaborar abstrações a partir de regularidades e discrepâncias de dados e fatos, produzindo um certo nível de interpretação”, envolvendo uma organização nova de ideias e não uma reprodução dos autores estudados. Demo (2009, p. 78) salienta que “para o aluno aprender, tem de pesquisar, principalmente, para se formar de maneira adequada. Pesquisa não se reduz a conhecimento de ponta, mas é, antes de tudo, ambiente de aprendizagem”.

O ensino com pesquisa configura um princípio educativo problematizador, potencializador da construção da atitude de investigação, de reflexão crítica, de questionamento e teorização da prática, de negociação, de tomada de decisões, por isso acreditamos ser pertinente e imprescindível na formação do profissional. Freire (1996) afirma não haver ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino, sendo preciso discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, possibilitando uma relação dialética e dialógica entre teoria e prática.

Partindo dessas premissas, cada grupo ficou responsável por uma temática e o desenvolvimento da pesquisa com uma pequena amostra da população do Recôncavo Baiano. Foram feitas apresentações orais e, posteriormente, cada grupo recebeu a tarefa de criar uma postagem para publicação no blog.

A possibilidade de constituir-se em autor na construção do seu conhecimento aliado à sua posterior divulgação na Internet apresentou repercussões positivas na motivação dos alunos, que passaram a participar mais através dos comentários. Bzuneck (2001 *apud* RUIZ, 2004) aborda a importância da motivação para a aprendizagem afirmando que alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e,

consequentemente, aprendem muito pouco. “Em última instância, aí se configura uma situação educacional que impede a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e realizarem-se como pessoas, além de se capacitarem a aprender pela vida afora” (BZUNECK, 2001 *apud* RUIZ, 2004, p.13).

Frequentemente, ao longo de todo o semestre acadêmico são produzidos trabalhos escritos de todos os tipos e que, na maioria dos casos, “ficam empoeirados numa pasta ou esquecidos num arquivo em um computador. Um saber isolado, inativo, morto” (ARAÚJO, 2009, p.65). E, por não haver um registro sistemático capaz de oferecer um suporte de memória com visibilidade e acessibilidade desses trabalhos para os outros discentes, deixa-se de contribuir de maneira mais significativa para a construção do conhecimento no coletivo. Diante disso, a publicação no blog dos trabalhos realizados pelos grupos obteve impacto direto na motivação dos alunos, assim como no processo de aprendizagem da turma.

Todos os *posts* abordando os resultados alcançados através dessas pesquisas receberam visitas e comentários significativos, como o descrito abaixo.

Aluno A (14/11/12 às 16:03h): Oi professora, adorei a postagem do trabalho das colegas que aborda o tema acidente vascular cerebral. Temos que aproveitar o incentivo à leitura. Muitas dúvidas foram esclarecidas. Mais uma vez obrigada. Bjs

O blog desenvolvido para apoiar a disciplina Saúde do Adulto não possuía audiência restrita, podendo ser visitado e comentado por qualquer pessoa que tivesse acesso à Internet. Por isso, a frequência de visitação foi elevada, totalizando 7.200 acessos em seis meses. Como muitos alunos informaram ter divulgado o endereço do blog para estudantes de enfermagem de outras instituições de ensino, o público que foi atingido por essa interface foi maior do que o imaginado inicialmente.

Dentro do universo das postagens publicadas, 9% (8) receberam acima de cem visitas, e destas, três possuíam cunho avaliativo, onde a participação do aluno na discussão valeria nota.

Existem discussões na área da pedagogia sobre a utilização de recompensas, sejam elas materiais (prêmios, notas, pontos adicionais) ou sociais (o elogio ou a

atenção do professor) como motivações para a aprendizagem. Entretanto, este tipo de estratégia tem sido alvo de controvérsias entre educadores.

Em geral, Ruiz (2004) afirma que as recompensas podem comprometer o interesse intrínseco que o aluno tenha pela aprendizagem, tornando-a essencialmente “mercantilista”, pois o envolvimento do aluno com as tarefas acadêmicas estaria sendo controlado pelo reforçador externo (os prêmios, as notas, os elogios, entre outros) e, portanto, na ausência deste último, o comportamento tenderia à extinção. Mais ainda, o aluno se tornaria pouco autônomo ou auto-determinado, sendo incapaz de sustentar sua motivação para aprender baseado no prazer ou nos sentimentos positivos que poderiam advir do aprendizado em si, ou seja, da motivação intrínseca. Por outro lado, outros educadores defendem que as recompensas externas podem estabelecer-se como potentes motivadores, desde que sejam usadas em certas circunstâncias, pois são contingências naturais na vida das pessoas.

Para que sejam efetivas, as recompensas devem ser concedidas de tal forma que os alunos tenham um *feedback* informativo sobre seu desempenho e sejam encorajados a apreciar o desenvolvimento de seus conhecimentos e habilidades (RUIZ, 2004). Embasando-nos nisso, optamos nesta pesquisa em utilizar o sistema de recompensa em três postagens e, para tanto, a professora respondeu a todos os comentários publicados, oferecendo incentivos, elogios ou questionamentos buscando estabelecer uma conversação, além de atribuir nota ao que havia sido escrito baseando-se na avaliação que fez dos comentários.

Embora tenha havido significativa visitação ao blog, a publicação de comentários pelos alunos se manteve baixa durante todo o semestre. Percebemos ainda que, na maioria das vezes, eram os mesmos alunos que repetiam-se nas escritas. Reafirmamos a importância desses comentários, pois são por meio deles que a ação de outros visitantes do blog pode ser desencadeada, em um processo de interatividade.

O ato de comentar uma ideia e reler posteriormente envolve os sujeitos num processo de introspecção do conhecimento e de construção de significados (PERES, 2006). Os alunos passam a ter “voz”, suas ideias, seus pensamentos, seus

questionamentos passam a ser públicos, minimizando-se o medo da exposição em meio a uma sala de aula repleta de pessoas e diante de um professor “detentor” do saber.

As postagens que receberam o maior número de comentários foram: as de cunho avaliativo (63% do total de comentários); os casos clínicos, que objetivavam discutir patologias e a assistência de enfermagem; e aquelas que discorriam sobre histórias de superação, pois os alunos sentiram-se motivados a superar as dificuldades que vinham enfrentando no processo de ensino-aprendizado na disciplina, tendo na figura do professor um companheiro para o diálogo.

Tivemos assim, ao longo do semestre, um blog com um quantitativo reduzido de comentários, porém com uma marcante presença de audiências invisíveis que, segundo Recuero (2009b), caracteriza-se pela presença de audiências nem sempre visíveis através da participação.

Recuero (2009b) chama atenção ainda para audiências que, inclusive, surgem muito tempo após a publicação das conversações nos grupos, por conta das características da interface que permitem que esses grupos deixem rastros que poderão ser encontrados depois. Esta situação também foi observada ao longo do semestre, onde postagens muito antigas continuavam recebendo visitas frequentes.

Carvalho (2011) comenta sobre essa postura das pessoas que entram em ambientes virtuais, observam tudo, mas não contribuem com mensagens. A princípio, estabelecer a interatividade no ambiente virtual só seria possível por meio da troca entre os participantes da rede. Entretanto, a autora supracitada afirma não ser possível afirmar que os “silenciosos” não fazem parte da rede nem aprendem por meio dela.

Para citar um exemplo fora do ciberespaço, pode-se aprender muito com a leitura de um livro sem que seja necessário manifestar-se a outras pessoas. O mesmo aconteceria em ambiente virtual. (...) Nesses casos, pode-se encontrar pessoas que entram no ambiente virtual onde se desenvolvem projetos de aprendizagem apenas para consultar materiais disponibilizados e/ou para se relacionar exclusivamente com o educador, sem interagir com os demais, (...)

isso compromete a formação da comunidade²⁵ virtual de aprendizagem na qual o processo interativo é muito intenso, mas configura uma rede de aprendizagem online (CARVALHO, 2011, p.63).

O blog recebeu visitas em grande parte do público brasileiro, mas também obteve visitas de indivíduos moradores de outros países como Bolívia, Argentina, França, Portugal, Estados Unidos, Moldávia, Alemanha, Ucrânia, Japão e Venezuela, caracterizando a grande aldeia global que o planeta se transformou a partir da desterritorialização advinda da Internet.

A comunicação no blog ocorre através da escrita que, segundo Bisol (2010), possui a vantagem de gerar um registro permanente, mas por outro lado impõe a um sujeitamento à estrutura mais rígida da língua escrita. Considerando que a escrita no blog posiciona o aluno em lugares diferentes da língua portuguesa, expondo-o de maneira distinta a questões de fluência, competência, domínio do léxico, entre outras, esse fato pode ter contribuído para o distanciamento de alguns alunos do blog, com muitos acessos, mas poucos comentários pelo “medo” da exposição pública, tal qual nas discussões presenciais na sala de aula.

Baseando-nos nessa afirmação, podemos dizer que ao longo do semestre, devido ao baixo quantitativo de comentários publicados no blog em relação ao elevado número de acesso, alcançamos laços²⁶ mais frouxos unindo esses sujeitos e conseqüentemente baixo fluxo de cooperação. Assim, criou-se uma rede ao invés de uma comunidade virtual.

A força de um laço é uma combinação da quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua) e serviços recíprocos que caracterizam um laço. Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas.

²⁵ Comunidade virtual é definida por Marcuschi (2005) como uma espécie de agregado social que emerge da rede *internetana* para fins específicos. Seriam pessoas com interesses comuns ou que agem com interesses comuns num dado momento, formando uma rede de relações virtuais.

²⁶ Laços são conexões construídas durante as trocas sociais entre os atores de uma determinada rede

Os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. Laços fortes constituem-se em vias mais amplas e concretas para as trocas sociais enquanto os fracos possuem trocas mais difusas (RECUERO, 2009b, p.5).

Carvalho (2011) declara que a cooperação é o principal elemento distintivo entre as redes online e as comunidades, onde nesta última há uma predominância de interações cooperativas. No blog, percebemos que a cooperação entre os alunos também se fez presente, mas de forma esparsa, conforme demonstrado pela postagem abaixo.

Aluno F (23/8/12 às 09:41h): O que esse texto vem mostrar é a complexidade que se cria em relação ao Profissional de Saúde e o Paciente, o que pode oferecer além de cuidados técnicos e profissionalismo é um tratamento de forma humanista e com bastante diálogo, transformando em um relacionamento respeitoso e com valores, levando a um grau de importância e priorizando a vida. Vejam um artigo que li e que complementa um pouco o que tentei passar: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14131232010000100031.

Como há uma proposta de aprendizagem inicialmente planejada aliada a um esforço intencional para formar e informar os alunos, a presença de um educador responsável por estimular e provocar a aprendizagem do grupo, algumas discussões e atividades que possuem objetivo educativo explícito e a abertura do grupo para novas proposições dos participantes ao longo do processo, podemos assegurar que no ambiente do blog foi desenvolvido uma rede de aprendizagem online.

Ao afirmar que os visitantes do blog, tanto os que comentam quanto aqueles que não o fazem, estão construindo uma rede de aprendizagem, estamos lidando com um contexto onde pessoas agrupadas estão conectadas por possuírem interesses em comum.

Consoni (2010) discorre sobre o recurso presente no blog que permite que o blogueiro controle o comentário através de opções previamente configuradas. A maioria dos sistemas oferece basicamente três configurações que são: o não moderado, onde o comentário é publicado automaticamente no momento em que se faz o comentário; o moderado uma vez, onde o primeiro comentário no blog tem a sua publicação autorizada pelo blogueiro através da janela de moderação de comentários e os seguintes passam a ser publicados automaticamente; e o

moderado, que ocorre quando os comentários precisam ser aprovados sempre pelo blogueiro para que sejam visualizados no blog.

O sistema do tipo moderado foi o utilizado ao longo do semestre após acordo com a turma para que a professora pudesse sinalizar a necessidade de revisão da escrita antes da publicação. Um outro recurso presente no blog também possibilitou que a professora-blogueira recebesse sempre um aviso no seu e-mail toda vez que recebesse um comentário no blog, o que facilitou o acompanhamento dos mesmos.

Consoni (2010) alerta que um blog pode possuir muitos comentários e nenhuma conversação, enquanto outro blog pode receber poucos comentários e efetivar a conversação. Assim, embora o quantitativo de comentários recebidos no blog ao longo do semestre tenha ficado abaixo do imaginado, interessa-nos a busca pela efetivação da conversação online constituindo-se num pilar para o estabelecimento do diálogo, das relações sociais, da interatividade, do aprendizado.

A conversação é definida por Marcuschi (2006) como a matriz para a aquisição da linguagem e o gênero mais básico da interação humana. Tais observações sugerem que a linguagem possui natureza dialógica e realça o princípio fundamental do caráter par da linguagem, pois ao conversarmos, o fazemos com perguntas e respostas ou com asserções e réplicas, entre outros.

Partindo dessa premissa do par, Marcuschi (2006, p.11) esclarece a noção de turno que é entendido como “aquilo que um falante faz e diz enquanto tem a palavra”. Assim, “cada turno é demarcado pela ação de um participante de dizer algo” (RECUERO, 2012, p.67). Dessa sequência de cada par de turnos, ou seja, de uma primeira e de uma segunda parte, tem-se um par adjacente que provêm das falas entre os falantes e é definida por Marcuschi (2006, p.35) como “uma sequência de dois turnos que co-ocorrem e servem para a organização local da conversação”.

No decorrer de uma conversa, os sujeitos se intercalam turno a turno como exemplificado abaixo.

Professora (14/12/12 às 14:24h): A Comissão Estadual de Residência Multiprofissional e em Área Profissional de Saúde abriu inscrições para o Processo Seletivo Unificado, para ingresso nos Programas de Residência Multiprofissional e em Área Profissional da Saúde.

Aluno G (15/12/12 às 22:25h): Quem pode fazer residência? Só quem já é formado, ou estudante tb pode?

Professora (17/12/12 às 13:04h): Gente, residência é uma modalidade de ensino de pós-graduação, portanto só poderá ser feita por quem já concluiu a graduação!

Neste exemplo percebemos que a professora, autora da postagem, assume o papel de interlocutora da primeira parte do turno e faz uma assertiva em seu texto, e posteriormente, um aluno que é a segunda parte do turno, responde com uma pergunta, que por sua vez ganha uma resposta. Essa interação entre os falantes e a ocorrência da troca de posição entre os dois permite excluir o monólogo da conversa e determina, segundo Recuero (2012), a característica dialógica da escrita oralizada e explicita o caráter interacional dessa conversação no blog.

A ocorrência da relevância condicional entre os turnos também é notada no exemplo acima. “Toda conversação é sempre situada em alguma circunstância ou contexto em que os participantes estão engajados” (MARCUSCHI, 2006, p. 17).

Para que se concretize uma conversação como tal, ou a própria linguagem, não basta a ocorrência de um turno, mas sim, no mínimo a ocorrência de dois turnos coordenados e cooperativos, que se implicam por condições de relevância (relevância condicional), que significa que, dada a primeira parte, uma segunda é esperável; se esta ocorrer, é vista como a segunda em relação à primeira (URBANO, 2000, p.91).

Binet (2010) complementa ao dizer que as palavras de cada sujeito falante exercem também um mesmo poder coercivo sobre a participação dos interlocutores, criando contextos que impõem uma escala de relevância ao dizível, tida em conta pelos falantes. Assim, ao invés de publicação de frases desconexas, temos nos comentários do blog uma ação relevante que condiciona outra ação complementar notável.

Para que esta relevância condicional ocorra, Consoni (2010) declara ser necessário que os interlocutores ouçam uns aos outros na interação face a face, falando um de cada vez. No ambiente do blog, essa não sobreposição das falas (falando um de cada vez) é conseguida, em grande parte, pelo software que permite que todos tenham a possibilidade de publicar a sua fala, indiferente de outros o

estarem fazendo ao mesmo tempo.

Os comentários no blog organizam a discussão, publicando as escritas oralizadas sequencialmente, sem sobreposições, além de possibilitar que todos os sujeitos tenham o direito de expor suas ideias.

Segue abaixo outro exemplo onde nota-se essas três características da conversação no blog discutidas até o momento: interação entre pelo menos dois falantes, ocorrência de pelo menos uma troca de turno e presença de ações coordenadas (relevância condicional).

Professora (23/11/12 às 19:26h): A presidente Dilma Rousseff sancionou nesta sexta-feira a lei que estabelece um prazo de até 60 dias para que pacientes com câncer recebam o primeiro tratamento no SUS. Apenas decretar a lei resolverá o problema??? Os estados e municípios que não conseguiam ofertar essa terapêutica em tempo hábil não o faziam porque??? Agora conseguirão fazê-lo??? Na minha opinião, a iniciativa é válida, mas o problema não é tão simples assim para ser resolvido com uma caneta e um papel.

Aluna B (1/12/12 às 13:18h): Concordo com vc! Acredito que o problema tem uma base maior. Não é simplesmente a falta de uma lei, é o custo do tratamento e a falta de pessoal capacitado para a sua realização aliado ao número cada vez maior de pessoas que vem desenvolvendo a patologia! A lei tentará camuflar o problema mas não o resolverá.

Professora (2/12/12 às 21:59h): Penso por aí também, recursos tecnológicos e profissionais capacitados devem ser oferecidos para a Rede do SUS juntamente com a lei bem escrita e uma fiscalização rigorosa.

Outro elemento diferenciado na conversação mediada pelo computador é a ocorrência de interações que persistem no tempo e que podem ser acessadas em momentos temporais diferentes daquele em que foram emitidas, dando continuidade à conversação. Por isso, diz-se que são conversas assíncronas, sem expectativa de respostas imediatas.

Recuero (2012) explica que na conversação online ocorrem trocas em uma unidade temporal elástica na qual os participantes constroem e dividem um contexto em uma presença compartilhada (copresença) apenas pela persistência das trocas e dos contextos.

Essa copresença não acontece apenas quando os indivíduos estão

sincronizados na mesma ferramenta ao mesmo tempo, mas também quando estão acessando a conversação em tempos diferentes. “O que permanece é o ambiente da conversação, e não os interagentes” (RECUERO, 2012, p.54).

Aluno A (17/8/12 às 14:29h): O profissional de saúde precisa rever seus conceitos e valorizar o cuidar humanizado. Porque eu fiz enfermagem? Qual é o sentido da vida? Eu sou importante na recuperação do paciente?

Professora (17/8/12 às 21:57h): Vc está certíssima... cada profissional deve exercer a sua prática sem desconsiderar o sujeito doente e a sua importância no processo de cura

Aluno B (18/8/12 às 10:16h): Busca-se o conhecimento científico e técnico deixando de lado o real valor do ser, da sua totalidade, crenças e de suas perdas ao longo de sua vida. Essa é uma realidade não muito longe... Será que sabemos o que é o cuidado?

Aluno C (18/8/12 às 19:11h): Defendo o argumento de que os profissionais de saúde, não apenas a enfermagem, devem estar interligados no propósito de interação, diálogo e no processo do cuidar. Visando garantir o sucesso terapêutico é que devemos nos empenhar para não sermos mais um enfermeiro que operacionaliza e executa as técnicas de maneira mecânica, sem olhar para o paciente de uma forma holística, não separar o doente em patologias pois isso só dificultará o seu processo de recuperação.

Professora (21/8/12 às 10:17h): o que você entende por esse olhar holístico???

Aluna C (22/8/12 às 14:23h): Bom tarde pró, olhar de forma holística em minha concepção, é não olhar apenas para a doença e sim para o paciente como um todo, visando seu bem estar físico e psicológico. Procurando ajudá-lo não apenas no tratamento de sua patologia física.

Professora (21/8/12 às 10:09h): Eu tava lendo o que escreveu: "Na área de saúde a cada dia surge uma inovação, processos terapêuticos, aparelhos modernos, técnicas, distanciando-se cada vez mais do cuidar..." e daí fiquei pensando, o avanço tecnológico dificulta o cuidar??? a distorção do cuidado se deve as inovações científicas??? Ou seria a má interpretação, o mal uso dessa tecnologia, que levaria a sua supervalorização em detrimento do sujeito doente???

Aluna B (21/8/12 às 13:00h): O avanço tecnológico tem efeitos positivos como eficiência no diagnóstico e tratamento e do outro lado efeitos negativos como a divisão do paciente em órgãos e funções, encarecimento dos procedimentos e muitas vezes os aspectos psicológicos e sociais do adoecimento são esquecidos, os profissionais preocupam-se em manipular e dominar as tecnologias que nos ajudam, mais é importante lembrar que o ser deve ser respeitado e cuidado.

A conversação acima envolve a presença de quatro falantes, que alternam seus turnos, que sofrem implicações diante das ideias expostas além de demonstrar bem a elasticidade da unidade temporal do blog com intervalos entre as escritas

oralizadas variando de horas até dias.

A comunicação oral acontece em uma linearidade que pode ser chamada de temporal. Todo o discurso deve ser elaborado no exato momento em que o falante está fazendo uso da palavra. Marcuschi (2006) apresenta como uma das características básicas constitutivas da conversação essa execução numa identidade temporal, pois as trocas entre os falantes devem ocorrer durante o mesmo tempo mesmo que em espaços diversos (como na conversação por telefone). Mas, no ambiente virtual, Consoni (2010) e Recuero (2012) afirmam que pode haver conversação mesmo que em tempos e espaços diferentes, pois o importante é haver uma interação centrada, ou seja, trocas entre os sujeitos que estão envolvidos em uma tarefa cognitiva comum.

Desse modo, mesmo que os comentários publicados no blog ocorram assincronicamente, os alunos e a professora estarão realizando conversação, dialogando, interagindo, mantendo-se centrados em um tópico, não importando o intervalo de tempo em que ocorram as trocas. O que foi percebido ao longo do semestre, como demonstrado em mais um exemplo abaixo.

Professora (5/11/2012 às 14:46h): Por causa das nossas várias horas em frente ao computador, principalmente nas redes sociais, acabamos por usar o internetês²⁷ em outros ambientes e contextos, principalmente em documentos formais, incluindo avaliações escolares e prontuários dos pacientes. Comecei a me questionar como os alunos se sentem diante dessas múltiplas formas de escrita (formais e informais). O internetês pode entrar na escola ou nos serviços de saúde e estar presente em documentos como as avaliações acadêmicas ou prontuários? Enquanto estudante de enfermagem e usuário da internet, como se vê nesse contexto???

Aluno D (6/11/12 às 08:06h): Como estudante de enfermagem sei que as anotações em prontuários são importantes para reabilitação do paciente e no atendimento, por isso é necessário estar legível. E acho que o internetês não deveria entrar na escola nem em prontuários, e nem na escrita em geral. Enfim virou moda, vício no mundo virtual e precisamos estar nos policiando sempre quanto a escrita de forma clara, objetiva e principalmente correta.

Professora (6/11/12 às 17:31h):Oi, aproveitando o estágio??? Mas voltando a discussão, virou moda ou já faz parte de uma nova realidade da sociedade em rede? Quando ele entra na sala de aula há um avanço ou um massacre da nossa língua? Saudades!

²⁷ O internetês é uma linguagem surgida em meados do final do século XX em ambientes virtuais, baseada na simplificação, na abreviação ou na supressão de letras em palavras, utilizadas nos enunciados da comunicação interpessoal (MERCADO, 2010).

Aluno E (7/11/12 às 18:37h): Claro que o internetês não pode entrar na escola! Muito menos entrar nos serviços de saúde e nos prontuários. Se já é tão difícil entender as letras dos médicos, imagina como seria ter que entender as letras dos médicos e mais as abreviaturas de vários profissionais diferentes (...) Não podemos baixar a guarda e deixar que gírias e abreviaturas inventadas por internautas se insiram no dia-a-dia da população...população essa que mal sabe o português correto. Saudades, pró!

Professora (7/11/12 às 22:03h): Também tô com saudade! Juízo aí no estágio, viu? Concordo com muita coisa que você escreveu, mas vejo os alunos reproduzindo o internetês em provas, em evoluções... a internet, o mundo virtual, as interações e diálogos online são uma realidade, devemos ignorar o internetês?Fingir que ele não existe?Ou podemos tentar trabalhar com ambas, cada uma em contextos diferentes?bjjs

Aluno E (8/11/12 às 10:00h): É isso, professora, ignorar a gente não pode, até porque não conseguiríamos, mas dá pra encaixar cada uma em um contexto diferente, e não deixar que ultrapassem seus limites...Quem mais tem juízo sou eu! Rsr!bjuu

Aluno D (8/11/12 às 14:45h): Pró, também estou com saudades. Ele faz parte de nossa realidade e quando entra na sala de aula há um massacre da língua portuguesa sim.Precisamos às vezes tentar adivinhar o que está escrito. Beijos!!!

Marcuschi (2006) descreve que os diálogos que mais permitirão a ocorrência da conversação centrada são os do tipo simétrico em que os participantes têm supostamente o mesmo direito à palavra, do tema a tratar e de decidir sobre seu tempo, como em uma conversa entre amigos. Diferente do que acontece muitas vezes na sala de aula, onde apenas o professor tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a conversação, exercendo pressão sobre os alunos.

Como no espaço de comentários do blog a professora não pode interromper a fala do aluno a qualquer momento que deseje, impondo a sua autoridade institucionalizada, por causa das ferramentas da própria interface que impedem sobreposições, o diálogo simétrico se estabelece e o ambiente permite maior liberdade de interação, criando espaços de debate.

O estabelecimento dessa interação centrada, baseada em diálogos simétricos, aponta para a construção no blog de um contexto conversacional, que se constitui em um elemento fundamental para compreender aquilo que foi exposto na conversação. E como a conversa acontece de forma assíncrona, a capacidade da interface de proporcionar que o contexto criado seja recuperado pelos participantes,

independente do momento em que acessem o espaço de conversação, se torna chave fundamental para que a interação aconteça. Assim, é demonstrado no depoimento a seguir:

Aluno H (14/11/12 às 15:24h): Tudo bem? Consegui administrar o cateter. 1º fiz a medida do lobúlo da orelha até o ápice do nariz, e nas opções de introdução escolhi um terço, e deu certo. Bacana, bem instrutivo.

Professora (14/11/12 às 18:58h): Que bom que vc gostou!!! Bjs

No exemplo acima, o contexto é dado pelo sistema do blog que permite que as informações (comentários e jogo online) se mantenham gravadas na ferramenta, ocupando o mesmo espaço, e com isso, as interações seguintes que passam a se inserir na conversação sobre o jogo online para instalação de cateter nasal, conseguem compreender aquilo que foi dito dentro do contexto.

Recuero (2012) afirma que os links também são elementos que auxiliam na recuperação do contexto nas conversas do blog.

Essa rede de interação que surge através dos comentários no blog, geralmente, se desenvolve a partir da postagem original. Entretanto, como alertam Primo e Smaniotto (2006a, p.5), “nada impede que a conversa tome outros rumos ou mesmo que se publique comentários fora do contexto. Vários assuntos podem ser discutidos ao mesmo tempo, mesmo aqueles sem nenhuma relação ao post original”.

Consoni (2010) também aborda sobre essas conversas que não tratam do tópico da conversação que foi colocado na primeira parte do turno. Ele as denomina de sequências laterais e, na conversação face a face, as exemplifica com as conversas paralelas que ocorrem na sala de aula.

A diferença entre a presença dessas sequências laterais na conversação face a face e na virtual, é que na primeira, provavelmente se interromperia a atividade conversacional, criaria um ruído no turno adjacente, enquanto no espaço de comentários do blog essas sequências podem dar início a novas conversações, construindo novos pares adjacentes, sem interferir no par adjacente inicialmente proposto, como demonstrado abaixo.

Professora (17/9/12 às 21:51h): Pra quem tá querendo participar de discussões científicas, vou indicar dois acontecimentos que irão rolar no Recôncavo Baiano. O primeiro acontecerá em outubro, na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) e o segundo acontecerá em novembro, na Faculdade Maria Milza (FAMAM). Mais informações é só clicar nas figuras...vamos lá, animem-se!!!!

Aluna F (19/9/12 às 11:21h): Olá Prof^a, estou com dúvida e muito interessada sobre a construção do artigo da disciplina. O assunto que poderei escolher é mediante a matéria Saúde do Adulto? Ou poderá ser escolhido qualquer tema extra conteúdo da disciplina?

Professora (19/9/12 às 15:27h): Demais pessoas com dúvidas, o artigo que iremos construir será baseado nos questionários já aplicados, a partir do objetivo central previamente estabelecido para cada grupo...bjs

Embora a nova sequência entre os falantes não tenha seguido a postagem inicial, percebemos a presença de uma coerência conversacional o que possibilita efetivar uma conversa e a construção de novos pares adjacentes, e não apenas monólogos de interlocutores isolados.

Podemos imaginar e conhecemos conversações com constantes violações do sistema de troca de turnos, mas, se lhes faltar coerência, elas serão mais do que estruturalmente falhas, pois não terá havido interação. Uma pessoa que não mantém o princípio da cooperação, fala sozinha, não obstante permitir que o outro tenha seus turnos. A coerência é um processo global e implica interpretação mútua, local e coordenada (MARCUSCHI, 2006, p.76).

As conversas no blog não se limitaram a simples exposição de “falas” durante a construção dos turnos, e revelaram a interatividade através do diálogo e de trocas mútuas na construção dos turnos.

Os marcadores conversacionais são outra característica dessa conversação online e são definidos como “articuladores que ajudam a dar coesão e coerência ao texto falado, dentro do contexto conversacional” (MODESTO, 2007, p.7), podendo ser de tipo linguístico e não linguístico.

No linguístico, existem os verbais lexicalizados (como sabe? Eu acho que, tá, ok), os não lexicalizados (ahn, eh) e os prosódicos (pausas, alongamentos, hesitações). O não linguístico remete a gestos, olhares, risos (MODESTO, 2007).

Como ajudam na compreensão entre os interlocutores, estes marcadores

de compartilhamento.

No último dia de aula, foram distribuídos os questionários abertos após explicação do seu objetivo e 50% (27) dos alunos o devolveram respondidos.

O material textual obtido a partir dos questionários foi analisado e categorizado em unidades de sentido, de acordo com as etapas descritas por Bardin (2009) para realizar a Análise do Conteúdo. Ao final, foram definidas três unidades de sentido: Concepção de blog; Potencialidades do blog; e Desafios no uso do blog, que serão discutidas a seguir.

6.1 CONCEPÇÃO DE BLOG

Os blogs, para Primo (2008), são muito mais que uma simples interface facilitada para a publicação individual. São espaços coletivos de interação, são pontos de encontro.

Os alunos apresentaram concepções distintas sobre a interface blog. Alguns o definiram como um diário pessoal, outros como meio de comunicação e outros como rede social.

“Pra mim é uma página pessoal, como um diário pessoal” (ALUNO 1)

“É uma página na internet onde podemos expor nossas ideias”
(ALUNO 2)

Amaral, Recuero e Montardo (2008) explanam que uma das primeiras apropriações que se seguiu à popularização do blog foi o seu uso como diário pessoal, sendo utilizado para expressão pessoal, publicação de relatos, pensamentos e experiências da vida do autor.

O blog da disciplina Saúde do Adulto apresenta características bastante distintas de um diário pessoal, o que prejudica a equiparação de ambos segundo Primo (2008). Embora sejam formas de registro escrito que seguem uma explícita organização cronológica, Primo afirma que a principal distinção entre o blog e o

diário pessoal os opõe de maneira inconciliável. Diário pessoal se volta para o intrapessoal, tem como destinatário o próprio autor. Já o blog, visa o interpessoal, o grupal, sendo este o foco do blog da disciplina, constituir-se em um espaço público de troca, de encontro, e não de simples repositório dos conteúdos da área da saúde.

Esta percepção do blog como um diário virtual, que permite ao blogueiro expor sua vida íntima em minúcias para um público que queira ler, pode ter contribuído para o baixo uso da ferramenta de comentários pelos alunos, pois ao ler um diário temos como objetivo conhecer os “segredos” de alguém ao invés de estabelecer uma conversação.

O conceito de meio de comunicação também foi utilizado pelos alunos para designar um veículo para a difusão e compartilhamento das informações e ideias. Isso é demonstrado nas falas a seguir:

“É um meio de comunicação que nos dá a possibilidade de postar informações” (ALUNO 3)

“É um meio de comunicação que pode ser compartilhado e avaliado por diversas pessoas” (ALUNO 4)

“Um espaço voltado para a troca de conhecimento. Lá é postado informações e nós podemos colocar nossa opinião sobre os temas abordados” (ALUNO 5)

Amaral, Recuero e Montardo (2008) e Primo (2008) concordam com esta aceção dada pelos alunos, afirmando que é preciso que fique claro que blogs são meios de comunicação. Mais do que ferramentas de publicação caracterizada pelo seu formato, são uma ferramenta de comunicação capaz de gerar uma estrutura característica constituída enquanto mídia, ou seja, enquanto ferramenta de comunicação mediada pelo computador.

Pensar no blog enquanto mídia, ou meio de comunicação, nos faz entender que mudanças aconteceram desde os tempos de predomínio da mídia de massa, passando da distribuição da mensagem para a horizontalização do processo, com participação ativa dos indivíduos inclusive na educação.

Quando os alunos passam a enxergar a interface blog como uma ferramenta de comunicação com a possibilidade de participação ativa neste processo

comunicacional (avaliando, comentando, opinando, questionando, etc), a aprendizagem passa a ocorrer através das conexões das imagens, dos sons, dos textos nos *posts*, das palavras escritas deixadas nos comentários, das diversas sensações, das afetividades. Nesse contexto, o professor abandona sua postura centralizadora e transmissora, passando a ser agente provocador das situações, dos encontros, da inteligência coletiva no ambiente virtual.

Esse grupo de pessoas interconectadas (alunos, professora, outros visitantes) acabam por se constituir em uma rede social, sendo esta a última concepção sobre o blog exposta pelos alunos. Assim é demonstrado:

“É uma rede social que permite adquirir informações e expor opiniões” (ALUNO 6)

“O blog é uma meio dos alunos poderem se relacionar com todos” (ALUNO 7)

Esse encontro de pessoas sempre existiu, portanto, as redes sociais não são invenções da sociedade contemporânea. Mas, o desenvolvimento tecnológico recente permitiu a sua emergência como forma dominante de organização social. “Exatamente como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas, instituições e suporta redes sociais” (WELLMAN, 2002 *apud* RECUERO, 2009a, p. 94).

As pessoas em rede trocam e compartilham ideias de forma fluida e aberta, enquanto seus interesses forem os mesmos do conjunto. Por isso, Recuero (2009a) diz que na rede social online, as pessoas são os nós e os fios são as relações entre elas, constituídas a partir dos laços sociais que por sua vez são formados através da interação social dos sujeitos mediadas pelo computador.

Para que haja a construção de rede social, precisa haver interatividade e esta é fácil de observar na medida em que as pessoas efetivamente conversam através dos comentários deixados no blog. Como foi possível constatar, através da Análise da Conversação, que na ferramenta de comentários os participantes conseguiram efetivar o diálogo/conversação no blog da disciplina, podemos afirmar que cada novo comentário representou uma nova conexão, um novo fio, que permite aos sujeitos se interligarem para criar e compartilhar conteúdo, efetivando a rede social.

Recuero (2009a) denomina o tipo de rede social do blog como rede emergente, pois são aquelas expressas a partir das interações entre os atores sociais. São redes cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador. Assim, os comentários trocados no blog propiciam, constantemente, a construção e reconstrução da rede social através das trocas sociais.

A autora supracitada reforça ainda outra característica presente na rede emergente criada no blog da disciplina Saúde do Adulto, que diz respeito ao fato dessa rede ser pequena. Recuero (2009a) afirma que, normalmente, essas redes emergentes são pequenas, pois a quantidade de comentários envolvidos em uma interação centrada, com efetivas trocas sociais, requer dos sujeitos participantes tempo disponível e desejo de realizar esse investimento de interação com o outro através da interface.

O blog da disciplina contribuiu para que os alunos e a professora se aproximassem mais, melhorando as relações sociais já construídas inicialmente na sala de aula presencial. Permitiu ainda construir espaços sociais através da conversação/interação online, constituindo aí os nós e suas conexões.

Na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, entre outros, não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações (TASSONI, 2000), por isso a proximidade entre a professora e os alunos potencializada pelo blog foi importante por acabar proporcionando a interatividade e diálogos intensos, criando infinitas maneiras de auxiliar o aluno no processo de ensino-aprendizagem. Assim, quando a prática educativa é pautada no diálogo, ocorre uma intercomunicação entre educador e educandos, e o conhecimento é construído na troca de saberes, dentro de uma concepção libertadora.

O vínculo afetivo que o professor estabelece com o aluno em sala de aula, deve ter um caráter libertador e de confiança no cotidiano, para combater o preconceito e os rótulos comuns presentes no ambiente escolar. Dessa forma, o vínculo afetivo estabelecido, favorece a expressão de questões pessoais entre professor e aluno no cotidiano escolar. Além disso, conduz a autonomia e o sucesso na construção da aprendizagem recíproca, na formação da personalidade dos alunos em adultos seguros e confiantes de si, capazes de pensar de forma crítica o mundo que os cercam (PEREIRA;GONÇALVES,

2010, p.13).

Em face à fluidez das relações e à provisoriedade do conhecimento, características da sociedade contemporânea, não faz sentido, conforme Barnett (2005), ensinar apenas o que foi historicamente acumulado na tentativa de formar um bom profissional. Desse modo, para além de redes sociais com objetivo de aproximar as pessoas e estabelecer vínculos, o blog possuiu como premissa auxiliar no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes de enfermagem, influenciando positivamente sua formação técnica e de cidadão. Por isso, defendemos ser mais oportuno definir o blog da disciplina Saúde do Adulto como uma rede de aprendizagem online.

6.2 POTENCIALIDADES DO BLOG

Sobre as potencialidades no uso do blog ao longo do semestre acadêmico, os alunos destacaram o apoio à disciplina presencial, melhoria do relacionamento aluno/professor e auxílio na formação do profissional enfermeiro.

A disciplina Saúde do Adulto possui extensa carga horária teórica e, ao longo do semestre, a preocupação da professora volta-se para o conteúdo programático que precisa ser vencido a fim de preparar os alunos para os momentos de prática hospitalar, onde precisarão ter segurança científica e destreza técnica para atuar. Contudo, a formação do sujeito, do cidadão, também se faz premente nesta caminhada pela formação técnica. Assim, o blog foi idealizado com a finalidade de ampliar os momentos de encontro entre professora e alunos, na busca por interações dialógicas para além das informações biológicas.

Neste apoio à disciplina presencial, os alunos destacaram como importante a linguagem utilizada no blog, pois mantém o ambiente dinâmico e atrativo.

“A linguagem que é usada nas postagens de forma resumida facilita a compreensão do assunto” (ALUNO 8)

Além disso, os alunos conseguiram perceber o blog não só como um local para

aquisição de informações, mas também como um local para livre participação e expressão, conforme demonstrado nos depoimentos:

“O blog traz várias informações referentes a disciplina, mas também muitas outras que também contribuem para o meu conhecimento” (ALUNO 9)

“A conversa no blog fica muito mais interessante, o aluno se sente com liberdade para se expressar” (ALUNO 10)

“O blog foi uma boa proposta porque levou o estudante a expor sua opinião e também seus conhecimentos” (ALUNO 11)

A partir dessas afirmações percebemos que através dos recursos do blog e, do uso que todos os participantes fizeram deles, pôde-se criar um espaço de conversação em rede mais flexível que propiciou o surgimento da escrita oralizada, da conversação e a possibilidade da aprendizagem coletiva.

As discussões não se restringiram apenas à sala de aula e o contato com as ideias, os saberes, as opiniões e as dúvidas dos outros participantes do blog foram importantes para a busca pela construção do conhecimento.

Silva (2010) afirma que esse contato com as diversas vozes expressas no ambiente do blog, algumas vezes contraditórias, e a possibilidade de escolha do seu próprio caminho no labirinto hipertextual da interface, favorecem a expressão individual, o confronto entre os pares e a possibilidade de uma construção coletiva do conhecimento. Assim, pode-se observar:

“Muito produtivo, pois no blog tiramos dúvidas e vemos as ideias dos colegas e professora” (ALUNO 6)

“Serviu para correlacionar as aulas dadas em sala com as várias informações no blog” (ALUNO 3)

“Eu não sabia o que era um blog (...) e a professora sempre trazia um assunto que nos possibilitava associar com o que foi passado em sala de aula” (ALUNO 8)

“O blog facilitou a compreensão de alguns assuntos que não ficaram tão claros na sala de aula e por meio dele ficou mais prazeroso o aprendizado” (ALUNO 12)

“O blog despertou nossa curiosidade (...) mesmo com o fim do semestre espero que as informações continuem sendo divididas conosco” (ALUNO 1)

O prazer pela busca da construção do próprio conhecimento deve ser estimulado pelo professor, pois esta é uma fonte de motivação importante para o ser humano, o qual tende a procurar o que lhe dá prazer e a fugir do que lhe causa desprazer.

A curiosidade, o desejo de descobrir o mundo, estimula o anseio pelo saber o que acaba despertando no aluno a vontade de investigar, de aprender a aprender. Freire (1983; 1996) vê a curiosidade como inquietação indagadora, como uma inclinação ao desvelamento de algo e, por isso, ressalta que o conhecimento exige uma presença curiosa da pessoa diante do mundo. Conhecer diz respeito à ação transformadora das pessoas sobre o mundo e a realidade.

Na educação bancária, cabe ao educando apenas escutar, obedecer, memorizar. O educador impõe suas ideias no processo de ensino-aprendizagem com o discurso da busca da conscientização do aluno, mas essa prática depositante e desmotivante acaba por anestesiá-lo o espírito crítico dos alunos, domesticando-os. A fim de modificar esta lógica, a professora procurou através dos recursos da interface, propiciar meios para que os alunos fossem motivados a buscar, a serem curiosos, criativos, a se expressarem de maneira construtiva. Em suas obras, Freire (1983, 1996, 2005) marca essa importância de resgatar e conferir valor à voz do aluno para que ele se constitua enquanto sujeito e saiba empregar sua voz positivamente na sociedade em que vive.

Ao possibilitar um espaço para expressão através da escrita, o blog “deu voz” aos alunos possibilitando que se anunciassem, que relessem posteriormente o que haviam escrito, que refletissem sobre suas ideias e as dos outros, surgindo dessas interações a comunicação, o diálogo e a possibilidade de uma construção coletiva do conhecimento e da conscientização dos sujeitos.

“Com o blog temos mais tempo para pensar, refletir, e opinar sobre as informações que temos acesso” (ALUNO 3)

“(…) as atividades foram bastante reflexivas e divertidas de fazer” (ALUNO 6)

“O blog foi de grande ajuda para o aprendizado pois para responder aos questionamentos os alunos tinham que ler, pesquisar, pensar, para depois responder” (ALUNO 13)

“Foi muito importante usar o blog, porque o aluno aprende de forma diferente (...) através do uso do blog a gente tem tempo para escrever, apagar, refletir e escolher a melhor resposta” (ALUNO 7)

No blog os alunos puderam realizar o exercício da argumentação e a exposição do seu ponto de vista, quando muitas vezes a sala de aula presencial não oferece oportunidade para isso, principalmente pela sobrecarga de conteúdo teórico da disciplina e pelo elevado quantitativo de alunos, o que acaba por vezes adormecendo a capacidade dos alunos de participação e de crítica.

A troca de informações e experiências nos comentários produz um conhecimento com mais significado para o aluno, pois ele não está respondendo a mais uma atividade acadêmica, mas se comunicando com alguém, sendo provocado ao diálogo e à crítica.

Os espaços de comentários permitem, como expresso pelos alunos, comentar uma ideia, criticar, expor opiniões, reler o que já foi escrito, ampliando as possibilidades de colaboração/cooperação e reciprocidade. O aluno passa a se constituir como co-autor do texto que se constrói coletivamente e contribui para romper com uma cultura do silêncio e da educação transmissiva presentes nas instituições de ensino.

Esse grande poder de comunicação do blog possibilita a construção de redes sociais e de saberes. Para Freire (1983), toda comunicação deve estabelecer uma relação social igualitária, dialógica e uma coparticipação dos sujeitos no ato de conhecer. E essa relação dialógica funda o ato de ensinar, que se completa no ato de aprender.

Na dialogicidade, educador e educandos vão desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra em interação. “Saber que reflete o mundo e os homens, no mundo e com ele, explicando o mundo, mas sobretudo, tendo de justificar-se na sua transformação” (FREIRE, 1983, p.86).

Ressaltamos que os diálogos que se desenvolvem nos espaços de comentários do blog não podem ser descontextualizados da realidade dos sujeitos

envolvidos nem desconsiderar os saberes trazidos pelos alunos com vistas a não reproduzir no blog atitudes recorrentes do ambiente presencial da sala de aula. A heterogeneidade da turma, seus diferentes ritmos, experiências, contextos familiares, valores e suas ideias a respeito dos objetos, fatos e fenômenos precisam ser considerados no processo para se estabelecer o diálogo entre todos os sujeitos e dá sustentação para “ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos, de estimular processos internos que acabarão por se efetivar, passando a construir a base que possibilitará novas aprendizagens” (REGO, 1995, p.108).

Esta importância de considerar as experiências, os saberes e o contexto do grupo no processo de ensino-aprendizado também foi descrita pelos alunos.

“No blog foi exposto o conhecimento do aluno e o conhecimento da professora” (ALUNO 3)

“O blog foi bastante positivo pois favoreceu o processo de ensino-aprendizado, e o conteúdo divulgado no meio virtual estava interligado com a nossa vida cotidiana” (ALUNO 5)

Essa prática comunicacional que se fez presente no ambiente do blog considerou o aluno um sujeito ativo e interativo no processo de conhecimento.

Os cursos de graduação em enfermagem precisam promover espaços de diálogo, sejam eles na própria sala de aula presencial ou em ambientes virtuais como o blog, pois o diálogo é necessário para promover comunicação. Sem a comunicação não há educação, nem o conhecimento, nem o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico e reflexivo do sujeito.

O blog foi utilizado durante o semestre como uma estratégia pedagógica, de acordo com as definições de Gomes (2005), onde a participação do aluno foi central para criar na interface espaço de intercâmbio, de debate e de colaboração de ideias e informações na busca pela produção do conhecimento.

Outro aspecto que garantiu o apoio à disciplina e a discussão coletiva relacionou-se ao conceito de desterritorialização, o que fica exemplificado nas falas abaixo:

“Foi ótima a ideia do blog pois dá para participar da discussão de um mesmo assunto com diversas pessoas mesmo a distância” (ALUNO 1)

“Gosto das conversas em sala de aula embora o blog proporcione a participação de todos por meio da escrita” (ALUNO 10)

Na sala de aula presencial, os alunos convivem com muitas pessoas ao mesmo tempo, delimitadas por um espaço físico. Contudo, isso não garante a participação de todos com todos e acabamos por ter múltiplas conversas na sala de aula dentro de subgrupos, e o saber se torna fragmentado.

No blog, o aluno tem a possibilidade de interagir com muitas pessoas, seja seu professor, seus colegas de classe ou qualquer outro sujeito participante, escrevendo e sendo lido, sem sobreposições de falas, sem limites geográficos nem temporais. Essa desterritorialização proporcionada pela rede faz com que os sujeitos naveguem por diferentes lugares, apagando-se as fronteiras. “O virtual compreende um deslocamento de espaço de um objeto, de ser e estar presente em um determinado local para o ser e estar em muitos lugares ao mesmo tempo, ou seja, a desterritorialização” (LÉVY, 1996, p.56).

Na ausência de limites, a Internet permite que todas as distâncias sejam vencidas em frações de segundos e têm-se acesso a um mundo de informação e conhecimentos sem limites, à formação de redes sociais heterogêneas e à aproximação de culturas diferentes, resultando na soma do saber de cada um dos indivíduos conectados que contribui significativamente para a ampliação da visão de mundo dos alunos e para o processo de ressignificação dos conteúdos discutidos, e a partir daí, os alunos podem construir novas representações próprias daqueles assuntos.

“Bem melhor para compreender algumas coisas e o bom é que quando queremos tirar uma dúvida é só voltar no blog” (ALUNO 3)

A conversação assíncrona presente nos blogs permite que os alunos visitem o ambiente em momentos diferentes e possam dar continuidade à conversação através de uma comunicação não linear, entre os comentários nas várias postagens. Firma-se assim a pedagogia centrada no estímulo a decisão e a responsabilidade do aluno, pois cabe a ele decidir o caminho a trilhar no hipertexto que se forma. Desse modo, a desterritorialização e a assincronia fazem com que o aprendizado não se

restringa ao tempo e espaço da sala de aula.

O fato da conversa ocorrer no ambiente virtual, onde as pessoas podem permanecer anônimas ou não precisarem encarar o outro interlocutor, foi destacado pelos alunos como um facilitador durante as discussões do grupo. Assim é percebido:

“No blog as pessoas conseguem expressar com mais facilidade as suas opiniões” (ALUNO 2)

“Muitas vezes em sala de aula temos vergonha, timidez, para expressar nossa opinião e no blog pude me expressar melhor” (ALUNO 3)

“É um local onde expomos nossas ideias e observamos as ideias dos outros (...) muitas vezes na sala temos vergonha de nos expor e no blog falamos sem as pessoas saberem quem somos” (ALUNO 9)

“Na sala de aula, a conversa era mais restrita devido a timidez e no blog era uma conversa mais exposta, mais livre” (ALUNO 14)

“A conversa no blog é um pouco diferente por não estar em contato direto com as pessoas, mas foi muito importante para meu estudo” (ALUNO 15)

O anonimato ou o fato de não estar cara a cara com seus colegas de classe ou professora, proporcionado pela rede, faz com que os participantes da discussão no blog se dispam de quaisquer referências de hierarquia ou de constrangimento e se valham apenas de seu potencial argumentativo para expressarem suas opiniões.

Nesse sentido, Maia defende que

“se a discussão acontece em um ambiente livre de medo, de intimidação e da possibilidade de ridículo, uma variedade maior de pontos de vista pode ser expressa. A força do melhor argumento, que não guarda relação com o papel social dos participantes, tem maior chance de se impor num fórum público virtual” (MAIA, 2002, p.55).

Todo esse ambiente favorável construído no blog para auxiliar os alunos a interagirem e buscarem ser mais ativos no seu processo de aprendizado conseguiu não se restringir a uma disciplina específica, o que explicita um processo mais contínuo pela busca do conhecimento e da formação profissional de excelência.

“Eu nem sabia que existia blog (...) através dele aprendi a associar

melhor a fisiopatologia de algumas doenças e também usei esse novo conhecimento para outras matérias” (ALUNO 9)

Esse processo contínuo, colaborativo, dialogado, construído nos comentários do blog, possibilitou a construção de relacionamentos sociais e o fortalecimento da sensação de pertencimento ao grupo, o que pode ter permitido maior “entrega” durante as conversas, um aprendizado mais significativo e principalmente uma maior aproximação entre professora e alunos. Esse aspecto é compreendido pelos depoimentos a seguir:

“Acho que houve mais aproximação da turma. Me senti mais a vontade com a professora nesse semestre, pois ela permitiu o diálogo e por ter mudado a minha forma de relacionamento interpessoal” (ALUNO 3)

“A relação entre aluno-aluno melhorou muito pois aumentou nossa comunicação. Entre aluno-professora foi muito boa pois ela proporcionou um grande espaço para que nos sentíssemos a vontade para perguntar, esclarecer nossas dúvidas” (ALUNO 4)

“Com o blog a professora conseguiu retirar a barreira que existia entre aluno e professor” (ALUNO 11)

“A relação entre aluno-aluno melhorou nesse semestre, a turma aprendeu a conviver melhor com as diferenças” (ALUNO 13)

“Mostrou que alunos e professor podem sim ter um convívio de amizade e trocar ideias, informações, conhecimento” (ALUNO 16)

A aprendizagem não pode ser caracterizada como um processo solitário, mas sim de compartilhamento, pois “enquanto relação democrática o diálogo é a possibilidade de que disponho de, abrindo-me ao pensar dos outros, não fenecer no isolamento” (FREIRE, 2000, p.100). Percebemos assim a importância desse sentimento gerado nos alunos de aproximação entre todos os sujeitos que participam do processo de ensino-aprendizado, gerando interações entre pares, horizontalizando o diálogo, criando relações mais estáveis.

Com o blog, alguns alunos tiveram a sensação de que a professora esteve mais disponível neste semestre, mais facilmente ao alcance, pois devido a quebra da simultaneidade espaço-temporal, não foi mais preciso esperar até a próxima aula para conversar, tirar dúvidas, gerando o efeito de proximidade.

“Achei que o blog criou uma ponte entre o aluno e a professora” (ALUNO 3)

“A professora esteve sempre disposta para esclarecer dúvidas e trocar informações, sempre tudo muito rápido” (ALUNO 17)

“A conversa no blog é muito boa pois quando tinha algo para questionar ou intervir a professora esteve sempre presente”(ALUNO 18)

Boeira (2011) destaca que o processo de ensino-aprendizado depende primeiramente do contato social entre os estudantes e o professor, sendo que a linguagem desempenha papel fundamental nesse processo de interrelação, pois é através da linguagem, do diálogo, que os estudantes e o professor se relacionam uns com os outros.

“Só me comuniquei com a professora nos corredores da faculdade ou nos comentários do blog. Na sala de aula eu apenas ouvia e aprendia coisas que deixei passar no semestre anterior” (ALUNO 19)

Nesta declaração do discente nota-se que o ambiente do blog constitui-se em um canal de comunicação legitimado, porém se faz importante melhorar o relacionamento na sala de aula presencial, pois não se deve estimular a postura passiva dos alunos em nenhuma ambiência voltada para a educação e formação do cidadão, com vistas a acomodar o sujeito nesse processo que lhe rouba a voz e a consciência.

A força do relacionamento com o professor pode ser sintetizada, segundo Furlani (2004), na percepção de o aluno sentir-se parceiro, com ele trabalhando para

“permanecer na escola, em dimensões estruturais básicas ao horizonte profissional. Isso significa não apenas absorver conteúdos e configurar a prática como ilustração da teoria, mas conhecer as razões, os porquês, as possibilidades de suas práticas terem clarezas teóricas que chegam a repercutir nas próprias vidas dos alunos, possibilitando-lhes perceber que podem até modificar suas concepções e práticas” (FURLANI, 2004, p.55).

O blog motiva uma nova forma de interação social, pois os professores e

alunos passam a se conhecer de uma maneira informal a partir da conversação na interface, estabelecendo parcerias no ambiente virtual que pode influenciar também no ambiente presencial.

Furlani (2004) aponta que as relações que os estudantes desenvolvem na universidade com o conhecimento, o professor, os colegas, podem provocar alterações no olhar de cada um sobre a profissão, sobre o ensino, sobre a educação, sobre o futuro e sobre si mesmos, construindo olhares e ações, no hoje, no estar-sendo. Desse modo, a valorização dos saberes individuais, a construção de relações horizontais, o diálogo e a participação ativa dos estudantes no processo de ensino-aprendizado conformam os pilares da educação libertadora defendida por Freire (1996) e foram exercitados no ambiente do blog no apoio à disciplina presencial ao longo do semestre na busca pela formação de profissionais com maior conhecimento técnico-científico, autonomia, criticidade, segurança, cidadania.

Durante o semestre, a professora esforçou-se para não reproduzir uma relação onde o professor se considera o exclusivo educador e por isso transforma a relação com o aluno em pura transferência de saberes, como se os mesmos fossem folhas de papel em branco, pois esta postura aumentaria o abismo entre todos os sujeitos do processo e dificultaria a busca por uma postura mais ativa do discente. Esse esforço concretizou-se nos momentos de discussões/reflexões sobre os assuntos da disciplina, individualmente ou em grupo, online ou presencialmente, nas conversas de corredor sobre assuntos diversos trazidos pelos alunos e com a coerência dialógica entre o que era proferido em sala com as ações assumidas pela professora, entre outros. Freire (1996) corrobora afirmando que

“Com relação a meus alunos, diminuo a distância que me separa de suas condições negativas de vida na medida em que os ajudo a aprender não importa que saber, o do torneiro ou do cirurgião, com vistas à mudança do mundo, à superação de estruturas injustas, jamais com vistas à sua imobilização” (FREIRE, 1996, p.156).

Muitas postagens do blog tinham como objetivo estimular a leitura através de hipertextos, levantar discussões sobre o profissional enfermeiro, sua postura nesta sociedade contemporânea, dinâmica, desumanizada, sobre sua relação com o sofrimento do outro, sobre o respeito aos saberes da população relacionados ao

cuidado, sobre o trabalho dentro de uma equipe multiprofissional e a autonomia do enfermeiro, entre outras coisas. Utilizar o blog propiciou aumentar a capacidade de reflexão dos alunos por meio do estímulo ao contraste entre as próprias ideias e a dos outros sujeitos.

“O fato de no blog haver links para artigos científicos e espaços para discussão dos mesmos contribuiu muito pois amadureceu nossa visão sobre diversos assuntos” (ALUNO 3)

“O blog incentivou a associação da teoria com a prática” (ALUNO 5)

“As postagens ajudaram a nossa reflexão crítica sobre os assuntos expostos, principalmente pelas perguntas que fez com que fossemos estimulados a questionar, a buscar uma resposta, uma alternativa (...) as perguntas feitas no blog me levaram a pensar sobre ações que poderiam ser tomadas no dia a dia” (ALUNO 7)

“O blog incentivou a leitura” (ALUNO 13)

“O blog foi importante pois trouxe questões voltadas para a humanização e formação do aluno no ambiente acadêmico” (ALUNO 17)

A partir dessas afirmações dos alunos percebemos que a reflexão pode ser desenvolvida nas salas de aula, mas também nos espaços virtuais, nas disciplinas básicas ou em disciplinas profissionalizantes como a Saúde do Adulto. Esse estímulo a reflexão crítica sobre a educação e a formação dos jovens carrega uma grande relevância pois a sociedade vigente não tem como prioridade a inclusão e a justiça social, logo, uma formação para a cidadania (ARAÚJO, 2009), e os alunos acabam muitas vezes sendo formados como técnicos habilidosos para repetir uma ação mecânica com destreza e segurança, quando deveriam ser formados para

(...) articular saberes em face dos problemas encontrados em seu trabalho, atua criticamente, evidenciando autonomia e responsabilidade, tendo visão de conjunto, lançando proposições novas, não só no e/pelo seu espaço de trabalho, mas também em todas as esferas sociais em que atua como cidadão. Isso é inevitável, visto que tal processo de formação fundamenta-se na construção de identidades sociais, envolvendo o indivíduo como um todo e, assim, atinge seu ser rompendo então com as delimitações impostas pelo mero fazer (DESAULNIERS, 1997, p.57).

Freire (1996) pensa a formação para a ação no mundo, e por isso é tão

importante estimular a reflexão crítica da realidade onde os alunos estão inseridos, em todos os momentos vividos na universidade. O processo de aprendizagem requer que cada sujeito se aproprie do conhecimento aprendido, podendo assim, reinventá-lo e aplicá-lo a situações existenciais concretas (GABASSA, 2009).

Dentro dessas perspectivas, desejou-se com o auxílio do blog estimular os alunos a serem investigadores, cidadãos críticos, autônomos e criativos que, segundo Behrens (2005), significa saber solucionar problemas, utilizar a tecnologia com propriedade e ter iniciativa própria para questionar e transformar a sociedade. Formar os alunos para democratizar a sociedade dotando-os de capacidade de aprendizagem que possibilite-os diferenciar nesse nevoeiro de informações que têm acesso aquelas que possam converter em conhecimento verdadeiro (LUZZI, 2007).

6.3 DESAFIOS NO USO DO BLOG

No blog criou-se um espaço educacional a partir da interatividade entre os sujeitos e a reflexão sobre a leitura e a escrita do que é postado pela professora bem como dos comentários deixados pelos alunos. Ampliou-se a possibilidade de diálogo com outras formas de saber, com outros pontos de vista, favorecendo a interdisciplinaridade, ajudando a construir uma rede interligada, aberta e receptiva, para o ensino-aprendizado.

Contudo, Simões e Gouveia (2008) alertam que ao utilizar o blog enquanto estratégia de aprendizagem deve-se ter cuidado na formulação e interpretação de listas de comportamento e atitudes de um grupo geracional, pois tendemos a assumir que os sujeitos membros da geração que nasceu em meio a essa avançada tecnologia digital possuem habilidades tecnológicas sofisticadas, pelo simples fato de terem crescido nessa sociedade onde o acesso à Internet é ubíquo.

“O blog serviu para eu entender melhor o que era dado em sala de aula, mas sempre que acessava tentava participar da discussão meus comentários não apareciam nas postagens” (ALUNO 19)

A partir do exposto acima, percebemos que é imprescindível para o educador que deseja agregar à sua prática o uso das tecnologias digitais, não esquecer que existem outras variáveis determinantes para as habilidades tecnológicas dos educandos, como a classe social, já que o acesso à Internet e as tecnologias avançadas não é obviamente o mesmo para os jovens de meios sociais economicamente desfavorecidos em relação aos seus pares das classes médias e alta.

Como no começo do semestre foi realizado uma única aula teórico-prática com relação à manipulação da interface blog, pensamos que este momento deveria ter se repetido outras vezes para suprir essas deficiências dos alunos e diminuir a desmotivação dos mesmos na participação das discussões, o que pode ter interferido diretamente na construção da rede de aprendizagem online.

Almeida *et al* (2012) comentam que muitos alunos não se interessam pelo blog, não pela dificuldade de acesso à Internet (aspecto este que não faz parte do perfil dos alunos participantes desta pesquisa onde 92% tem fácil acesso à Internet), nem pela dificuldade de manipulação das interfaces, mas por se sentirem vigiados ou coagidos por ser um blog “da escola” e não um ambiente “livre”, como o Facebook ou o Youtube. Com relação a este ponto, acreditamos ser necessário manter o uso do blog no apoio à disciplina Saúde do Adulto à medida que novas discussões devam ser estabelecidas para que os alunos ressignifiquem essa tecnologia.

Outra questão que também deve ser considerada ao lidarmos com estudantes da área da enfermagem baseia-se no fato de que fora da escola existem determinantes estruturais da sociedade que discriminam os grupos sociais, excluindo alguns sujeitos de determinados cursos, turnos ou instituições, ou fazendo com que curseem não o que lhes interessa, mas o que lhes é possível, em consequência de sua condição econômica e de seu capital cultural (FURLANI, 2004). Assim, temos muitos estudantes de enfermagem que não desejavam estar realizando este curso, mas pela perspectiva de um mercado de trabalho favorável decidiram por fazê-lo. Aliado a isso, temos ainda um grande quantitativo de estudantes que trabalham nos turnos opostos a faculdade para garantirem seu sustento e/ou da sua família.

Este pouco interesse pelo curso e/ou a falta de tempo para se dedicar a sua formação profissional acabam por influenciar a participação no blog. Esse aspecto é demonstrado abaixo:

“Foi interessante como apoio a disciplina, mas com o semestre tão corrido não tive muito tempo disponível para visitar e participar”
(ALUNO 20)

“Gostei muito da experiência, pena que não pude participar mais efetivamente pois não tinha tempo pra fazer os comentários desejados (...), mas quando posso dou uma lida nas postagens”
(ALUNO 21)

Como a conversação mediada pelo computador ocorre através da alternância dos sujeitos participantes, entendemos que estes alunos com pouco tempo para o diálogo acabam por se tornar excluídos da interatividade, da colaboração, da construção. E, podem acabar resumindo as potencialidades do blog ao utilizá-lo apenas como um local para obtenção de informações.

Quanto maior e mais significativa for a participação do aluno no processo de ensino-aprendizado, maior será seu reconhecimento/implicação no processo, maior será a apreensão do conteúdo, e maior será a sua capacidade de enxergar o sujeito doente não como um objeto de manipulação, não apenas um órgão “danificado” onde a tecnologia pode atuar para “reparar”, mas um indivíduo momentaneamente capaz de manter o auto-cuidado, frágil, mas que mantém seus valores, sua cultura, seus saberes, sua autonomia. Ayres (2000) corrobora ao afirmar

Na qualidade de portador de um problema a ser resolvido, qualquer indivíduo é, de fato, objeto de técnicos da saúde, e deve ser mesmo. Porém, como aspirante ao bem-estar, ninguém pode subtrair a esse mesmo indivíduo o poder de juízo sobre suas necessidades. Esse objeto "não objetual" do cuidado chama o mais rentável a perseguir o mais necessitado, e não o contrário. A abertura trazida por um verdadeiro outro - não um objeto do sujeito técnico, mas outro verdadeiro sujeito na relação terapêutica - subordina uma "economia" da assistência a uma "eco-logia" da saúde. Como defende Merhy, é do "outro-do-cuidador", esse objeto-sujeito que inexoravelmente participa do momento assistencial, que pode surgir a demanda por arranjos tecnológicos mais sensíveis às necessidades de saúde de indivíduos e coletividades (AYRES, 2000, p.119).

O tempo escasso e a sobrecarga de atividades não se restringem somente aos alunos. O professor também precisa lidar com essas dificuldades para manter o blog atrativo, pois a manutenção das postagens demanda tempo para a leitura de assuntos diversificados, seleção do material a ser divulgado, escrita, resposta aos comentários, entre outros. Desse modo, o educador precisa ter consciência desta demanda para não abandonar a sua estratégia pedagógica no meio do caminho.

Silva (2011) afirma que com os processos convencionais de ensino ainda vigentes aliados a atual dispersão da atenção da vida urbana, contemporânea, fica muito mais difícil exercitar a autonomia e a organização pessoal, sendo estas indispensáveis para os processos de aprendizagem a distância.

Sobre a conversação através da escrita, alguns alunos a apontaram como desafio para efetivar o diálogo, como é percebido pelos depoimentos a seguir:

“Algumas pessoas acham que escrever é mais fácil do que falar. Eu acho o contrário. Ao escrever nós devemos ser extremamente claros, muito mais do que se estivéssemos apenas falando” (ALUNO 13)

“No blog a comunicação é de mão dupla mas é curta. Na sala de aula temos mais tempos juntos” (ALUNO 12)

Ao longo do semestre, foi percebido que alguns alunos apresentavam dificuldade na escrita com ideias sem clareza ou, muitas vezes, postavam nos comentários pequenos trechos de textos de outros autores como se fossem ideias próprias. Como já discutido anteriormente, Bisol (2010) afirma que a escrita no blog impõe a um sujeitamento à estrutura mais rígida da língua escrita, o que acaba por transparecer em uma dificuldade apresentada na realização de atividades de reflexão e escrita no blog.

Os alunos têm medo de escrever, pois são cobrados enquanto universitários a possuírem uma postura diferenciada, com escrita impecável, somando-se à inexistência do hábito da leitura. De acordo com Bazerman (2005, p.88), “nós criamos os nossos textos a partir do oceano de textos anteriores que estão à nossa volta e do oceano de linguagem em que vivemos. E compreendemos os textos dos outros dentro desse mesmo oceano”.

Desse modo, a cada dificuldade apresentada, a cada ideia sem clareza, ou a cada texto copiado de outro autor, procurávamos, através de questionamentos,

conduzí-los a novos momentos de ponderação, de associação, para que o diálogo mais autêntico e profundo pudesse ser estabelecido.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui apresentadas não são respostas acabadas frente aos objetivos que nortearam este trabalho, nem verdades absolutas sobre o ensino de enfermagem apoiadas no uso de tecnologias digitais, mas sim inferências, fruto de um processo de investigação em um dado período.

Ao propormos analisar a interface blog no apoio a uma disciplina presencial no curso de enfermagem desejávamos verificar a ocorrência da construção de diálogos verdadeiros entre professora e alunos, na busca pela melhoria do processo de formação, possibilitando uma aprendizagem coletiva em um ambiente virtual.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, procurou-se privilegiar todos os sujeitos participantes do processo sem estabelecer distinções clássicas entre sujeito-pesquisador e sujeitos-pesquisados, a fim de aproximar professora e alunos com vistas a consolidar uma comunicação efetiva. Nesse contexto, a escolha metodológica pela etnopesquisa-formação obteve bons resultados, pois contribuiu para compreender a complexidade das interações entre professora e alunos durante a conversação estabelecida no ambiente do blog e o movimento para alcançar mudanças nas práticas a partir de uma aprendizagem mais significativa e uma melhor formação profissional.

Como a pesquisa-formação privilegia a ida ao campo e a implicação direta entre todos os atores sociais, não apenas para buscar dados, mas para vivenciar com os sujeitos da pesquisa as dinâmicas, as aprendizagens e as dificuldades, vários instrumentos foram utilizados para coletar dados importantes e auxiliar no processo de compreensão da realidade investigada.

A turma 2012.2 era composta na sua maioria por mulheres jovens, que utilizavam o computador frequentemente assim como a Internet, principalmente para fins acadêmicos. Esse perfil pode ter auxiliado na boa recepção do blog no apoio à disciplina Saúde do Adulto, mas não podemos desconsiderar a presença de estudantes com elevada faixa etária (acima dos 50 anos) que não fazem parte da geração tecnológica que nasceu em meio à avançada tecnologia digital. Portanto, as

diferentes habilidades tecnológicas podem ter influenciado a participação na interface.

As redes sociais são utilizadas pelas pessoas com o objetivo de estabelecer amizades e aproximar laços, e quando propusemos o seu uso para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem foi perceptível o despertar da curiosidade entre os alunos, principalmente pelo fato de nenhum aluno possuir um blog pessoal, o que encontra respaldo em Freire (1983) já que o conhecimento exige uma presença curiosa da pessoa diante do mundo.

Ao longo do semestre, o blog foi intensamente utilizado pela professora postando assuntos diversos, sempre com o objetivo de estimular o debate, a exposição de ideias, a reflexão e o aprendizado. É válido destacar que a reação dos alunos sempre foi muito positiva, muito aberta, frente aos estímulos da professora, concordando com a necessidade premente de investimento na formação do cidadão. Contudo, muitos se mantiveram passivos frente a esse processo de formação, limitando-se a visitar o ambiente, sem registrar suas ideias/opiniões.

O número de visitas foi bastante alto, inclusive por visitantes não pertencentes à turma matriculada na disciplina, o que é comum para qualquer blog não restrito presente na rede. Entretanto, o número de comentários deixados por esses sujeitos visitantes foi menor do que o esperado pela professora-pesquisadora o que pode estar relacionado à reprodução do comportamento vigente entre os alunos nas aulas presenciais, vendo o professor como única fonte válida de saber, restringindo-se ao esquema escute, decore e repita. Outra possível explicação para este fenômeno relaciona-se à exposição através da escrita, pois surge o temor de ser avaliado por todos os leitores do blog em relação ao cumprimento das normas da língua escrita.

É principalmente por meio da escrita nos espaços de comentários que acontece a interação, o intercâmbio, a ressignificação e apreensão de determinados assuntos, com uma maior possibilidade de aprendizagem significativa. Essa realidade do número reduzido de comentários constituiu-se em uma preocupação ao longo do semestre, pois a efetivação de um diálogo verdadeiro poderia estar sendo prejudicada e, assim, a própria educação no ambiente virtual.

Para estimular a participação dos alunos, foram realizadas três postagens avaliativas, que por sua vez receberam elevado número de visitas e comentários. E, à medida que os alunos foram se apropriando da interface, criando postagens a partir dos seus trabalhos acadêmicos e participando das discussões na sala de aula que sempre remetiam a discussões do ambiente virtual, o número de comentários aumentou. É claro que essa mudança de comportamento não foi estendida para toda a turma, mas aqueles que passaram a participar o fizeram frequentemente, respondendo positivamente às intervenções da professora.

A partir da Análise da Conversação dos comentários deixados no blog foi possível notar que nesse ambiente estabeleceu-se uma conversação mediada pelo computador.

A conversação enquanto gênero básico para interação humana não acontece apenas nos encontros face a face. No ambiente do blog muitas das características básicas constitutivas da conversação descritas por Marcuschi (2006) estiveram presentes: a interação entre pelo menos dois falantes, ocorrência de pelo menos uma troca de falantes, presença de uma sequência de ações coordenadas (relevância condicional) e o envolvimento numa interação centrada dentro de um contexto conversacional.

A característica da execução da conversação dentro de uma identidade temporal (acontecendo ao mesmo tempo, sincronicamente) não pôde ser atendida neste ambiente virtual, pois a interface blog possui recursos que possibilitam a realização e continuação da conversa de forma assíncrona, com intervalos de tempo variando de minutos a dias. Mas, ao manter todos os registros da conversa em ordem cronológica, sem perder o contexto conversacional que possibilita compreender o que foi exposto até aquele momento, a conversação não foi prejudicada mesmo se desenvolvendo em uma unidade temporal alargada.

Além disso, essa assincronia auxiliou diretamente o processo de ensino-aprendizagem, pois ao contrário das aulas presenciais que possuem data e hora estabelecidas, as discussões no blog puderam ser acessadas de acordo com o desejo e o melhor momento de cada sujeito, ampliando o tempo/espaço da sala de aula.

Outras características peculiares da conversação mediada pelo computador também foram identificadas no blog como a presença de sequências laterais que acabaram por gerar novos diálogos sem causar ruídos na comunicação e os marcadores comunicacionais que ajudaram a fornecer coerência e contexto para o diálogo, mesmo sem o contato face a face dos sujeitos participantes, transformando a linguagem em ação.

Essa conversação e interatividade que surgiu a partir da escrita oralizada no blog não se fez presente ao longo de todo o semestre. Ela se concretizou em alguns momentos influenciada pela presença de assuntos afins com o desejo e/ou curiosidade dos alunos e pela interferência continuada da professora no ambiente online. Contudo, mesmo não ocorrendo de maneira generalizada, a interatividade possuiu real importância visto que Freire (2005) afirma ser a educação um processo da comunicação e do diálogo constante. Assim, por meio da conversa no blog, o aluno foi provocado a deixar o seu papel passivo historicamente construído, para transformar-se em co-autor do processo de ensino-aprendizagem, aproximando-se verdadeiramente do educador ao estabelecer relações mais horizontais.

Esse contexto que surgiu a partir do blog favorece, não somente a formação de enfermeiros tecnicamente capacitados, mas de sujeitos reflexivos, críticos, capazes de atuar com segurança e autonomia diante de um sujeito enfermo ou das adversidades do processo de cuidar, pois são formados a partir da valorização do sujeito.

Ao buscarmos compreender as opiniões dos alunos sobre o uso do blog educacional, foi possível perceber que os caminhos descritos pelos mesmos apontavam principalmente para possibilidades e dificuldades.

Com relação às possibilidades, destacou-se seu apoio efetivo à disciplina presencial ancorada no uso de uma linguagem mais dinâmica e hipertextual, na desterritorialização que oportuniza o aprendizado sem fronteiras geográficas ou temporais, na oportunização de aquisição de informações assim como na exposição de saberes e reflexões. Um ponto bastante destacado pelos discentes relaciona-se ao fato das discussões *online* propiciarem liberdade para expressão, pois a não

presencialidade diminui os sentimentos de timidez ou coerção diante da autoridade do professor ou das avaliações dos colegas.

Essas potencialidades do blog, descritas pelos alunos, influenciaram o tipo de relação estabelecida entre alunos e professora, que acabaram por se tornar mais próximos, mais parceiros, ao longo do semestre, o que por sua vez, acarretou em relações mais confiantes e diálogos mais profundos para a construção do conhecimento.

Um bacharel em enfermagem precisa possuir conhecimento científico e destreza técnica para atuar na recuperação, manutenção e prevenção da saúde de uma população, mas para além disso, a educação nos cursos de enfermagem precisa voltar sua atenção também para a formação do cidadão e esta, na maioria das vezes, acaba sendo a parte desconsiderada em meio as discussões fisiopatológicas. Diante disso, houve a preocupação de estabelecer no ambiente do blog discussões que abarcassem reflexões sobre a sociedade contemporânea na qual vivemos, o impacto desse intenso fluxo de informação na vida cotidiana, sobre a autonomia intelectual, a humanização das relações, entre outros.

Esta preocupação, não só com a técnica ou com o biológico, foi percebida pelos alunos e apontada como uma potencialidade do uso do ambiente online neste estímulo à reflexão crítica e a formação de um profissional técnico, mas também humano, crítico, criativo, seguro, autônomo.

Os desafios apontados no uso do blog têm forte relação com a educação bancária, tão presente na formação do enfermeiro, onde o aluno assume a condição de mero receptor de conteúdos cientificamente comprovados, e apresenta dificuldade em abandonar esta posição passiva e de desvalorização dos seus saberes para trilhar caminhos mais ativos, porém mais incertos.

Acreditamos ser importante ressaltar que a professora-pesquisadora é uma bacharel em enfermagem, que foi formada dentro dos moldes dessa educação bancária, num paradigma tradicional, fragmentado e descontextualizado, que passou a lecionar sem possuir formação pedagógica para tal, descobrindo por desejo próprio os caminhos de uma aprendizagem dialógica e significativa. Entretanto, ao longo do semestre, nas aulas presenciais ou nas discussões online, a mesma

buscou estabelecer interações dialógicas com a turma, aproximando-os, tentando fazer com que se reconhecessem e se validassem, durante a construção coletiva.

A falta de tempo para acessar o blog também se constituiu como dificuldade enfrentada pelo aluno, que não tem relação direta com a interface, mas com a dinâmica de vida da sociedade contemporânea. Entretanto, a dificuldade apontada em estabelecer conversação através da escrita merece destaque já que pode denotar insegurança diante das normas da língua escrita ou um hábito diminuído de leitura e reflexão. Em ambos os casos, o professor necessita ter um olhar diferenciado para com esses alunos, o que muitas vezes não é possível diante da demanda da disciplina e do elevado número de alunos matriculados.

Nos cursos de enfermagem, as tecnologias ainda estão restritas ao aspecto maquínico e os alunos são “educados” para alcançar habilidade técnica a fim de atuar com destreza. Isso se apoia no equívoco de definir a tecnologia somente como um equipamento e, urge assim, uma necessidade de ressignificar essa tecnologia, ampliando os olhares para sua inserção dentro de um contexto interativo e dialógico.

Diante dessas discussões apresentadas ao longo da pesquisa, acreditamos que o blog deva ser introduzido no processo de ensino-aprendizagem do curso de enfermagem para auxiliar na formação dos enfermeiros, pois criou uma ambiência comunicativa e formativa, dentro da perspectiva de formação enquanto processo coletivo e dialógico entre alunos e professores.

As tecnologias digitais possuem grande potencial comunicacional, e por isso, o blog acabou contribuindo significativamente para modificar as relações existentes entre professores e alunos, estabelecendo parcerias, ampliando os momentos de encontro e discussão, possibilitando uma comunicação efetiva para trocas de informações e construção de conhecimento. Contudo, se faz mister entender que o professor não deve apenas introduzir essa tecnologia na sua prática cotidiana. Se faz fundamental que essa inserção seja acompanhada de uma reflexão ampla e contínua de como seu uso poderá efetivamente desafiar as estruturas existentes em vez de reforçá-las (SILVA, 2011).

O blog não é a solução para resolver todos os problemas nos cursos de enfermagem, mas constitui-se em uma estratégia pedagógica importante a ser

considerada dentro do processo de formação dos enfermeiros, pois o seu uso, apoiado numa educação dialógica e problematizadora, consegue expandir os momentos de interação, construir redes de aprendizagem e possibilitar a produção de um conhecimento coletivo e significativo. Como consequência, conseguiremos formar enfermeiros mais autônomos, habilidosos, competentes, críticos e empáticos, que compreendam a vulnerabilidade do sujeito a ser cuidado e o reconheçam como portador de um saber, garantindo uma assistência ética e reflexiva, além de sujeitos mais preparados para conviver em sociedade.

REFERÊNCIAS

ADNEWS. **Infográficos revela análise de audiência dos blogs brasileiros.** Disponível em: <http://www.adnews.com.br/pt/internet/pesquisa-analisa-audiencia-de-blogs-brasileiros.html>. Acesso em 30/06/12.

ALMEIDA, JM de., et al. **Uso do blog na escola:** recurso didático ou objeto de divulgação? Revista Científica Internacional, ed.22, v. 1, 2012.

AMARAL, A; RECUERO, R; MONTARDO, SP. **Blogs:** mapeando um objeto. VI Congresso Nacional de História da Mídia. Universidade Federal Fluminense, 13 a 16 de maio de 2008.

AMORIM, CC. **Compartilhando e construindo conhecimento: ação mediada entre crianças e adolescentes no desenvolvimento de blog pedagógico-literário em uma biblioteca pública da cidade de São Paulo.** Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo. 2008.

ARAUJO, MCMU. **Potencialidades do uso do blog em educação.** Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

AYRES, JRCM. **Cuidado:** tecnologia ou sabedoria prática. Revista Interface [online], v.4, n.6, 2000.

_____. **Cuidado e reconstrução das práticas de saúde.** Revista Interface, v.8, n.14, 2004a.

_____. **O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde.** Revista Saúde e Sociedade, v.13, n.3, 2004b.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 200 p. 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2009.

BARNETT, R. **A Universidade em uma era de supercomplexidade.** São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

BAZERMAN, C. **Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades:** como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONISIO, A; HOFFNAGEL, J. (orgs.) Gêneros textuais, tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2005.

BEHRENS, MA. **Tecnologia interativa a serviço da aprendizagem colaborativa num paradigma emergente.** In: ALMEIDA, MEB; MORAN, JM. Integração das Tecnologias na Educação. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

BEHRENS, MA; OLIARI, ALT. **A evolução dos Paradigmas na Educação:** do pensamento científico tradicional à complexidade. Revista Diálogo Educacional, v.7,

n. 22, p53-66, 2007.

BELLATO, R.;PASTI, MJ, TAKEDA, E. **Algumas reflexões sobre o método funcional no trabalho da enfermagem.** Revista Latino-americana de enfermagem. Ribeirão Preto, v.5,n.1, 75-81,1997.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BIERWAGEN, GS. **Uma proposta de uso do blog como ferramenta de auxílio ao ensino de ciências nas séries finais do ensino fundamental.** 190p. Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

BINET, MGJ. **Etnografia e Análise da Conversação:** Convergências e Orientações de pesquisa. Texto apresentado na reunião GIID-CLUNL. 2010. Disponível em: <http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00612701/>. Acesso em 15/12/12

BISOL, CA. **Ciberespaço:** terceiro elemento na relação docente/aprendente. In: VALENTINI, CB; SOARES, SEM (org). Aprendizagem em ambientes virtuais [recurso eletrônico]:compartilhando ideias e construindo cenários. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

BOEIRA, AF. **A linguagem em blog educativo e o processo de aprendizagem.** Dissertação (mestrado). Universidade de Caxias do Sul, 2011

BRANDÃO, CR. **Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. **Resolução nº 196,** de 10 de outubro de 1996. Conselho Nacional de Saúde. [online]. Disponível: <http://www.conselho.saude.gov.br/docs/Reso196.doc>

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Ambiência.** 2ªed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006

BREITHERICK, GGS. **Desterritorialização do conhecimento e descentralização do saber na obra de Pierre Lévy.** Revista Múltiplas leituras, v.3, n.1, 2010

BUENO, FMG; QUEIROZ, MS. **O enfermeiro e a construção da autonomia profissional no processo de cuidar.** Revista brasileira de enfermagem [online]. v.59, n.2, pp. 222-227, 2006.

BURCH, S. **Sociedade da informação/Sociedade do conhecimento.** In: AMBROSI, A; PEUGEOT, V; PIMENTA,D (orgs). Desafios de palavras: enfoques multiculturais sobre as sociedades da informação. 2005

CAETANO DE SOUZA, AC et al. **Formação do enfermeiro para o cuidado:** reflexões da prática profissional. Revista Brasileira de Enfermagem, v.59, n.9, 2006

CAMPOS, CJG. **Método de análise de conteúdo:** ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v.57,

n.5, p. 611-614, 2004.

CARVALHO, ICL; KANISKI, AL. **A Sociedade do conhecimento e o acesso a informação**: para quem e para quem? Revista Ciência da Informação. Brasília, n.29, v.3, p.33-39, 2000.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede** - A era da informação: Economia, sociedade e cultura, vol.1, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

CARVALHO, JS. **Redes e comunidades**: ensino-aprendizagem pela Internet. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011

COLLIÉRE, MF. **Origem das práticas de cuidado e sua influência na prática de enfermagem**. In: Promover a vida. Lisboa: Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, 1989.

CONSONI, GB. **Conversação online nos comentários de blogs**: interações dialógicas nos blogs Melhores do Mundo, Interney e Pensar Enlouquece. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

COUTINHO, CMP; BOTTENTUIT JUNIOR, JB. As Ferramentas da Web 2.0 no apoio à Tutoria na Formação em E-learning. In: **Association Francophone Internationale de Recherche Scientifique em Education (AFIRSE)**, 2008.

DALSOQUIO, LC; HAGUENAUER, CJ. **O blog como ambiente virtual de aprendizagem**. Revista educaonline, v.5, n.3, 2011

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.5. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1997

DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DESAULNIERS, JBR. **Formação, competência e cidadania**. Revista Educação e Sociedade, ano XVIII, nº 60, 1997

FERREIRA, SL. **A internet como espaço de construção do conhecimento**. In: ALVES, Lynn; NOVA Cristiane (Orgs.). Educação e tecnologia: trilhando caminhos. Salvador: EDUNEB, p.232-246, 2003

FERREIRA, SL; BIANCHETTI, L. **As tecnologias da informação e da comunicação e as possibilidades de interatividade para a educação**. Revista da

FAEEBA, Salvador: UNEB, v. 13, n. 22, p. 253-263, 2004.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009

FREIRE,P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 7ª ed. São Paulo:Paz e Terra, p.120, 2000

_____.**Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005

FURLANI, LMT. **A parceria e a aproximação na relação professor-aluno na universidade**. In: ALMEIDA, RL; PLACCO, VMNS. As relações interpessoais na formação de professores. Edições Loyola, 2004

GABASSA, V. **Comunidades de aprendizagem: a construção da dialogicidade na sala de aula**. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2009

GADOTTI, M. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire; Brasília, UNESCO, 1996

GATTI, B. **A Educação e a era da pós-Modernidade: Confrontos e dilemas no início de um novo século**. In: AZEVEDO,J; DIAS,R (org). Educação e diálogo. Encontros com educadores em Várzea Paulista Jaboticabal : Funep, 2011

GUARIENTE, MHD; BERBEL, NAN. **A pesquisa participante na formação didático-pedagógica de professores de enfermagem**. Revista Llatino-americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 53-59, 2000.

GOMES, MJ. **Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica**. Actas do VII Simpósio Internacional de Informática educativa. Leiria: Escola Superior de Educação de Leiria, 2005

KLETEMBERG, DF; MANTOVANI, MF; LACERDA, MR. **Entre a teoria e as práticas de cuidar: que caminho trilhar?** Revista Cogitare Enfermagem, v. 09, n.01, p.94-9, 2004.

LEMOS,A. **Prefácio**. In: AMARAL,A; RECUERO,R; MONTARDO,S (orgs). Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

_____. **O Que é o Virtual?**São Paulo: Editora 34, 1996

LIMA JUNIOR, AS de. **A escola no contexto das tecnologias de comunicação e informação: do dialético ao virtual**. Salvador:EDUNEB, 2007.

LOPES, MJM; LEAL, SMC. **A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira.** Cadernos Pagu, n.24, 2005

LUCENA, S. **A internet como espaço de construção do conhecimento.** In: LYNN, A; CRISTIANE, N (Org.). Educação e Tecnologia: trilhando caminhos. Salvador: EDUNEB, 2003.

LUDKÉ, M; ANDRÉ, MEDA. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986

LUNARDI, VL. **História da enfermagem:** rupturas e continuidades. Pelotas: UFPel Editora Universitária, 1998

LUZZI, DA. **O papel da educação a distância na mudança de paradigma educativo:** da visão dicotômico ao continuum educativo. Tese (doutorado). Faculdade de educação da Universidade de São Paulo, 2007

MACEDO, RS. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação.** 2ª edição, Salvador: Edufba, 2004

_____. **Outras luzes:** um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, RS; GALEFFI, D; PIMENTEL, A. Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador: EDUFBA, 2009

_____. A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília: Liber Livro, 2012

MAIA, R. **Redes Cívicas e Internet:** do ambiente informativo denso às condições da deliberação pública. In: EISENBERG, J; CEPIK, M (orgs). Internet e Política: teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MANTOVANI, AM. **Blogs na educação:** construindo novos espaços de autoria na prática pedagógica. Revista Prisma, n.3, 2006

MARCONI, MA; LAKATOS, EM. **Fundamentos de metodologia científica.** 7ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, L A. **Linearização, cognição e referência:** O desafio do hipertexto. Campinas: Pontes, 1999

_____. **Análise da conversação.** São Paulo: Ática, 2006

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATOS OLIVEIRA, MO. Educação, tecnologia e os desafios da aprendizagem online. In: ORNELLAS, MLS e OLIVEIRA, MOM. **Educação, tecnologias e representações sociais.** Salvador: Quarteto, 2007

MELLO, SFM. **Comunicação e organizações na sociedade em rede: novas**

tensões, mediações e paradigmas. Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

MERCADO, LPL. **Novas tecnologias na educação:** reflexões sobre a prática. Maceió: Edufal, 2002

MERCADO, LPL; NASCIMENTO, EF; SILVA, LR. **O uso do blog na prática pedagógica.** 2008.

MODESTO, ATT. **A estrutura conversacional nas interações mediadas por computador:** o caso MSN Messenger. In: VIII Encontro nacional de interação em linguagem verbal e não verbal, 2007, São Paulo. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/58_Artarxerxes_Tiag_%20TM_revisto_.pdf. Acesso em 12/1/13

MORETTI-PIRES, RO. **O pensamento crítico social de Paulo Freire sobre humanização e o contexto da formação do enfermeiro, do médico e do odontólogo.** Tese (doutorado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 18ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Articular os saberes.** In: ALVES, N; GARCIA, RL. O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 1999

MOTA, JC. **Da web 2.0 ao e-learning 2.0:** aprender na rede. Dissertação (mestrado). Universidade Aberta, 2009

NASCIMENTO, AD; HETKOWSKI, TM. **Educação e comunicação:** diálogos contemporâneos e novos espaços de reflexão. In: Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009

NEGROPONTE, N. **A Vida Digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995

NÓVOA, A. **Os professores e o “novo” espaço público da educação.** In: TARDIF, M. LESSARD, C (orgs). O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais. Petrópolis: Vozes, 2008

PAOLI, NJ. **O princípio da indissociabilidade do ensino e da pesquisa.** In: SOARES, SR; ALMEIDA, MSC; BERALDO, F. Docência Universitária, Inovando através do Ensino com Pesquisa. Revista Plurais, v. 1 n. 2, 2010.

PEREIRA, MJA; GONÇALVES, R. **Afetividade:** caminho para a aprendizagem. Revista Alcance- revista eletrônica de EAD da UNIRIO, ed. 01, 2010

PERES, P. **Edublogs como mediadores de processos educativos.** Revista Prisma, n.3, 2006

PERUZZO, CMK. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no**

Brasil. Anuário Internacional de comunicação Lusófona. v. 4, n.1, p. 141-169, 2006

PIMENTEL, C. **Blogs na escola:** uma alternativa. In: Anais do XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, n.4, Rio de Janeiro, 2010

PIMENTEL, F. **Da personalidade para a formação cidadã de alunos:** a experiência de um blog como espaço democrático. Debates em educação, v.1, n. 2, 2009

PRETTO, NL. **Além das redes de colaboração:** internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

PRIMO, AFT. **Interação mediada por computador: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional.** Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2003

_____. O aspecto relacional das interações na web 2.0. In: Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília, 2006

_____. **Os blogs não são diários pessoais online:** matriz para tipificação da blogosfera. Revista FAMECOS, n.36, Porto Alegre, 2008

PRIMO, A; SMANIOTTO, AMR. **Blogs como espaços de conversação:** interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. Revista eCompos, v. 1, n. 5, p. 1-21, 2006a.

_____. Comunidades de blogs e espaços conversacionais. Revista Prisma, v.3, 2006b.

PRIMO, A; RECUERO, R. **Hipertexto Cooperativo:** Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. Trabalho apresentado no VII Seminário Internacional de Comunicação. Porto Alegre: PUC/RS, 2003.

RAMAL, AC. **Ler e escrever na cultura digital.** Porto Alegre: Revista Pátio, ano 4, n. 14, p. 21-24, 2000

_____. **Educação na cibercultura** – hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RECUERO, R. **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais.** In: VII Seminário Internacional de Comunicação. 2003. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>. Acesso em 15/12/12

_____. **Redes sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009a

_____. **Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo:** elementos para discussão. In: SOSTER, DA; FIRMINO, F. (Org.). Metamorfoses jornalísticas: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009b. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>. Acesso em 22/11/12

_____. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012

REGO, TC. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 17ed. Petrópolis: Vozes, 1995

REHEM, CM. **O professor da Educação Profissional**: Que perfil corresponde aos desafios Contemporâneos? Boletim Técnico do SENAC, v.31, n.1, Jan/Abril. 2005

RODRIGUES, TCS. **Saberes docentes na educação online**. In: Congresso Internacional de Educação a distância, 16, Foz do Iguaçu, 2010.

ROMÃO, ES; MATOS OLIVEIRA, MO. **Autonomia e dialogia na educação a distância**: aproximações críticas. In: Educação a distância e as tecnologias da inteligência: novos percursos de formação e aprendizagem. 2010

ROSA, HA; ISLAS, O. **Contribuição dos blogs e avanços tecnológicos na melhoria da educação**. In: AMARAL, A; RECUERO,R; MONTARDO, S. (org) Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação.São Paulo: Momento Editorial, 2009.

ROSSI,MJS. **O curar e o cuidar**: a história de uma relação. Revista Brasileira de Enfermagem, n.44, v.1, 16-21, 1991

RUIZ, VM. A efetividade de recompensas externas sobre a motivação do aluno. Revista Educ@ção, v. 01, n. 02, 2004

SAMPAIO, SMR. **O corpo no cotidiano escolar** (ou a miséria da pedagogia). Tese (doutorado). Faculdade de Educação da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997

SANTOS, EO dos. **Educação online**: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005

SANTOS, EO dos. **Educação online para além da EAD**:um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, M; PESCE, L; ZUIN, A (orgs.). Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

SCHAFF, A. **A sociedade Informática**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHERER, MDA; MARINO, SRA; RAMOS, FRS. **Rupturas e resoluções no modelo de atenção à saúde**: reflexões sobre a estratégia saúde da família com base nas categorias kuhnianas. Revista Interface. Botucatu; v.9, n.16, 2005

SCHOELLER,SD; LEOPARDI,MT; RAMOS,FS. **Cuidado**: eixo da vida, desafio da enfermagem. Revista de Enfermagem da UFSM, n.01, v.01, p.88-96,2011

SCHÖNINGER, RRZV. **Blogs de escolas**: possibilidades de construção de ambiências comunicativas. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

SILVA, GB. **Enfermagem profissional**: análise crítica. São Paulo: Cortez, 1989

SILVA, MG et al. **Processo de formação da(o) enfermeira (o) na contemporaneidade**: desafios e perspectivas. Revista Texto Contexto Enfermagem, v.19, n.1, Florianópolis, 2010.

SILVA, M. **O professor online e a pedagogia da transmissão** (online). 2002. Disponível em: http://www.saladeaulainterativa.pro.br/texto_0002.htm. Acesso em 24/5/12.

_____. **Os professores e o desafio comunicacional da cibercultura**. In: FREIRE, W. **Tecnologia e educação**: as mídias na prática docente. Rio de Janeiro: Wak, 2008

_____. **Formação de professores para a docência online**. Actas do X Congresso Internacional GalegoPortuguês de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009

_____. **Sala de aula interativa**: educação, comunicação, mídia clássica... 5ªed. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. **A docência online**: a pesquisa e cibercultura como fundamentos para a docência online. In: Cibercultura: o que muda na educação. Salto para o futuro. Ano XXI, boletim 3, 2011.

SILVA, M.; CLARO, T. **A docência online e a pedagogia da transmissão**. Boletim Técnico do Senac, São Paulo, v. 33, n.2, 2007.

SILVA, AL; FREITAS, MG. **O ensino do cuidar na graduação da enfermagem sob a perspectiva da complexidade**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, n.44, v. 3, 687-93, 2010.

SILVEIRA, RS et al. **Conceptualizando a prática da enfermagem a partir de Paulo Freire**. Revista Ciência, Cuidado e Saúde, v.4, n.2, p.156-62, 2005

SIMOES, L; GOUVEIA, L. **Geração Net, Web 2.0 e ensino superior**. In: FREITAS, E; TUNA, S. (Orgs.). Novos Média, Novas Gerações, Novas Formas de Comunicar. Edição especial, Cadernos de Estudos mediáticos, n. 6, 2009

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2011

TASSONI, ECM. **Afetividade e aprendizagem**: a relação professor-aluno. 2010. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/2019t.pdf>. Acesso em 11/11/12

TEIXEIRA, EFB. **Emergência da inter e da transdisciplinaridade na universidade.** In: AUDY, JLN; MOROSINI, MC (orgs). Inovação e interdisciplinaridade na universidade. Porto Alegre: Edepucrs, 2007.

TIJIBOY,AV. **As novas tecnologias e a incerteza na educação.** In: SILVA, ML da (org). Novas tecnologias- educação e sociedade na era da informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

THOMPSON, JB. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2011

TRIVIÑOS, ANS. **Bases Teórico- Metodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais:** ideias gerais para elaboração de um projeto de pesquisa. Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis, v.4, Porto Alegre, 2001

URBANO, H. **Oralidade na literatura:** o caso Ruben Fonseca. São Paulo: Cortez, 2000

VYGOTSKY, LS. **Pensamento e Linguagem.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998

WALDOW, VR. **Cuidado humano:** o resgate necessário. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

_____. **Cuidar:** expressão humanizadora da enfermagem. Petrópolis(RJ): Vozes; 2006

_____. **Atualização do cuidar.** Revista Aquichan, ano 8, v.8, nº1.Colômbia, p.85-96, 2008.

WALDOW,VR; BORGES, RF. O processo de cuidar sob a perspectiva da vulnerabilidade. Revista Latino-americana de Enfermagem, v.16, n.4, 2008.

WERTHEIN, J. **A sociedade da informação e seus desafios.** Revista Ciência da informação. Brasília, v.29, n.2, p.71-77, 2000

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, na pesquisa intitulada **“O USO DO BLOG NO CURSO DE ENFERMAGEM: um estudo na disciplina Saúde do Adulto”** que tem como objetivo analisar o uso do blog enquanto estratégia pedagógica no apoio à disciplina presencial Saúde do Adulto de um curso de graduação em enfermagem.

Trata-se de uma pesquisa participante, de abordagem qualitativa e seu resultado poderá contribuir no processo de ensino-aprendizado dos enfermeiros.

Para o alcance desse objetivo, você deverá participar da pesquisa respondendo a um questionário estruturado e a uma entrevista semi-estruturada que será gravada com um aparelho digital, após sua autorização.

Trata-se de um projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC) – Nível Mestrado, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) pela mestranda Suiane Costa Ferreira sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Olímpia de Matos Oliveira.

Os aspectos éticos desta pesquisa estão baseados na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Sua participação é voluntária. Sua identidade e demais informações serão mantidas em sigilo. Este estudo não confere risco as suas atividades acadêmicas ou a sua vida profissional. Você terá a liberdade para pedir esclarecimento sobre qualquer questão, bem como se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízo caso sinta algum tipo de constrangimento em responder as questões da entrevista. Se quiser, você terá acesso à gravação da entrevista.

Ademais, os resultados deste estudo serão tornados públicos e garantido o acesso aos seus dados tanto aos sujeitos da pesquisa como à instituição onde a mesma será realizada. Os dados poderão ser divulgados em eventos científicos e revistas nacionais e internacionais. Os mesmos serão arquivados por um período de cinco anos e, e após este período, você será consultado sobre o interesse em ficar com o material ou se este poderá ser destruído.

Você não terá nenhum tipo de ônus e não receberá benefícios financeiros para participar desta pesquisa. As despesas da pesquisa (projeto) estão a cargo das pesquisadoras. Este termo de consentimento livre e esclarecido será assinado pela pesquisadora e por você em duas vias, com o compromisso das pesquisadoras em lhe proporcionar uma cópia do mesmo para seu controle.

Assim, se está claro para o senhor(a) a finalidade desta pesquisa, e se concorda em participar, peço que este documento seja assinado por você e por mim Suiane Costa Ferreira, mestranda do Curso de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, responsável pela condução da entrevista, sob a orientação da Professora Doutora Maria Olívia de Matos Oliveira.

Caso haja dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, contactar com a pesquisadora responsável Suiane Costa Ferreira através do telefone: (71)99029739, e-mail: suif@ig.com.br.

Diante dessas informações, e sentindo-se suficientemente esclarecido (a), a respeito da pesquisa, por gentileza assine esse o termo de consentimento pós esclarecimento que se segue, confirmando sua participação.

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS ESCLARECIDO DOS SUJEITOS

Eu, _____, me considero devidamente esclarecida(o) e aceito participar voluntariamente das atividades da pesquisa intitulada: **“O USO DO BLOG NO CURSO DE ENFERMAGEM: um estudo na disciplina Saúde do Adulto”**. Fui devidamente informado(a) sobre minha participação na entrevista que será gravada com um aparelho digital.

Tomei conhecimento que posso retirar meu consentimento a qualquer momento da pesquisa, sem que isto leve a nenhuma penalidade caso me sinta constrangida(o) durante a sua realização. Estou ciente dos benefícios que os resultados da pesquisa poderão proporcionar ao processo de formação de profissionais enfermeiros.

Sei que minha identidade será mantida em sigilo e que os dados da pesquisa serão arquivados por um período de cinco anos e, vencido esse tempo serei consultado sobre o interesse em ficar com o material ou se libero para ser destruído. Fui também esclarecida(o) que os dados poderão ser divulgados em eventos científicos e revistas nacionais e internacionais. Também sei que não terei nenhum tipo de ônus e que não receberei benefícios financeiros participando desta pesquisa, estando as despesas do projeto a cargo das pesquisadoras. Este termo de consentimento livre e esclarecido será assinado por mim em duas vias, com o

compromisso das pesquisadoras me proporcionarem uma cópia do mesmo para meu controle.

Assim, ratifico que a minha participação é voluntária, o meu consentimento para participar da pesquisa foi de livre decisão, não tendo sofrido nenhuma interferência da pesquisadora. Estou ciente de que não serei remunerada (o) por este ato, de que poderei solicitar a(s) pesquisadora(s) para rever as informações que forneci na entrevista, estando livre para corrigir parte do que foi dito por mim, além de me recusar a continuar participando do estudo a qualquer momento sem causar nenhum prejuízo a minha pessoa ou a minha atividade acadêmica e nem a meu futuro profissional.

Local:

Data: ___/___/_____

Pesquisador (a)

Pesquisado(a)

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS

➤ Sexo: () Masculino () Feminino

➤ Idade: _____

➤ Estado civil: () solteiro () casado () divorciado () viúvo

➤ Possui filhos: () sim () não

➤ Cidade em que reside: _____

➤ Com que frequência você utiliza o computador no seu dia-a-dia?

() todos os dias () 1 vez/semana () 2 a 3 vezes/semana () raramente () nunca

➤ Em que local você mais costuma usar o computador?

() em casa () trabalho () faculdade () lan house () casa de amigos () outros

➤ Qual o uso do computador no seu dia-a-dia? (múltipla escolha)

() lazer () profissional () estudantil () outros

➤ Você tem acesso fácil a Internet? () sim () não

➤ Frequenta páginas de blog na Internet? () sim () não

➤ Possui um blog pessoal? () sim () não

Se a resposta acima foi sim, descreva o endereço eletrônico: _____

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO SOBRE USO DO BLOG

- 1- O que é o blog para você?
- 2- Faça uma avaliação da experiência do uso do blog no apoio à disciplina presencial.
- 3- Ao usar o blog houve contribuição para as discussões e a pesquisa?
- 4- Como você vê a conversa que acontece na sala de aula e a conversa que acontece no blog?
- 5- Como você percebeu a relação entre aluno-aluno e aluno-professor durante esse semestre?
- 6- O blog contribuiu para o processo de reflexão durante o estudo? Como?

ANEXO

ANEXO A



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA FACULDADE MARIA MILZA (CEP-FAMAM)
Autorização nº 185752/2008 – 28 de 31/10/2008

PARECER CONSUBSTANCIADO
PROTOCOLO Nº 080/2012

1 – Identificação

Título: O USO DO BLOG NO CURSO DE ENFERMAGEM: um estudo na disciplina Saúde do Adulto

Pesquisador Responsável: Suiane Costa Ferreira

Instituição: Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Data de apresentação ao CEP: 03 de agosto de 2012

2 – Sumário do projeto

Pesquisa participante, com abordagem qualitativa. Os sujeitos da pesquisa serão todos os alunos matriculados na disciplina Saúde do Adulto, do curso de Bacharelado em Enfermagem de uma Instituição privada, no período de 2012.2. O campo de trabalho desta pesquisa será uma Faculdade privada, localizada no Recôncavo Baiano, onde a disciplina Saúde do Adulto é oferecida no quinto semestre do curso de bacharelado em enfermagem. A escolha por essa Instituição privada de ensino superior baseia-se no fato da pesquisadora compor o quadro de docente, lecionando há três anos na referida instituição, vivenciando as dificuldades do processo de ensino-aprendizado na disciplina Saúde do Adulto. Os instrumentos de coleta de dados utilizados serão: questionário estruturado, entrevista semi-estruturada e o acompanhamento dos comentários dos alunos no blog. No primeiro dia de aula letivo será realizada uma explanação sobre todo o cronograma/conteúdo da disciplina e as estratégias de ensino que vinham sendo utilizada até aquele semestre, trazendo nesse momento, a proposta de implementação do uso do blog como um ambiente virtual de apoio à disciplina Saúde do Adulto. Serão exibidos ainda vários blogs educacionais que são utilizados com a finalidade de ampliar os momentos de discussão, criando novos ambientes de diálogo, interação e aprendizado, levantando questionamentos para inquietá-los e incentivá-los a pensar numa construção do conhecimento para além da sala de aula. Na segunda aula será aplicado o questionário estruturado envolvendo indagações sobre idade, sexo, estado civil, uso de computadores, frequência de acesso a Internet, entre outros, a fim de coletar dados que conduzam a caracterização dos discentes participantes da pesquisa e o perfil da sua relação com o computador e a Internet. Antes da aplicação desse questionário, o mesmo será lido pela professora-pesquisadora para se ter clareza das questões diante dos alunos, em seguida, será feito o mesmo procedimento com o TCLE. Ao final da aula, os alunos



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA FACULDADE MARIA MILZA (CEP-FAMAM)
Autorização nº 185752/2008 – 28 de 31/10/2008

devolverão o questionário e o Termo de Consentimento, devidamente preenchidos, sendo respeitado o anonimato dos mesmos. Num terceiro momento, será ministrada aula teórico-prática direcionada para o uso do blog, e por isso a mesma acontecerá no laboratório de informática da faculdade para que os alunos possam manipular e se familiarizar com as diversas ferramentas da interface, esclarecendo dúvidas que venham a surgir. Será transmitido ainda informações sobre o endereço eletrônico do blog, previamente elaborado pela professora, assim como deixar comentários, responder as enquetes, anexar documentos, participar de chats, sempre visando uma maior segurança no manuseio da interface. Um quarto momento será direcionado para a discussão acerca das futuras atividades que serão postadas no blog e para iniciar, será distribuído um artigo científico para toda a turma, que discute o papel do enfermeiro no mundo globalizado. A partir daí, a professora estimulará a discussão sobre essa temática e os alunos deverão, posteriormente, inserir seus comentários no blog. Ao final do semestre letivo será realizada uma entrevista individual, semi-estruturada, com os alunos para conhecer seus sentimentos/opiniões acerca do uso do blog em apoio à disciplina presencial. As entrevistas serão realizadas pela própria pesquisadora-professora, gravadas em áudio, para posterior transcrição. Caso algum participante recuse-se a responder aos questionamentos por gravação, o mesmo será excluído desta etapa do processo. O tamanho da amostra de participantes será definida à partir do método por saturação teórica. Os dados coletados através do questionário com o objetivo de traçar o perfil dos alunos terão tratamento quantitativo através do método de Estatística Descritiva, onde serão determinadas médias e frequências absolutas. Na abordagem qualitativa, o método utilizado será o da Análise do conteúdo.

Os caminhos teóricos e metodológicos estão adequados e consistentes, subdivididos de forma organizada, clara e embasada em referenciais pertinentes aos objetivos almejados.

3 – Objetivos

Geral

Analisar o blog como estratégia pedagógica no apoio à disciplina presencial "Saúde do Adulto" de um curso de graduação em enfermagem, e suas potencialidades para construção de uma aprendizagem colaborativa, apoiada no diálogo e na interatividade.

Específicos



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA FACULDADE MARIA MILZA (CEP-FAMAM)
Autorização nº 185752/2008 – 28 de 31/10/2008

Acompanhar o uso do blog e sua aceitação pelos estudantes;
Conhecer as opiniões dos estudantes sobre esse ambiente no apoio a disciplina presencial;
Identificar a ocorrência da interatividade e hipertextualidade no ambiente do blog;
Verificar as possibilidades e as limitações da utilização do blog no ensino de enfermagem;
Refletir sobre o uso de novas tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizado em enfermagem.

4 – Considerações quanto ao atendimento aos requisitos das Resoluções do CNS

A estrutura do protocolo de pesquisa está adequada, e segue as observações do capítulo VI da Res. 196/96, contendo informações pertinentes em relação ao retorno dos benefícios para a comunidade e indiretamente para os sujeitos da pesquisa. As informações em relação ao financiamento orçamentário e cronograma são viáveis.

Os dados a serem coletados não agridem a integridade e os direitos das (os) cidadãs (aos) e permitem a execução da pesquisa de forma ética e segura.

Na avaliação do binômio risco e benefício, a pesquisa apresenta benefícios diretos e indiretos para os sujeitos da pesquisa, na medida em que, amplia a reflexão da temática e pode privilegiar as interações e a dinâmica das relações e possibilitar a participação-intervenção, almejando conduzir os alunos do acesso à informação para uma construção do conhecimento compartilhada.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está de acordo com os elementos éticos recomendados pela Resolução 196/96 no capítulo IV, sendo claro e permitindo a anuência dos sujeitos da pesquisa de forma objetiva, contemplando os riscos e garantindo o sigilo e guarda das informações obtidas pelo CEP.

5 – Conclusão

Aprovado.

6 – Recomendações

O documento apresentado ao CEP-FAMAM, foge ao modelo estrutural de um projeto de pesquisa, pois, a autora aproveitou o "Relatório para Exame de Qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa IV: Formação do Educador, Currículo e Tecnologias Intelectuais para a obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade." e promoveu reformulações para apresentar uma proposta de pesquisa.



COMITÉ DE ÉTICA EM PESQUISA DA FACULDADE MARIA MILZA (CEP-FAMAM)
Autorização nº 185752/2008 – 28 de 31/10/2008

O objetivo geral apresentado deve ser reformulado, pois, a Pesquisadora não deve analisar o blog como estratégia pedagógica..., e sim, analisar a utilização do mesmo no processo ensino-aprendizagem.

Governador Mangabeira, 25 de agosto de 2012

Robson Rm Cotrim Duete
Coordenação Comitê de Ética
Faculdade Maria Milza



